

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

*“Psicologia de Grupos: pesquisadores em isolamento e confinamento
na Antártica”*

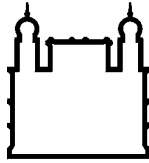
por

Geny de Oliveira Cobra

*Tese apresentada com vistas à obtenção do título de Doutor em Ciências
na área de Saúde Pública.*

Orientador: Prof. Dr. Jorge de Campos Valadares

Rio de Janeiro, junho de 2008.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

Esta tese, intitulada

***“Psicologia de Grupos: pesquisadores em isolamento e confinamento
na Antártica”***

apresentada por

Geny de Oliveira Cobra

*foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes
membros:*

Prof.^a Dr.^a Lúcia de Siqueira Campos

Prof. Dr. Luiz Alberto Pinheiro de Freitas

Prof.^a Dr.^a Marilene de Castilho Sá

Prof. Dr. Marcelo Firpo de Souza Porto

Prof. Dr. Jorge de Campos Valadares – Orientador

Tese defendida e aprovada em 13 de junho de 2008.

Para meu filho Lorian.
Para os pesquisadores na Antártica.

Agradecimentos Especiais:

Aos meus orientadores Jorge de Campos Valadares
e Gary D. Steel.

À Fundação Oswaldo Cruz que nos financiou para a realização desse trabalho.
À Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que nos
financiou a bolsa para a Nova Zelândia.

Agradecimentos

O relativo isolamento, necessário para escrever um trabalho científico, estimula a criatividade. Meu querido filho Lorian Cobra Straker agradeço sua presença, e nossas conversas sempre estimulantes nos momentos de dúvidas e angústias. Meus pais, embora ausentes fisicamente, estão presentes em meu espírito e coração. Fabiana McCord sempre querida e interlocutora em vários momentos importantes para esse trabalho. Irmãos e irmãs presentes nas lembranças. Jorge de Campos Valadares meu orientador que soube me proporcionar liberdade no pensar para executar esse trabalho. Gary D. Steel pelo acolhimento na Nova Zelândia e pela generosidade como co-orientador. Soube passar-me sua experiência de pesquisador na Antártica. Dra. Helena Passeri e Dra. Lucia Campos da UFRJ que me estimularam e ajudaram na pesquisa de campo. Dr. Adauto José G. De Araújo que nos apoiou na aquisição da bolsa sanduíche para Nova Zelândia. Dra. Maria Cristina Rodrigues Guilam, Coordenadora da Pós-Graduação, pelo apoio que nos deu para a execução do nosso trabalho. Graça Belo de Campos pela paciência e ajuda na revisão desse trabalho. André S. dos Santos da Coordenação Acadêmica da ENSP sempre solícitos e disponíveis em nos ajudar. Eduardo Silva Pinto da Secretaria Acadêmica da ENSP sempre atencioso. Rose Silva, da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação, por sua generosidade e gentileza no processo da bolsa sanduíche para Nova Zelândia.

Resumo: Esse trabalho tem como foco pesquisar grupos de pesquisadores brasileiros vivendo em isolamento e confinamento na Antártica. É uma pesquisa qualitativa com observação indireta das formas de interação, organização, estrutura e cultura dos grupos de pesquisadores que trabalharam na Antártica, cujos projetos de pesquisa fazem parte do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR). Foram entrevistados 20 pesquisadores das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, que estiveram na Antártica nos anos de 2005, 2006 e 2007. As entrevistas foram gravadas e posteriormente analisadas. Cada integrante foi considerado como um sujeito em grupo e porta-voz do grupo em sua totalidade. Seus relatos foram analisados sob a luz de teorias da psicanálise de grupo e psicologia social de grupo e da técnica de análise do discurso. Foram identificados três tipos de pequenos grupos: *o grupo dos acampados*, *o grupo dos embarcados* no navio oceanográfico (NapOC) Ary Rongel, e *o grupo de pesquisadores da Estação Ferraz*. Cada um desses grupos apresenta característica, estrutura e cultura próprias. Os grupos os acampados e os embarcados se reportam ao comandante do NapOC Ary Rongel que lhes propicia a logística necessária para a realização de suas pesquisas. O Grupo Base da Estação Comandante Ferraz é composto por profissionais da Marinha e são responsáveis pela manutenção da Estação e logística para os pesquisadores. A interação entre o Grupo Base e os pesquisadores é importante para o bem-estar de todos e para a realização das pesquisas. O chefe da Estação, enquanto líder funcional, é avaliado como líder autocrático ou democrático dependendo de sua personalidade. A pesquisa revelou que a experiência na Antártica tem impacto na personalidade dos pesquisadores; desenvolve a noção de limites emocionais com relação ao outro; contribui para a transformação pessoal; desenvolve a capacidade de lidar com um ambiente extremo e desenvolve o sentimento de pertencer a uma comunidade – a comunidade Antártica. A vivência na Antártica promove a transformação pessoal e desenvolve vínculos duradouros com o ambiente.

Palavras-chaves: Antártica, grupos, transdisciplinaridade, pesquisadores.

Abstract: This work is a qualitative research and has its focus on the Brazilian Antarctic groups living in isolation and confinement. It consists of indirect observation of the interaction, structure and culture of researchers groups, after their field work in Antarctica. Their projects are part components of the Brazilian Antarctic Programme (PROANTAR). Twenty Brazilian scientists from the cities of Rio de Janeiro and São Paulo that worked in Antarctica on the years 2005, 2006 and 2007 were interviewed. These interviews were taped for further analysis. Each scientist (as a subject in the group) was considered a spokesman for the group as a whole. Their discourses were analyzed under the light of group psychoanalysis, group psychology and discourse analysis technique. Our results show that there are three types of small groups: *the camping group*, *the boat group – Oceanographic boat (NApOC) Ary Rongel* – and the Comandante Ferraz Antarctic Station (*EACF*) group; wherefore each group presented their own characteristics, structure and culture. The logistic and functional coordination for the camping group and the boat group are of NapOC Ary Rongel captain's responsibility. The Base Group is composed of Navy professionals that promote the Comandante Ferraz Antarctic Station maintenance and the logistic for the researchers groups. The interaction between the scientists and the Base Group is an important factor for their well being and research accomplishments. The chief of station, as a functional leader, is seen as an autocratic or a democratic leader depending on his personality. Our observations show that the Antarctic experience has a great impact in scientists personality and promotes the development of boundary feelings with others and environment coping; and also creates the sense of belonging to a community – the Antarctic Community. Antarctica is a place of personal transformation and place attachment.

Key words: Antarctic, groups, transdisciplinarity, researchers.

SUMÁRIO

Introdução Geral	12
Estrutura do texto	14
Considerações Metodológicas	16
A pesquisa	19
Proposta de análise	20
A transdisciplinaridade	23
O grupo na estação Antártica Comandante Ferraz	26
Os ambientes	28
Perspectivas Teóricas	29
A fantasia do grupo	29
Fragmentos da evolução de estudos de grupos	32
O grupo em isolamento e confinamento	38
Formação dos grupos	43
Estrutura de grupos	44
Os pequenos grupos e subgrupos	45
A liderança	48
Os papéis no grupo	51
OS GRUPOS NA ANTÁRTICA	54
Capítulo I: “Os Acampados”	55
1.1 - O sonho Antártico	56
1.2 – Os acampados	58
1.3 - Primeiro momento	60
1.3.1 - O destino do grupo “Os Acampados”	60
1.3.2 – A organização do grupo	60
1.3.3 – O processo de inclusão e exclusão	62
1.3.4 – A mulher no acampamento	63
1.3.5 – A viagem	67

1.4 – Segundo Momento	70
1.4.1- O desembarque	70
1.4.2 – A imensidão	75
1.4.3 – A privacidade	77
1.4.4 – Os acontecimentos do acampamento	80
1.4.5 – A cultura de grupo	89
1.5 - Terceiro momento	92
1.5.1 – A retirada da ilha James Ross	92
1.5.2 – Na estação Ferraz	94
1.6 – Quarto momento	98
1.6.1 - A volta da Antártica	98
Capítulo II: “Os embarcados”	102
2.1 – Drake o sentinela da Antártica	103
2.2 – Os navios Antárticos	105
2.3 – Os grupos NApOC Ary rongel	107
2.3.1 – Grupo base do navio	107
2.3.2 - O grupo “Os embarcados”	108
2.4 – Organização do grupo	109
2.5 – Estrutura do grupo	111
2.5.1 – A cultura do grupo em Bion	114
2.5.2 – A cultura de intergrupos	117
2.5.3 – A hierarquia	117
2.5.4 – Conflitos intergrupais	119
2.6 – Acontecimentos do navio	124
Capítulo III: “Os grupos da Estação Ferraz”	128
3.1 – A Estação Antártica Comandante Ferraz – EACF	129
3.2 – Os grupos da Estação Ferraz	131
3.3 – O Grupo Base	132
3.4 – O grupo “os pesquisadores da estação”	133
3.5 – Organização do grupo	136
3.5.1 – Verão austral	137

3.5.2 – Dinâmica do grupo	139
3.5.3 – O trabalho	141
3.5.4 – Saúde e ambiente	144
3.6 – Cultura do Grupo	149
3.6.1 – No verão	149
3.6.2 – No inverno	151
3.6.3 – Liderança	153
3.6.4 – Acontecimentos da Estação	155
3.7 A magia do lugar	159
3.8 O Clube do Gelo	162
3.9 O Treinamento Pré-Antártico	163
Considerações Finais	165
Referências	172
Consultas à Internet	179
Leitura Complementar	180

Nas janelas do tempo

Chego à janela da vida e olho o tempo.
Mas que tempo? O tempo da vida.
Como se a Vida tivesse tempo!
A vida é Vida.

Se não vivida ela passa com o tempo.
O vento vem e a leva no tempo.
Sopra tão forte que fica perdida...
no tempo da vida.

O vendaval desarruma, confunde.
Da fluidez para a tormenta...
Não há mais o que olhar, a janela se foi...
Estamos dentro do tempo, dentro do caos...

Onde está a janela do tempo?
Preciso da janela para olhar pra fora...
Sem janela o tempo entra em mim...
E fico só dentro.

Quero sair,
Ficar no tempo de fora,
Preciso é...
Viver nas janelas do tempo.

Geny Cobra

Rio, 15/04/08

Introdução Geral

Iniciamos nossa investigação com a pergunta: como os grupos se organizaram e interagem em ambiente isolado como o da Antártica. Verificamos que na Antártica sobressaem duas condições da vida humana, a vivência em grupo e a vivência em isolamento e confinamento. Ambas relacionadas a dois ambientes, o ambiente do grupo e o ambiente antártico. Parecem antagônicas, pois, viver em grupo, geralmente, significa não estar isolado e muito menos confinado. Mas existem circunstâncias de vida que colocam os seres humanos nessas duas condições, organizando o que chamamos de sobreposições vividas na multidimensionalidade existencial. Nossa concepção do significado da palavra existencial não é linear e tampouco bidimensional, pois, no nosso ver, estamos sempre imersos em múltiplas dimensões capturadas por múltiplas percepções sonoras, olfativas, tácteis e visuais. O trabalho da psicologia, voltado para a interação grupo-ambiente, é estudar, compreender, analisar e explicar essas dimensões e como elas geram e influenciam as sensações, as ações, as interações e os comportamentos do indivíduo consigo mesmo e com o outro.

Nosso objetivo foi verificar três hipóteses: 1) o indivíduo na Antártica está imerso no social; 2) o indivíduo está imerso no ambiente antártico; 3) o grupo, enquanto um espaço de interação social e emocional, funciona como um ambiente simbólico.

Comprendemos que a imersão no social não necessariamente exclui o ambiente. Entretanto, nesta investigação recortamos espaços, tempos e situações para conseguirmos dimensionar e compreender os processos existentes nessa imersão, e no viver em grupo. São janelas que abrimos para olhar o ‘fora’ sem esquecer que o fazemos a partir do ‘dentro’. Esse ambiente estudado inclui o físico e o psíquico. É o que Kurt Lewin (1965:71) aconselha: “descrever ‘objetivamente’ a situação significa em Psicologia realmente descrever a situação em sua totalidade (...)”.

O viver em grupo significa ocupar um lugar nesse ambiente simbólico, muitas vezes definido pelo entrelaçamento de fatores e fenômenos psicológicos, os quais determinam processos psíquicos únicos e singulares na interação humana. No pensamento de Freud, explica René Kâes (1997), o grupo é primeiro uma forma e um processo da psique individual; mais tarde a noção de grupo estará contida na acepção intersubjetiva para designar certa forma de sociabilidade e um lugar extra-individual da realidade psíquica. Tais relações intersubjetivas promovem vínculos estabelecidos

a partir de necessidades, que se constituem e se matizam com intensidades particulares, sobrevividas da interferência das fantasias inconscientes.

Freud discute em seu livro, *A Psicologia dos grupos e a análise do ego* (1987), a teoria de Le Bon sobre “grupo psicológico”, bem como, tenta compreender como os indivíduos na inter-relação grupal se mantêm coesos. Ele chama de grupo psicológico o fato de o indivíduo, em grupo, adquirir um tipo de mente coletiva que o faz sentir, pensar e agir de forma muitas vezes diferente de outras tantas quando ele está só. Vários processos entram em jogo nessa relação de grupo, tais como, prestígio, liderança, identificação, sentimento de invencibilidade, responsabilidade, sugestibilidade e muitos outros. Freud, guiado pelo questionamento de como os indivíduos mantêm-se coesos no grupo, ressalta que sentimentos afetivos e processos de identificação são fatores importantes para a coesão dos indivíduos no grupo.

Na verdade, o grupo é um lugar onde o sujeito nasce, cresce, constrói sua identidade social, constitui seu próprio grupo, trabalha, tem prazer e desprazer, recebe apoio para morrer, isolado em si mesmo, só. Então, como indivíduos, trazemos também a grupalidade dentro de nós. A palavra indivíduo, segundo Silva (2002), tem origem no latim, *individuus*, em oposição a *dividuus*, dividido, assegurando, assim, a indivisibilidade do sujeito. Entretanto, partes do sujeito se relacionam em grupo e no grupo. E essas partes utilizam a transferência, a projeção, a introjeção de forma a interagir com os indivíduos fora de si. As transferências laterais, conceito utilizado por Käs (1997) e Béjarano (1978), são os veículos de transporte das linguagens intra e intergrupais.

A segunda condição, a vivência em isolamento, é circunscrita pelo ambiente físico, externo, a Antártica¹, que carrega para muitos uma aura mística, apesar de hoje ser um lugar mundano, no sentido de lugar do mundo onde o ser humano vai para trabalhar e vai como turista. Ir à Antártica, nas condições de hoje, não significa um jogo de desafiar a morte como, certamente, o foi para os exploradores Scott, Amundsen, Shackleton, Byrd e outros. Os riscos de acidentes são reais, da mesma forma que são reais os de uma fábrica e os do trânsito no cotidiano urbano. A Antártica é um tipo de ambiente que, por ser extremo e exótico, é diferente psicológica e fisicamente de todos aqueles com os quais estamos acostumados,

¹ Segundo Aristide Pinto Coelho (1983) em *A Antártida*, quando se refere ao continente usa-se o nome Antártida; e Antártica para as ilhas, enseadas, estações, enfim regiões e lugares do continente. Ulisses Capozoli (1995) em seu livro *Antártida. A Última Terra*, também adota esta mesma forma de se referir ao Continente da Antártida. Seguiremos estas duas referências em nosso estudo.

especialmente o longo inverno austral em algumas estações desse continente, muitas das quais, são comparadas por Suedfeld (2000) a uma base lunar ou à Marte.

Por todas essas razões e, principalmente, porque tem um papel tão importante na pesquisa científica que, além de gerar novos conhecimentos, torna-se um lugar análogo a outros ambientes interplanetários permitindo o treinamento de viagens ao espaço, o continente da Antártida continuará a receber seres humanos visitantes durante muitos anos. Também continuará a despertar o interesse de psicólogos para compreender os fenômenos da interação humana nas comunidades das estações lá existentes.

A Estação Antártica Comandante Ferraz - EACF, situada na Baía do Almirantado na ilha Rei George, Arquipélago Shetlands do Sul. Implantada na península Keller, na posição 62° 05' latitude sul e 58° 24' longitude oeste, foi inaugurada em 06 de fevereiro de 1984 e está instalada em área da Antártica marítima, oferecendo ampla e com boas condições de acesso (MARTINS, 1998; PROANTAR, 1998; CAPOZOLI, 1995).

Nosso interesse em estudar o ser humano na Antártica e, especialmente, compreender as interações intra e intergrupais nessa população, data de dez anos atrás, quando ainda se falava muito pouco desse continente, no Brasil. Quando fizemos nossa viagem à Antártica em 1994, em um transatlântico italiano, duas questões chamaram nossa atenção, uma foi a visualização do isolamento da estação argentina Esperanza, e a outra foi a experiência de confinamento no navio. Inicialmente foram essas as motivações que nos conduziram a uma pesquisa teórica sobre as investigações referentes ao ser humano vivendo em isolamento na Antártica. Mais tarde verificamos a importância do continente gelado para pesquisas relacionadas ao meio ambiente, à questão da camada de ozônio, com relação ao clima e principalmente com relação à interação humana em ambiente isolado.

Hoje, estamos apresentando nossa pesquisa realizada junto aos pesquisadores brasileiros que trabalharam na Antártica nos anos de 2005, 2006 e 2007. É uma pesquisa exploratória e qualitativa, cujo desenho consistiu em entrevistar um total de 20 pesquisadores de diferentes instituições de ensino e pesquisa das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

A estrutura do texto

Na primeira parte do texto apresentamos as considerações metodológicas, consideradas por nós como um mapa ou um guia para se pensar a estruturação da

pesquisa, em geral e dos grupos, em particular. Trabalhamos com o paradigma da transdisciplinaridade, o que nos proporcionou a possibilidade construir um diálogo entre a psicanálise de grupo, a psicologia social, a antropologia, sem, contudo interferir nesses saberes. Também permitiu-nos uma visão mais abrangente de um grupo, dando-nos condições para escrevermos o presente trabalho com mais clareza e consistência. Em seguida, apresentamos as perspectivas teóricas, trabalhadas na interface e nos pontos de contato entre a psicanálise de grupo e a psicologia social de grupo. Certamente investigações futuras serão necessárias para um maior aprofundamento desse diálogo, especialmente com relação às teorias funcionalistas e a psicanálise de grupo, mas tais pontos constituíram um tecido, dentro de um quadro teórico bastante vasto, para nossa base de análise. Também nos permitiram o delineamento de um quadro contextual possível para pensar a psicologia de grupos vivendo em isolamento e confinamento na Antártica.

Na segunda parte, onde apresentamos os grupos na Antártica, nosso foco é mostrar os resultados nas formas de organização de grupos, nas estruturas, nas dinâmicas e nas linguagens e acontecimentos próprios de um grupo em isolamento e, principalmente, expor as formas de interações dos integrantes dessa comunidade. Em um primeiro momento, pensamos trabalhar somente os grupos da Estação Ferraz, mas deparamo-nos com a impossibilidade de incluir o grupo base da Marinha nas nossas entrevistas. Entretanto, no decorrer dos contatos realizados com os 20 pesquisadores brasileiros, um novo quadro de possibilidades surgiu, pois avaliamos que esse grupo estava formado de diferentes pequenos grupos, cujas atividades de pesquisa na Antártica, não se restringiam somente à Estação Ferraz. Embora fazendo parte do Programa Antártico Brasileiro, em seu trabalho, os pesquisadores apresentaram três diferentes conformações de grupo: aqueles que acampavam, aqueles que ficavam e trabalhavam no navio e aqueles outros que restringiam seu trabalho à Estação Ferraz. Nos três capítulos seguintes abordamos e descrevemos os três grupos, analisando-os a partir da perspectiva teórica antes delineada.

No Capítulo I apresentamos o grupo “os acampados”. A característica dele foi o fato de seus integrantes terem permanecido acampados na Antártica para realizar suas pesquisas. Alguns integrantes desse grupo foram à Antártica pela primeira vez. Descrevemos a dinâmica desse grupo e analisamos a interação de seus integrantes na trajetória de ida, permanência e volta. Para tanto, recortamos as entrevistas de forma a compor uma seqüência histórica de sua convivência na viagem.

No capítulo II analisamos o grupo “os embarcados”, cuja característica principal foi a de terem permanecido no navio durante toda a estada na Antártica. Dos entrevistados, foi o grupo com menor número de integrantes. Também descrevemos as formas de interação entre eles, a estrutura do grupo, a eleição de um líder e as interações intergrupais. A metodologia aplicada foi compor uma seqüência histórica de sua convivência na viagem.

No Capítulo III apresentamos o grupo “os pesquisadores da estação”, cuja característica foi a permanência de seus integrantes na Estação Ferraz durante o verão. Entretanto, alguns ficaram lá parte do inverno e outros já tinham ficado por um período de dez meses ou mais. Outra característica desse grupo foi de ser composto por pesquisadores que tinham mais experiência de Antártica. Descrevemos e analisamos as interações intra e intergrupais de toda a comunidade da Estação Ferraz, incluindo o Grupo Base como um grupo virtual. O Grupo Base da Estação Comandante Ferraz é composto por profissionais da Marinha, os quais são responsáveis pela manutenção da Estação e logística para os pesquisadores. Como fizemos nos outros grupos, recortamos as entrevistas de forma a compor uma seqüência histórica de sua convivência durante a permanência na Estação Ferraz.

E por último, nas considerações finais, fizemos uma reflexão em que avaliamos nossa pesquisa. Não consideramos a abordagem de grupo aqui realizada como completa e a única possível, mas sim uma forma de avaliar um grupo na perspectiva exploratória. Uma observação indireta é sempre parcial, pois ela é delineada a partir de relatos colhidos em entrevistas e, mais tarde, tecida pelo investigador com o intuito de dar-lhe uma forma seqüencial e histórica do período vivido, da memória e percepção do entrevistado.

Considerações metodológicas

Para chegarmos à nossa pesquisa de campo percorremos um caminho longo e cheio de incertezas. É interessante mencionar aqui esse caminho percorrido, pois ele faz parte de nossas dúvidas e decisões metodológicas.

O ano do doutorado de 2005 foi o de maior volume de trabalho e de decisões com relação a esse estudo. No início desse ano, após grande esforço e inúmeras tentativas, verificamos que aqui no Rio de Janeiro e, até podemos generalizar, no Brasil, estudos sobre psicologia relacionados à Antártica são quase inexistentes.

O Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) é administrado e operado por civis e militares. O Presidente da República é o comando supremo do PROANTAR.

O qual resulta da soma de diversos órgãos do governo federal, reunidos pela Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM). Fazem parte efetiva da Comissão os Ministérios da Defesa, das Relações Exteriores, da Ciência e Tecnologia, do Meio Ambiente, da Educação e das Minas e Energia (MACHADO e BRITO, 2006).

Ao Ministério da Defesa através da Marinha do Brasil, onde está instalada a Secretaria da Comissão Interministerial para Recursos do Mar (Secirm), cabe a responsabilidade pelo apoio logístico à realização da pesquisa científica. A Marinha também é responsável pela manutenção da Estação Antártica Comandante Ferraz e do Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel. A Aeronáutica participa com os vôos dos aviões Hércules para o transporte de pesquisadores, equipamentos e mantimentos (CIRM, 2004-2005; MACHADO e BRITO, 2006).

O Ministério das Minas e Energia fornece, através da Petrobrás, todo o combustível utilizado no transporte e na geração de energia na estação, nos refúgios e nos acampamentos. Já o Ministério das Relações Exteriores faz a interlocução com os demais países membros do Tratado da Antártica (MACHADO e BRITO, 2006).

O Ministério da Ciência e Tecnologia é o responsável pelas diretrizes da pesquisa brasileira realizada no PROANTAR. A seleção e execução das pesquisas são de responsabilidade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Cabe ao Ministério do Meio Ambiente a avaliação dos impactos ambientais de cada projeto na Antártica, bem como o monitoramento da Baía do Almirantado, área onde está instalada a estação brasileira. Ao Ministério da Educação cabe a difusão e divulgação das pesquisas brasileiras a todo o sistema educacional brasileiro e por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) estimular a criação de novos grupos de pesquisa. A difusão tem sido feita por meio de programas da TV Escola e publicação de material didático (MACHADO e BRITO, 2006).

Todo trabalho relacionado à psicologia na Antártica fica a cargo do departamento de Recursos Humanos da Marinha responsável pelo treinamento e seleção – o Treinamento Pré-Antártico (TPA) – dos cientistas e também dos militares.

O Programa Antártico Brasileiro por ser ainda novo e nossa cultura tropical estar longe de uma cultura do gelo, foram razões suficientes para justificar a falta de material publicado relacionado à psicologia na Antártica. Tampouco conseguimos material sobre o trabalho de recursos humanos da Marinha do Brasil na Antártica.

Então decidimos ir para a Nova Zelândia, com bolsa sanduíche de seis meses, para estudar com o Psicólogo Social Dr. Gary Steel na Universidade de Lincoln em Christchurch.

Dr. Gary Steel é um cientista canadense radicado na Nova Zelândia, trabalha com Psicologia Social e Psicologia Polar, realizando pesquisas nos dois extremos polares. É representante do Comitê de Ciências Sociais em Ciência Antártica na Sociedade Real de Psicologia da Nova Zelândia e Membro do Expert Group em Ciências Biológicas e Medicina no Scientific Committee on Antarctic Research - SCAR. Suas primeiras pesquisas centraram-se na relação do homem com os ambientes gelados e recentemente vem realizando pesquisas sobre os grupos humanos na Scott Base – base Antártica da Nova Zelândia.

Apresentamos em nossa qualificação, realizada em novembro de 2005, um primeiro projeto, cuja metodologia era a observação participante, já que almejávamos ir à Estação Antártica Comandante Ferraz para fazer a observação dos grupos humanos na Antártica. Foi um momento de grande expectativa para a realização daquele projeto. Infelizmente ele não foi aceito, pois havia naquele ano um estreitamento financeiro do PROANTAR, e a prioridade foi dada aos projetos técnicos já iniciados.

Já em dezembro de 2006, após esse resultado, fizemos uma revisão do projeto e decidimos realizar uma pesquisa de âmbito exploratória. Após o estágio de seis meses junto ao professor Dr. Gary Steel, reavaliamos o campo teórico daquele e elaboramos o segundo projeto. O contato com um ambiente como o de Christchurch, onde a questão da Antártica para o neozelandês é de orgulho nacional, nos facilitou acesso a uma aprimorada literatura sobre os relacionamentos humanos no gelo. Também fizemos contato com alguns pesquisadores da Scott Base. O estágio foi muito proveitoso tanto no campo teórico, como no vivencial, isto é, conversamos e entrevistamos informalmente alguns pesquisadores e inclusive o próprio Dr. Dean Peterson que havia sido chefe da Scott Base² no ano anterior e, naquele momento, era o Science Strategy Manager do Projeto Antártico neozelandês.

² O projeto Antártico da Nova Zelândia é civil - como quase todos os países integrantes do Tratado Antártico, com exceção dos países da América do Sul que são civis-militares. A participação militar no projeto antártico da Nova Zelândia se restringe à Aeronáutica, que dá suporte no transporte dos pesquisadores. Na Scott Base o chefe, subchefe e administradores da base, além de serem civis, também são cientistas. Depois que trabalham na Antártica, eles atuam em terra na administração, logística, organização e seleção dos projetos científicos para o Projeto Antártico. Quando a administração é civil, cada país tem sua própria forma de administração de sua Estação na Antártica.

A Pesquisa

Retornando ao Brasil em final novembro de 2006, repensamos um novo desenho para nossa pesquisa e seus objetivos. A metodologia qualitativa foi considerada a mais adequada dentro de uma perspectiva de pesquisa exploratória. E para isso, nos propusemos uma investigação indireta, com os pesquisadores brasileiros egressos do programa brasileiro. Após a aprovação do nosso novo projeto pelo Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz, o que ocorreu em março de 2007, iniciamos nosso contato com os pesquisadores sediados no Rio de Janeiro.

Duas pesquisadoras brasileiras, que havíamos conhecido dois anos antes de iniciarmos a pesquisa, foram nosso contato inicial e, através delas, conhecemos os diferentes grupos de pesquisadores de instituições engajadas nos programas da Antártica. Elas foram nossas ‘informantes’ no sentido dado por Malinowski (1978) indicando-nos os pesquisadores para serem entrevistados. A entrada em campo, como acentua Maria Cecília Minayo (1993), é um momento crucial porque o investigador deverá se fazer aceito pelos sujeitos entrevistados e convencê-los da importância de sua contribuição para a investigação. Também Roberto DaMatta (1981) considera a entrada no trabalho de campo como um ritual de passagem para o pesquisador. Segundo DaMatta, o informante, semelhante ao ‘padrinho’ do noviço religioso, muitas vezes toma a forma de um amigo, instrutor, professor e companheiro.

Iniciamos as entrevistas com os cientistas brasileiros em março de 2007. Fizemos contato com aqueles que estiveram na Antártica nos anos de 2005, 2006 e 2007. A maioria reside na cidade do Rio de Janeiro. Todos foram extremamente cooperativos e gentis em relatar suas experiência e vivência em grupo na Antártica. Concordaram prontamente em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de iniciarmos a gravação de seus relatos.

Contando com a boa vontade desses pesquisadores, conseguimos realizar um total de 20 entrevistas em um período de 10 meses e todas foram gravadas e transcritas. As entrevistas perfizeram um total de 16 horas e 15 minutos de gravação transcrita. O grupo de 20 entrevistados é formado por cinco mulheres e 15 homens. O grupo é composto por pesquisadores doutores, doutorandos, mestrandos e graduados principalmente em biologia. A idade média entre todos os entrevistados é em torno de 34 anos.

Nas entrevistas aplicamos perguntas abertas como, por exemplo “descrever como você percebe o que seja um grupo”; “descrever a experiência em grupo na Antártica”; “descrever sua rotina na Antártica”; “fale sobre sua relação com a equipe da qual você fez parte na Antártica”; “fale sobre a relação dos pesquisadores com o Grupo Base”. E no decorrer da entrevista, com o intuito de explorar a experiência de cada um dos entrevistados, formulamos outras perguntas para estimular o encadeamento das lembranças.

As entrevistas, em número de 19, foram realizadas individualmente. Exceto a entrevista número 18 que foi realizada com duas pessoas simultaneamente. A entrevista 19 foi realizada individualmente e por telefone, porque o pesquisador mora em outro estado. Na entrevista de número 18 entrevistamos dois pesquisadores de São Paulo, em novembro de 2007 no I Simpósio em Ecologia – Ecologia Antártica, Mudanças Climáticas e o Ano Polar Internacional, do qual participamos. Por problemas de agendamento e disponibilidade de tempo resolvemos entrevistar os dois juntos. Esses pesquisadores, além de terem realizado trabalhos de pesquisa na Antártica no período de 2005 a 2007, também fizeram parte do grupo mais antigo, pois vão lá desde 1986 - praticamente desde o início do funcionamento da Estação Antártica Comandante Ferraz. O depoimento deles contém material muito importante para compreendermos a evolução e o desenvolvimento dos grupos e dos trabalhos de pesquisa e de treinamento para o programa brasileiro na Antártica.

Propostas de Análise

Os discursos dos cientistas ou relatos (material colhido nas entrevistas), serão apresentados ao longo deste estudo, de forma que possam dar um *panorama ou uma seqüência ‘histórica’ de como os grupos dos anos 2005, 2006 e 2007 se organizaram e interagiram em ambiente isolado como o da Antártica*. Qualquer mensagem ou relato pode trazer conotações ambíguas, premissa de Biling (BILING *apud* IÑIGUEZ, 2004), que apoiamos. E para dar conta dessa ambigüidade nós, investigadores, não podemos seguir direções de análise da mensagem ou relato que conduzam a um objetivo predeterminado e sim interagirmos com os argumentos inerentes no relato das pessoas e, usarmos toda a gama de ferramentas analíticas ao nosso dispor, para que consigamos trazer à luz tudo aquilo que não está explícito, de forma a construirmos nosso objeto de análise: *o grupo ou grupos*.

A convivência intensa em comunidade isolada tende a propiciar a organização de pequenos grupos (LUGG, 1973). Como nos lembra Didier Anzieu (1978) existe grupo e não simples reunião de indivíduos, quando vidas psíquicas individuais tendem a constituir, interna e externamente, uma vida psíquica grupal mais ou menos autônoma. Também os psicanalistas René Käs (1997, 1977) e Wilfred R. Bion (1975) acreditam que a convivência em grupo leva o indivíduo a criar uma vida psíquica grupal autônoma diferente da dinâmica psíquica individual. Sigmund Freud (1987), José Bleger (1979) e os psicanalistas contemporâneos acima mencionados e muitos outros defendem a hipótese, que no agrupamento e no coletivo se constitui um processo psíquico grupal.

Nesse estudo os relatos são avaliados como criações ou restituições de experiências, de lembranças, de fatos experienciados e memória das experiências vividas. Restituições tanto no sentido dos pesquisadores recriarem os fatos já vividos no relato, como também no sentido de serem restituídos no ato de escrever. E ainda, através das restituições dos relatos pretendemos construir as relações intersubjetivas dos grupos vividos. Segundo Henri Bergson (1999:199) essas experiências, muitas vezes ausentes de nossa consciência “visto que ultrapassam o horizonte percebido, mesmo assim parecem atualmente dadas”. Isso porque, na medida em que o sujeito relata fatos de sua experiência de forma livre ele se situa a meio caminho entre o simbólico e aquela mesma realidade (VALADARES, 1994).

O discurso ou relato dos cientistas enquanto um *corpus* de conhecimento, no nosso ver, recria emocional e simbolicamente suas experiências na comunidade vivida na Antártica. Nesse sentido o entrevistado ocupa o lugar e a função de porta-voz, semelhante ao que Käs (1997) descreve de *portar a palavra do outro* ou exercer uma delegação recebida por mais de um outro. Como *porta-voz* o sujeito traz implícito, em tal delegação, as proibições e as prescrições definidas pelo grupo que representa. E ao mesmo tempo, enquanto narrador com sua estratégia de narração, ele seleciona, hierarquiza e ordena a informação de tal forma que interfere na mesma.

Neste estudo nossa pretensão não é de diagnóstico, mas sim de conhecimento. E como todo novo conhecimento nunca é completo ou acabado, colocaremos nossa avaliação mais como questionamentos do que respostas prontas. Nossa ambição é conseguirmos *avaliar alguns pontos fundamentais na recriação de formações grupais* através dos relatos e discursos dos cientistas. Esses pontos são *a estrutura* e *a dinâmica* dos grupos, *as relações intersubjetivas* nos grupos e o papel do grupo no

sentido de *apoio* ou *suporte* material e emocional. Cada ponto mencionado será discutido ao longo do estudo dos grupos.

A preservação da identidade dos entrevistados é um ponto fundamental para nós. Então decidimos apresentar os relatos de forma condensada, isto é, não os separaremos pela fala de cada sujeito entrevistado, mas sim pela *associação* dos fatos e relatos em um só discurso, imprimindo neste, as idéias de um grupo imaginário e o conjunto histórico do material verbalizado por ele. É o que os psicanalistas Foulkes e Anthony (1965) chamam de quasi-associações de um contexto comum, o grupo, composto por diferentes sujeitos reagindo e respondendo uns aos outros.

Embora tenhamos emprestado da psicanálise o termo *associação*, que no sentido clínico consiste em “dois ou mais elementos psíquicos, cuja série constitui uma cadeia associativa” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1997:36), esse termo será utilizado mais como um instrumento de raciocínio analítico ou uma técnica de análise de discurso. Mesmo que estejamos familiarizados com a área clínica, optamos por tratar os relatos neste estudo na fronteira entre a análise clínica e a análise do discurso. Avaliamos que, ao contrário da verticalidade na terapêutica de grupo, o olhar do investigador na investigação exploratória tende a captar a realidade psíquica interna e a realidade natural e social externa de forma mais horizontal (FOULKES e ANTHONY, 1965). Assim a associação além da função de associar os fatos e os relatos, também ligará conceitos e expressões emocionais do grupo.

Para Iñiguez (2004) ao descrever um acontecimento ou uma situação social, o sujeito está, simultaneamente, construindo essa mesma situação social ou acontecimento. Pode-se dizer que do ponto de vista do discurso e suas formas de categorização, atribuir estados mentais, inclinações, caráter, sentimentos, crenças e motivações ao grupo, possibilita transitar por níveis de associação e, ao mesmo tempo, criar o discurso do grupo.

O encadeamento do discurso do sujeito, segundo Freud (1978), decorre de uma organização complexa da memória. Essa organização supõe a memória cognitiva e a memória emocional, permitindo assim, que a representação de um mesmo acontecimento possa ser reencontrada em diversos conjuntos. A recordação de fatos emocionais sejam eles traumáticos ou carregados de lembranças emocionais, quando suprimidos e, principalmente, quando a reação emocional não foi expressa, Freud considera que tais afetos ficam impressos na memória. E quando o sujeito fala e relata suas lembranças, boas ou más, ele ‘descarrega’ ou ‘bota pra fora’ as emoções ligadas aos fatos relatados (fator *econômico*). Nesse caso, e nas palavras de Freud “a

linguagem serve como substituto à ação” (FREUD, 1978:59). Melhor dizendo, representam o fator *dinâmico* do relato. Ou ainda, como coloca Laplanche e Pontalis (1997) “O agrupamento das associações, seu isolamento eventual, suas ‘falsas conexões’, sua possibilidade de acesso à consciência, inscrevem-se na *dinâmica* do conflito defensivo próprio de cada um” (p. 37).

Isto não quer dizer que estamos visando avaliar somente sistemas psicológicos, mas acreditamos que a interação entrevistador-entrevistado poderá naturalmente desencadear uma certa ‘censura’ por parte do entrevistado. Pois é bom lembrar que ele está relatando lembranças pessoais para uma pessoa estranha - o entrevistador. Com muita propriedade Bleger (1979) propõe que uma entrevista não pode recriar as ‘condições naturais’ de uma observação de campo, pois nesta última o fenômeno ocorre no momento em que se observa e na entrevista ele é recriado, relatado e interpretado pelo entrevistado-entrevistador. A análise psicodinâmica da associação dos relatos e lembranças tem como base teórica uma rede de teorias relacionadas ao fenômeno de grupo. No nosso ver a psicanálise de grupo, complementada pela psicologia social, pela psicologia do ambiente, pela filosofia, pela sociologia e pela antropologia podem constituir essa rede teórica. Entendemos que entre esses saberes, embora teorizados e utilizados separadamente, existem vários pontos de contato e muitas vezes pontos de tensão ou descontinuidade. A visão psicodinâmica implica uma certa complexidade, melhor dizendo, requer um raciocínio científico aberto à interdisciplinaridade e muitas vezes à transdisciplinaridade.

A Transdisciplinaridade

A transdisciplinaridade para Piaget (RAMADIER, 2004)³ traz em seu sentido fundamental a idéia que vários setores do conhecimento podem ser complementares sem que as disciplinas envolvidas no processo sejam elas mesmas modificadas ou enriquecidas. Piaget divulgou pela primeira vez o termo transdisciplinar no I Seminário Internacional, realizado em Nice, em 1970, em que foram abordadas a pluri e a interdisciplinaridade. Nesse encontro, também conhecido como Seminário de Nice, teve início o estudo sobre a transdisciplinaridade, quando Piaget pediu para que os participantes pensassem no assunto. Embora Bourguignon, citado em Ramadier, 2004, atribua a Bohr a primeira formulação da noção de transdisciplinaridade, foi Piaget que cunhou este termo.

³ Consulta da Web em 2 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?>

Concordo plenamente com Akiko Santos (2005) que os problemas da vida resolvem-se com um pensar transdisciplinar, mas os problemas do conhecimento tendem a seguir um raciocínio cartesiano de objetividade, linearidade e descontextualização. Mesmo porque a disciplinarização do saber compartimentou o conhecimento, separou a investigação e as decisões da vida social, fronteirizou os campos do conhecimento e criou a ideologia dominante de especialização. A transdisciplinaridade no “Manifesto Transdisciplinar” publicado por Nicolescu em 1996 (RAMADIER, 2004), estabelece a distinção entre transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade.

A posposta da transdisciplinaridade também traz a busca do sentido da vida do sujeito através de relações entre os diversos saberes (ciências exatas, humanas e artes) numa democracia cognitiva. Ou ainda, a busca de uma coerência entre diferentes formas de conhecimento produzido por diferentes disciplinas. Por isso Nicolescu concebe que a transdisciplinaridade está *entre, através e além* das disciplinas (NICOLESCU *apud* SANTOS, 2005; RAMADIER, 2004). Ou seja, considerar as partes dos modelos teóricos que são compatíveis ou até mesmo incompatíveis uns com os outros, visando não uma unidade no conhecimento, mas sim uma coerência do todo. Isto possibilita a construção de um novo *corpus* do conhecimento⁴.

Ir além é atravessar as fronteiras entre os diferentes tipos de saber sem embaralhar suas especificidades, estabelecer pontes preservando as distâncias, e mesmo construir diálogos fecundos com um outro, permitindo sua presença, sendo um modo de dar presença. A noção de fronteira, assinala Gentil (2008: 8) “fala do limite de um território já estabelecido, já desbravado, que aponta para o que está além dele, a ‘terra incógnita’ a ser trilhada, o que ainda está por ser conquistado para e pelo conhecimento”. O diálogo entre os saberes implica a noção de presença do outro, segundo Gentil (2008) é o que Ricoeur chama de interlocução com o outro e um modo de dar presença ao outro.

Ao fazer a avaliação dos desafios da transdisciplinaridade, Ramadier (2004) reconhece que a interlocução entre as disciplinas pode encontrar certa dificuldade em ultrapassar a noção de unidade e pensar em termos de articulação, ao buscar, coerência entre as múltiplas realidades do objeto sob consideração. Sabe-se muito bem que por séculos o pensamento Ocidental utiliza a causalidade linear para

⁴ Sugiro a leitura do artigo de Thierry Ramadier *Transdisciplinary and its challenges: the case of urban studies*. 2004.

interpretar o mundo, o que implica na dissociação dos fenômenos com o intuito de preservar o princípio de unidade. Com isso a disciplinaridade objetiva apreender o objeto complexo através da simplificação, deixando assim de usar plenamente seu grande potencial. Nesse tipo de raciocínio talvez exista uma forma de evitação do paradoxo e do conflito. Entretanto, transdisciplinaridade é baseada em idéias como paradoxo, conflito e coerência, criando contexto e coerência através da articulação de diferentes níveis de uma realidade. Embora, por um lado, a transdisciplinaridade apresente a impossibilidade de uma teorização unitária, por outro, promove a produção coletiva de conhecimento através da articulação entre vários conhecimentos, possibilitando o que Barel (BAREL *apud* RAMADIER, 2004:430) chama de transição, isto é, separando um tipo de conhecimento do outro e reconhecendo que parte desse conhecimento está baseado em modelos de outras disciplinas.

No presente contexto, somente se compreende o grupo através da articulação de várias disciplinas. Partindo do princípio que existe nos fenômenos uma complexidade intrínseca, faz sentido utilizarmos a transdisciplinaridade como uma abordagem que passa entre, além e através das disciplinas, pois pretendemos compreender na complexidade de um grupo sua realidade multidimensional e seus diferentes níveis de realidade. A desconstrução do que é visível e dado nos permite a construção do objeto através da articulação dos conhecimentos já existentes. A organização de um todo integrado, ou um novo *corpus* de conhecimento requer a articulação entre os níveis de realidade estabelecidos pelas disciplinas do conhecimento, preservando, contudo as diferentes realidades e muitas vezes as confrontando.

A transdisciplinaridade tem, para nós, também o sentido amplo de travessia – na qual circunscreve um período vivido, a dimensão dos sentimentos que colorem as experiências e o tempo como a dimensão fundamental de nossa existência. O que Heidegger (1988) compreende como presença, porque não há coisa sem presença, sem implicações, sem co-nascimentos. Para Ilya Prigogine (1996) a questão do tempo, entretanto, está na encruzilhada do problema da existência e do conhecimento. Tal conhecimento considera a interação entre as considerações ontológicas e gnosiológicas (BLEGER, 1979). Nas primeiras, admiti-se a existência de um mundo objetivo com existência própria e independente do nosso conhecimento. Nas segundas, somos nós que o conhecemos e esse mundo se revela

para nós através do processo do conhecimento e nós tentamos explicá-lo como se dá em sua realidade. Entretanto o vivido, muitas vezes, está além da explicação.

Todavia as duas afirmações, para Bleger, não se invalidam porque uma explica a ‘existência dos fenômenos’ e a outra, o conhecimento que o explica. Isso quer dizer que vamos transpor duas ‘realidades’, que são a realidade existencial dos pesquisadores em ambiente Antártico e as formações grupais, isto é, a presença de dois grupos diferentes: os pesquisadores e o grupo base com seus vínculos “temporários”. Essa realidade de vínculos temporários nos apresenta *o sujeito em grupo* porque é o próprio sujeito que nos apresenta seu grupo através de seus relatos nas entrevistas.

O Grupo na Estação Antártica Comandante Ferraz

Para Kaës (1997 e 1978) os grupos empíricos e contingentes formam o quadro de nossas organizações intersubjetivas que se representam e se recortam em formas mais complexas tais como grupos social-históricos, institucionais e familiares; e nas figuras intersubjetivas do casal, do par, do trio, por oposição à singularidade do sujeito. Enquanto que Freud (1987) propôs uma morfologia dos grupos, reconhecendo tipos diferentes de grupo e linhas contraditórias no desenvolvimento dos mesmos, estabelecendo polaridades ou pares opostos como os grupos temporários e duradouros ou permanentes; os homogêneos compostos de indivíduos com atividades comuns ou semelhantes e os não homogêneos; os grupos naturais e os artificiais que necessitam de uma força externa para mantê-los coesos; e os grupos primitivos como a família e os altamente organizados como os religiosos e os militares. Estas formas de grupos não são excludentes porque o sujeito ao longo de sua vida faz parte de vários grupos e os traz consigo em suas memórias emocional e discursiva.

Considerando a hipótese de Bion (1975) que todo grupo encontra-se para fazer alguma coisa. O próprio grupo é considerado como uma atividade, na qual, conforme as capacidades de cada indivíduo, eles cooperam – esse é o *grupo de trabalho*. Bion entende o grupo de trabalho como uma atividade mental, pois no contexto de grupo terapêutico, existe sempre uma certa atividade mental que é dirigida à solução dos problemas para os quais os indivíduos buscam ajuda. Esta idéia de atividade mental nos permite considerar que a própria existência do grupo

enquanto uma atividade psíquica organiza um quadro mental, no sentido dado por Schilder (1977). Esses quadros mentais, que organiza um esquema do grupo é o palco e cenário que possibilita criar, em ato (ação), estratégias e entradas em cena de sujeitos e sítios e situações de grupo. Talvez seja neste sentido que alguns psicanalistas colocam o grupo, como veremos mais adiante, como um processo ilusório ou mesmo um sonho. Pode-se, então diferenciar o grupo na forma objetiva com sua estrutura e seu processo particular como um *grupo empírico* e o grupo enquanto uma atividade psíquica como no sonho e na ilusão, sendo o *grupo do sujeito* no sentido de um esquema na memória cognitiva e emocional. Embora fazendo parte de muitos grupos, o sujeito traz dentro de si, seu grupo ideal ou este 'como objeto' internalizado.

As pessoas que vivem na estação brasileira constituem e são constituídas, de forma similar, como um grupo empírico e contingente, homogêneo e não homogêneo, temporário e permanente, formados pelo grupo base (pessoal da Marinha) e pelos pesquisadores civis. Embora ambos os grupos tenham como objetivo básico e comum a sobrevivência na Antártica, o motivo de sua permanência neste ambiente é o trabalho, cada um com suas especificidades. O trabalho em grupo e de grupo na estação brasileira chamaremos de *grupo de atividades* (FOULKES e ANTHONY, 1965) porque são grupos sem propósitos terapêuticos, mas tendo como objetivo praticar alguma atividade e com ocupações, intenções ou, heideggerianamente falando 'in-tensões', centralmente definidas. Pode-se dizer, portanto, que o trabalho constitui, inicialmente, a ponte e o motivo das vinculações na formação destes grupos. Trabalho, ou *ocupação manifesta*, que se situa no campo físico que é a própria pesquisa, e *ocupações latentes*, as manifestações de fenômenos no campo psíquico, decorrentes dos inter-relacionamentos grupais.

O grupo base será tratado neste estudo como um *grupo virtual* paralelo ao grupo de pesquisadores. A importância e dinâmica do grupo base no contexto da Estação Antártica Comandante Ferraz e ao mesmo tempo sua existência, neste estudo, é fruto da visão dos pesquisadores. Melhor dizendo, para nós sua realidade é uma realidade virtual, já que não nos foi possível entrevistar qualquer sujeito da Marinha que tenha ido à Antártica, no período de 2005, 2006 e 2007, compondo o grupo base. Não estudaremos o grupo da Marinha separadamente e em si mesmo, mas como parte do grupo dos pesquisadores que estarão influenciados e interagindo com a cultura militar, com suas leis, regras e normas.

Na antropologia de Malinowski (1960) a estrutura da instituição apresenta os seguintes elementos: Primeiro, uma *constituição ou código* que sintetiza os sistemas de valores, os quais resultam da associação dos seres humanos. Segundo, os grupos humanos organizados, cujas atividades realizam a instituição, poderão *trazer em seus códigos certas normas e regras que determinarão os comportamentos* nas relações interpessoais dentro da instituição. O terceiro elemento que constitui a instituição é o *equipamento material* que o grupo manipula no desempenho de suas atividades (itálicos do autor).

A Marinha enquanto uma instituição será compreendida no sentido dado por Malinowski (1978: XVI XVII) “uma unidade multidimensional da cultura de um grupo”. Pois a cultura, apesar de ser uma totalidade integrada, apresenta núcleos de ordenação e correlação que são as instituições. Ou seja, podem-se identificar três núcleos de cultura no Programa Antártico Brasileiro: o grupo base com sua cultura advinda da Marinha, que interage com os pesquisadores também com sua cultura de cidadãos civis e pesquisadores e a Estação Antártica Comandante Ferraz com uma cultura própria do ambiente Antártico.

A Marinha constitui dentro da cultura brasileira uma instituição autônoma e coordenada, com atividades especializadas, crenças, normas; e, enquanto grupo, apresenta linguagens características de sistemas autônomos, permanentes, homogêneo e altamente organizados (FREUD, 1987). Neste sentido e segundo a visão de Malinowski (1960) a instituição Marinha constitui uma realidade cultural. Sua função na Estação Antártica Comandante Ferraz é proporcionar a sobrevivência, a logística e as condições de trabalho para os pesquisadores brasileiros. Essas funções manifestas traduzem os limites ‘naturais’ estabelecidos pela própria cultura de um grupo com relação ao outro. A interação dos grupos produz temas emergentes desta realidade empírica, constituindo um isolado teórico. Os relatos dos pesquisadores, portanto, nos mostram esta realidade empírica.

Os Ambientes

Pretendemos considerar cada grupo como um “ambiente” simbólico de relações sob a perspectiva histórico-dinâmica, porque cada um traz estruturas e dinâmicas próprias. Mas o ambiente vai além do espaço do grupo e mesmo do espaço físico da estação, sintetizando a relação do homem com um ambiente extremo como o da Antártica e a influência do mesmo em sua saúde emocional, física e, concretamente, em seu trabalho.

Suedfeld e Steel (2000:228-34) o classificam como “ambiente extremo e incomum” (EUEs)⁵. Além de inóspito e distante de outros ambiente da Antártica como comunidades e das famílias dos expedicionários, o espaço de circulação no inverno, com suas longas noites de 24 horas, é fisicamente mais limitado e restrito aos contêineres. Tal tipo de ambiente é classificado de “ambiente isolado e confinado” (ICE) e sua influência nos grupos de trabalho, no sentido de Bion (1975), fazendo emergir interações tensas e intensas levam os grupos a adquirir novas características próprias e específicas ao isolamento.

À complexidade desse ambiente se soma a falta de uma fronteira bem definida entre ambiente de trabalho, o de moradia e o social. Tal situação pode indicar o entrelaçamento ou sobreposição dos comportamentos emocionais relacionados com o desempenho no trabalho e o inter-relacionamento psicossocial. As “limitações externas” como clima, comunicação e organização do lugar compõem os fatores não psicológicos. Lewin (1948) considera que qualquer tipo de vida de grupo ocorre em condições com certas limitações do que é e do que não é possível. Entretanto, Lewin ressalta ser necessário estudar esses fatores enquanto dados, para verificar o que significam na determinação das condições limítrofes da vida do indivíduo ou grupo. Em um contexto confinado e isolado, os fatores psicológicos e não psicológicos compõem o que chamamos de ecologia humana e Lewin chama de psicologia ecológica. Todo comportamento interacional pressupõe um contexto de vínculos e de relações humanas, bem como uma relação dos humanos com o ambiente. Tais fatores neste estudo constituem uma ecologia humana em ambiente isolado.

Perspectivas teóricas

A fantasia do grupo

O ser humano, em sua condição biológica e psíquica, nasce como indivíduo e se torna sujeito no grupo. Para se dizer de outra forma, sua história se organiza em torno de grupos, pois desde o nascimento ele vive em família, considerada como o grupo primário (FREUD, 1987); na escola aprende em grupo; na idade adulta trabalha em instituições, fazendo parte de um grupo ou de grupos; socialmente

⁵ EUEs em inglês é “extreme and unusual environment”. São ambientes que envolvem distâncias físicas ou possuem acesso difícil. São também classificados de exóticos, anormais ou ambientes de estresse (Suedfeld & Steel, *ibid*).

pertence a um grupo e ainda cria seu próprio grupo familiar. Na verdade, ele se torna sujeito nesta rede de grupos por ele criada.

Em 1921, Freud (1987) declara “a psicologia de grupo está sem dúvida relacionada com o homem. Enquanto indivíduo é membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou ainda como parte componente de uma multidão que pode estar organizada como um grupo em um momento particular e com um propósito definido” (p.96). Como se pode ver nessa tese, embora Freud demonstre uma constante preocupação com o social, na verdade ele não possui uma teoria formalizada para compreender uma formação de grupo. O psicanalista inglês Richard Wollheim (1971) escreve que essa preocupação correspondia a algo profundo na natureza de Freud. As teorias de grupo na psicanálise aparecem no pós-guerra e são consideradas pós-freudianas. Mais adiante apresentamos um resumo das mesmas.

Com base na premissa de Aristóteles, Wilfred Bion (1975) sugere que o homem é um animal político e vai um pouco mais longe quando afirma: “para um homem levar uma vida plena o grupo é essencial” (p. 45). Na concepção de Bion existe uma mecânica de formação do grupo que é sua reunião em um determinado lugar e numa hora determinada. Embora seja importante, ela não é suficiente para a produção dos fenômenos de grupo. A ocorrência dos fenômenos depende da interação emocional e psíquica dos integrantes do grupo.

Pode-se então dizer que um indivíduo somente faz parte de um grupo na presença de um outro? Na verdade, segundo Bion nenhum indivíduo, por mais isolado que esteja no tempo e no espaço, deve ser encarado como externo a um grupo, ou ainda, não vive a influência de manifestações ativas de psicologia de grupo. Ele se refere aqui, ao grupo interno, imaginado, desejado ou rejeitado, enfim, a um grupo internalizado que acompanha o sujeito.

A observação do comportamento grupal, no entanto, em muitos casos depende da reunião de pessoas em um grupo. Porque cada sujeito presente no grupo, trazendo sua própria história, contribui com elementos de seu grupo interno para os entrelaçamentos relacionais e as interações nele produzidas. Esses elementos atraem-se, agregam-se, combinam-se para compor novas formações grupais, emergindo assim, a linguagem singular de cada grupo.

Pode-se dizer então que o grupo tem várias funções para o sujeito. A função de convívio social, de produções criativas e cooperativas, de produzir relações intersubjetivas, de produzir um espaço no qual o sujeito se forma e se transforma, de

formação de identidade, de concretizar sonhos e criar ilusões. A partir dessa afirmação surge uma questão intrigante: como o grupo, como um processo ilusório funciona e serve de apoio e suporte para o sujeito em seu desenvolvimento e em diversas situações, que vão desde o lazer até situações extremas. Falamos até aqui de dois tipos de grupo: um grupo, que é simplesmente a reunião de pessoas (o agrupamento) e um outro proveniente de uma formação interna que pode ser ilusória ou não. Nesses dois sentidos, o grupo pode ser fenomenologicamente pensado como uma membrana que circunda o sujeito, criando um campo psicológico dinâmico que o contém. Tal invólucro, que delimita as fronteiras do grupo, permite que ele seja visto como um todo (FOULKES e ANTHONY, 1965; LEWIN, 1965). Em seu interior ocorrem as encenações, a psicodinâmica e a interconexão de seus membros como uma rede transaccional. E o grupo enquanto ilusão e sonho funcionam como um fenômeno transaccional, no sentido de ser um processo de tornar o sujeito capaz de aceitar diferenças e semelhanças (WINNICOTT, 1974).

O grupo como um todo expressa a rede de processos mentais de todos os indivíduos sintetizando, estruturando e organizando o meio psicológico no qual ocorre a interação grupal. Também constitui, na visão de Käs (idem), o lugar dos eventos psíquicos, onde os sujeitos do grupo se comunicam e interagem, constituindo o que Foulkes chama de *matriz*. A matriz compõe-se da dinâmica da rede relacional, da membrana psíquica do grupo, da organização, estrutura e cultura de grupo. Nesse sentido, o conteúdo verbal tanto quanto as formas não-verbais de comunicação (comportamentos) são considerados como traduções (decifrações) e posicionamentos do sujeito como parte dessa matriz.

Para a psicanálise o grupo inicialmente só pode estar dentro, considerando-se que é a forma, a função e o processo no espaço e na dinâmica da realidade psíquica. Com base nessa premissa, a psicanálise, geralmente, aborda o grupo sob dois aspectos: primeiro como um processo terapêutico tomando como modelo a situação de duas pessoas: o analisando e o analista; segundo, quando aplica esse modelo ao grupo, o concebe a partir do sujeito no grupo.

Käs (1997), avalia a formação de grupo como uma dramatização e como um dispositivo da grupalidade psíquica interna, e apresenta a hipótese de que “o grupo é o lugar de uma realidade psíquica própria e o aparelho de formação de uma parte da realidade psíquica de seus sujeitos” (p.73). O que é a realidade psíquica de grupo? Pode-se definir a realidade psíquica, em Käs, por sua consistência própria que é a das formações, dos processos e das instâncias geradas pelo inconsciente,

especialmente pelas fantasias inconscientes e pelas oposições conflituais desejo/defesa, prazer/desprazer, realidade interna/realidade externa. O conceito de aparelho psíquico descreve um sistema complexo que contém um grande número de elementos diferentes em relações múltiplas. Tais elementos, segundo Käs (1997), permitem representar a maneira de a psique expressar sua complexidade nas percepções, pulsões, representações e conflitos, regulada pelo princípio do prazer/desprazer e pelo princípio de realidade. Em sua teoria, Käs toma como base a teoria freudiana sobre o aparelho psíquico e a modela como uma teoria pós-freudiana de grupo.

Essa idéia de Käs, de que o grupo organiza uma realidade psíquica própria, confirma o grupo apreendido como um todo e, ainda, nos permite compreendê-lo no discurso do sujeito. Como já dissemos anteriormente, nossa pretensão neste estudo não é fazer um diagnóstico, tampouco uma terapêutica, mas sim, compreender e analisar o grupo ou grupos como fontes de conhecimento e possibilidades de revelação das formas de interação humana em ambiente isolado.

Fragmentos da evolução de estudo de grupos

Para a compreensão da evolução das teorias e a aplicação empírica, é interessante rever algumas formas de pensar na psicanálise e na psicologia social de grupo. O objetivo básico da psicanálise pós-freudiana vai além do desvelamento do inconsciente social, pois se preocupa com o ‘lugar’ do sujeito (KÄES, 1978, 1997; BÉJARANO, 1978), isto é, em situar o grupo interno ou o grupo ‘dentro’ do sujeito. Já o objetivo da psicologia social centra-se na dinâmica dos comportamentos no grupo e do grupo em sua realidade consciente, nas interações objetivas e nos processos cognitivos do grupo, os quais Kurt Lewin (1965) e outros psicólogos sociais consideram como o dado subjetivo do sujeito no grupo.

O cientista social francês Gustave Le Bon, em 1895, apresentou em seu pioneiro trabalho sobre a *Psicologia das Multidões*, a proposição básica para o entendimento de uma psicologia social:

“Sejam quais forem os indivíduos que compõem um grupo, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seus modos de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo, coloca-os na posse de uma espécie de ‘mente coletiva’ que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado

individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento”. (LE BON *apud* FREUD, 1987:99)

Essa proposição e os argumentos de Le Bon no sentido de justificá-la, serviram de parâmetro para Freud, em 1921, fazer uma reflexão sobre a sociedade, no texto *A Psicologia de Grupo e a análise do Ego* (1987). Com sua experiência psicanalítica Freud tentou iluminar alguns pontos não muito claros nas teorias de grupo de Le Bon e do psicólogo inglês McDougall, organizando um esquema básico de fenômenos que ocorrem em agrupamentos sociais. Outrossim, admitiu que alguma coisa ocorre no agrupamento que modifica no indivíduo suas reações mentais e o faz agir com características de uma psicologia de grupo. Freud argumentou em seu texto que um líder surge em um grupo quando os outros membros encontram nele um objeto de afeto. Na medida em que eles têm um sentimento similar pelo líder, são atraídos, psicologicamente, para um contato mútuo e de coesão do grupo. Nesse sentido ocorre a *identificação* com o chefe (ou líder). Esse processo secundário provavelmente originou-se no processo primário, isto é, nas relações familiares. A identificação é um processo pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro (LAPLANCHE e PONTALIS, 1997).

Por volta de 1920, teve início na psicologia o estudo experimental de grupos. Destacaram-se nesse campo os experimentos realizados pelo psicólogo social americano Floyd Allport (LAMBERT & LAMBERT, 1966) sobre os efeitos dos grupos no comportamento individual. Allport verificou que a presença de outros insuflava energias nos indivíduos e os tornava mais rápidos, porém lhes reduzia a qualidade de pensamento. Usou a expressão “facilitação social” para descrever esse fenômeno. Embora achasse que o trabalho exigindo maior concentração, era mais bem realizado em solidão. Allport não explicou o porquê dos efeitos dos grupos no comportamento individual e tampouco indicou se esse efeito decorria de certa ansiedade provocada pela idéia de ‘julgamento’ por parte do grupo ou mesmo pelo desejo de agradar ou por quaisquer outros tipos de motivação. Na realidade, as pesquisas de Allport despertaram o interesse dos psicólogos para desenvolverem métodos de estudo do comportamento dos indivíduos em diversos grupos. Os investigadores contemporâneos, entretanto, passaram a observar com mais cuidado a estrutura social dos grupos e as características da personalidade dos seus integrantes.

A idéia inovadora de McDougall, também em 1920, sobre *group mind* (uma mentalidade de grupo) e *group spirit* (o espírito de grupo), implícitos no sentimento de grupalidade, surgem quando o sujeito se identifica com o grupo e desenvolve o sentimento de trabalhar para o bem-estar e sobrevivência do mesmo. A mentalidade de grupo de McDougall proporcionou a semente para os psicanalistas ingleses Bion e Foulkes pensarem o grupo sob o aspecto de um todo e de uma matriz. Também de origem inglesa, McDougall tornou-se cidadão americano e professor na Duke University, como psicólogo social. Apresentou a hipótese de que um certo grau de continuidade da existência do grupo é condição necessária para elevar o nível mental coletivo. Considerou o exército como um grupo altamente organizado. E é em grupos altamente organizados, como o exército, que se percebe bem desenvolvida a autoconsciência grupal, sendo ela de extrema importância para a elevação da vida mental (espírito de grupo), para um comportamento mais coletivo e acima dos impulsos violentos e irracionais de gangues e multidões. O sentimento de *group loyalty* ou lealdade grupal (MCDUGALL, 1920) encontrado nos membros do exército, decorre do desenvolvimento da idéia de grupo por todo os seus integrantes. Esse sentimento é um dos fatores, senão o principal, para promover a coesão do grupo.

Entretanto, Josef Rattner (1977), em seu breve histórico da evolução da terapia de grupo no cenário dos últimos séculos, atribuiu a Alfred Adler o pioneirismo nesse tipo de terapia, já que ele, após sua separação de Freud, dedicou-se à elaboração de uma psicoterapia que se concentrasse nos problemas sociais do analisando. Sua prática terapêutica, desde 1919, tinha um caráter aberto e quando tratava meninos, o fazia na presença de professores, assistentes sociais, psicólogos e médicos. Embora Adler não tenha realizado grupos terapêuticos, de certa forma antecipou a atual terapia de grupo com tal tipo de tratamento.

Na verdade, foi um discípulo de Freud e Jung, o psicanalista americano Trigant L Burrow (RATTNER, 1977) que introduziu, em 1920, o termo “análise de grupo” na literatura profissional. Nesse período ele iniciou a análise de grupo com o intuito de tratar um maior número de pessoas, pois acreditava que todos os indivíduos de nossa cultura sofrem de algum tipo de disfunção psíquica.

Já na década de 1930 surgiu no cenário austríaco o psicanalista Paul Schilder, que emigrou para os Estados Unidos, onde, em sua prática terapêutica, combinou as

terapias individual e grupal. Nessa forma de tratamento, que ele realizou na Divisão de Psiquiatria do Hospital Bellevue, solicitava ao paciente que escrevesse sua biografia com todos os detalhes possíveis. Schilder (1965) considerava a psicoterapia como uma técnica científica que deveria adquirir conhecimento e experiência. Seu método consistia em atender seu paciente primeiramente em sessões individuais e, após ter obtido certo conhecimento do mesmo, colocava-o em sessões coletivas ou de grupo.

Jacob L. Moreno (RATTNER, 1977), também austríaco, emigrou para os Estados Unidos na década de 1920. Tornou-se célebre como fundador da sociometria e do psicodrama. Em 1931 introduziu na psicoterapia a noção de psicoterapia de grupo. Para Moreno, a terapia de grupo era evidentemente um novo tipo de cosmovisão, pois ela criava uma consciência cósmica.

O movimento de terapias de grupo no pós-guerra deu-se principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nos anos de 1940 e 1950, os psicanalistas ingleses Siegfried H. Foulkes e Wilfred R. Bion, da Tavistock Clinic, em Londres (RATTNER, 1977), aplicaram uma forma modificada da psicanálise nos trabalhos com grupos. Bion, por exemplo, elaborou, em 1961, sua teoria de grupo a partir do tratamento clínico de soldados traumatizados e feridos de guerra, em uma enfermaria de um hospital, em Londres. O grupo para Bion (1975) era considerado como entidade e seus sintomas neuróticos apresentavam conflitos interpessoais, ambigüidade na definição dos papéis e um sistema energético confuso. Em sua concepção, o grupo oferecia extraordinárias oportunidades de observar as evasões e negações e, ao mesmo tempo, a maneira como elas eram efetuadas. O fato de o grupo constituir um espaço comum de contribuições anônimas organiza o que Bion postulou como uma mentalidade de grupo. A mentalidade de grupo desafia o grupo a satisfazer as necessidades do indivíduo. Para enfrentar esse desafio o grupo elabora suas características próprias, chamadas de 'cultura do grupo'. Na cultura do grupo estão incluídas a estrutura, as ocupações que o mesmo persegue e a organização que adota.

Na teoria de Bion (1975) pode-se avaliar o grupo como uma ação recíproca entre as necessidades individuais, a mentalidade do grupo e a cultura do mesmo. As suposições básicas são expressões de estados emocionais intensos, com origens primitivas, que desempenham papel importante na organização do grupo. Tais

estados emocionais são e permanecem inconscientes e submetidos aos processos primários. Existem três padrões de comportamento fundamentais na dinâmica do grupo de trabalho: são as suposições básicas de dependência, de formação de pares ou acasalamento e de luta e fuga.

A suposição básica de dependência tem a característica de exaltação de uma pessoa, seja o chefe, o professor, o terapeuta, ou de um ideal ou uma idéia de grandes mudanças. A cultura do grupo que corresponde a essa suposição organiza-se em torno da busca de um líder divinizado.

A suposição básica de formação de pares ou acasalamento organiza-se em torno da fantasia coletiva de um ser ou de um fato que resolverá os problemas do grupo; uma esperança messiânica é colocada num casal, cujo filho ainda está por vir e que poderá salvar o grupo do desespero e da destruição. A cultura do grupo constitui-se em torno do casal líder.

A suposição básica de luta e fuga baseia-se na fantasia coletiva de fugir, atacar ou ser atacado. Há, no grupo, a fantasia de um inimigo interno, que pode ser um membro do grupo, uma idéia adversa ou uma idéia errada. O grupo que funciona com essa hipótese pode ter em seu dirigente uma personalidade paranóide, organizando sua cultura sobre essas bases.

Os comportamentos são manejos do sujeito no grupo com o fim de impedir que a suposição básica obstrua o grupo de trabalho. Bion (1975) chama de valência a contribuição do indivíduo para a existência do grupo. Ela consiste na forma como o indivíduo coopera consciente e inconscientemente com o trabalho do resto do grupo ou mesmo “a capacidade de cooperação instintiva espontânea na suposição básica” (p.105). Em sua teoria, Bion admite que os grupos, inclusive os grupos de pesquisa, funcionam na dinâmica das suposições básicas e de suas tensões com o grupo de trabalho.

Paralelamente à terapia de grupo, desenvolveu-se também nos Estados Unidos a pesquisa da psicologia de grupo. Kurt Lewin (1965), que emigrou da Alemanha nazista para os Estados Unidos, em 1932, foi um dos que mais contribuiu para o desenvolvimento da psicologia de grupo. Conforme Rattner (1977) descreve, Lewin deu uma nova versão à psicologia gestaltista, da qual era representante. Trabalhou no centro de Pesquisas de Dinâmica de Grupo e, com a colaboração de

Rosemary Lippitt e Ralph White, investigou as relações entre a vida de um grupo e sua liderança, demonstrando haver uma relação íntima entre o estilo de liderança e o comportamento social e produtivo. Sua numerosa produção científica destaca-se nas Ciências Sociais contemporâneas.

Outro psicólogo social que se destacou em pesquisa de grupo foi Muzafer Sheriff (LAMBERT & LAMBERT, 1966) com os experimentos sobre conflitos de nivelamento de opiniões em grupos e as possibilidades de entendimento em grupos dissonantes. Podemos nomear ainda os americanos Nathan W. Ackerman, Alexander Wolf, Max Rosenbaum, Milton M. Berger e muitos outros que se dedicaram à terapia e dinâmica de grupo.

Na França existe um grupo de psicanalistas contemporâneos que desenvolve teoria sofisticada de terapia e formação de grupo. Ele é formado por Jean-Bertrand Pontalis, Didier Anzieu, René Käs, André Missenard e Angélo Béjarano. Desse grupo o pioneiro foi Pontalis que, em final dos anos 1950 e início dos anos 1960, elaborou um exame crítico sobre as práticas e teorias relativas à dinâmica de grupos e psicoterapia de grupo. Segundo Käs (1977), Pontalis pretendia esclarecer a confusão freqüentemente estabelecida entre os fatos observados e interpretados e a ideologia, entre o modelo e o que se considerava como sua forma. Pontalis (PONTALIS *apud* KÄES: 1977) fez uma crítica contundente com relação ao vínculo entre a experiência e a conceituação, o que para ele era muito deficiente porque, a seu ver, não há elaboração teórica suficiente sobre o tema e as existentes são muito poucas. Ainda destacou dois problemas que emergem na investigação sobre os grupos: discriminar e distinguir o objeto-grupo, diferenciando os efeitos das causas; articular a relação entre o método e o objeto através das vinculações intra e intergrupais. Considerou que a dificuldade de estudar os pequenos grupos levou certos teóricos a descrever o grupo como um organismo, propondo leis de desenvolvimento, normas e condições ótimas de equilíbrio. Tais modelos teóricos, para Pontalis, tiveram por objetivo ocultar que a interação em grupo desencadeia em seus membros certas emoções e atitudes. Poucos anos depois, em 1966, Didier Anzieu desenvolveu a tese de ser o grupo, metaforicamente falando, como um sonho e uma tópica projetada. A partir dessas idéias Käs (1997) compreendeu o grupo como um lugar de uma realidade psíquica.

Em 1964, na Inglaterra, Ronald D. Laing e Aaron Esterson criticaram a analogia biológica que representa o grupo como um organismo (KÄES, 1977). Para os autores, do ponto de vista fenomenológico, se o grupo pode ser sentido por seus membros como um organismo, é um grave erro sustentar essa idéia do ponto de vista ontológico. Assim o grupo, a família e a sociedade, em geral, seria uma espécie de hiperorganismo com sua fisiologia e sua patologia. Criou-se então um panclinismo, que é mais um sistema de valores do que de conhecimento.

A apresentação histórica acima, embora bastante sintética e fragmentada, indica-nos que a psicanálise e a psicologia experimental e social surgiram e desenvolveram-se de forma paralela e dentro de circunstâncias sociais semelhantes – o pós-guerra. Foi a partir de tais circunstâncias sociais que surgiram as primeiras sementes teóricas, na psicologia social e na psicanálise, relacionadas ao grupo como um processo único e singular.

Em leitura preliminar ou revisão de literatura referente ao nosso tema, verificamos que a maioria das investigações já realizadas sobre grupos na Antártica são quali-quantitativas e baseadas em teorias da psicologia social. Não encontramos nenhum estudo que utilizasse a teoria psicanalítica de grupo, ou mesmo uma abordagem psicodinâmica na análise de grupos vivendo em condições de isolamento e, particularmente, em referência ao ambiente Antártico. Assim, nosso referencial está sendo construído neste diálogo teórico. Acreditamos que os dois campos do saber psicológico podem contribuir para uma fundamentação teórica mais rica, senão mais objetiva, permitindo-nos a construção de um *corpus* de conhecimento teórico sobre grupos em situação de confinamento e isolamento na Antártica.

O grupo em isolamento e confinamento

A proposta de uma visão psicodinâmica, anteriormente assinalada, justifica nossa intenção de criar para este estudo uma interface entre a visão da psicologia social e da psicanálise de grupo. Isso nos exige o exercício de utilizar entre as teorias de grupo tanto na psicanálise, como na psicologia social, uma forma e um caminho para explicar, na análise dos dados colhidos através de entrevistas, os fenômenos da interação intra e intergrupar dos expedicionários brasileiros na Antártica. Esse exercício teórico primeiramente se baseia em certos questionamentos que ocorreram e foram por nós levantados: Como avaliar um grupo dentro de uma visão

exploratória, cuja proposta qualitativa se centra em uma leitura dos fenômenos grupais a partir do relato dos cientistas? Como utilizar as teorias de grupo seja a psicanálise, seja a psicologia social, na leitura dos fenômenos de grupo vivendo em isolamento?

A primeira, além de ser uma questão metodológica importante, também nos coloca no caminho de olhar o grupo em confinamento ou isolamento de forma particular e específica. Chamaremos, neste estudo, a visão exploratória de grupos em isolamento e confinamento de *observação indireta*. A observação indireta aplica-se, segundo Paul Nelson (1973), à experiência de grupos confinados ou isolados por diversas razões, sejam elas intencionais ou acidentais e voluntárias ou involuntárias, conquanto que tais experiências venham a ser uma busca de objetivos pessoais ou sociais. Os relatos na observação indireta são estudados através de documentação oficial, de diários de viagens, de entrevistas logo após o isolamento ou confinamento ou mesmo por questionários desenhados para serem preenchidos pelos membros do grupo durante a vivência da experiência de isolamento ou confinamento. Em nosso estudo, a observação indireta centra-se nos relatos dos pesquisadores brasileiros.

Como já comentamos anteriormente, os relatos dos pesquisadores brasileiros foram obtidos através de entrevistas face a face, exceto a de um pesquisador que, por morar em outro estado, foi entrevistado em conversa por telefone. Entretanto, o grupo, em nossa orientação para a análise dos relatos, é avaliado como uma unidade de análise. Embora utilizando a teoria da psicanálise para a análise e interpretação dos relatos, estamos conscientes de que esse campo teórico tem uma abordagem de grupo clínica, na qual o foco é predominantemente sobre o sujeito no grupo e o grupo interno ou “dentro” dos sujeitos. Tomamos assim a liberdade em aplicar a psicanálise de forma parcial e dentro de uma sistemática própria de observação indireta, ou seja, numa *leitura horizontal* o que nos conduzirá ao que Foulkes e Anthony (1965: 43) chamam de análise horizontal, diferenciando-a assim do processo psicanalítico clínico considerado, pelos autores citados, como análise vertical.

É importante esclarecer que o sujeito, quando nos conta sobre suas formas de agrupar-se, nós o consideramos como o *sujeito em grupo*. Seu discurso e sua ação, manifestos, exprimem e escondem o discurso latente. É na diferença existente entre o discurso manifesto e o discurso latente que conseguiremos reconhecer a *ação do*

inconsciente. Béjarano (1978) explica que a ação do inconsciente efetivamente se manifesta a todo o momento através do jogo dos seus mecanismos de defesa, tais como deslocamento, condensação, projeção, negação, formação reativa.

Também é importante esclarecer que não pretendemos fazer uma psicanálise de grupo, mas sim uma análise do grupo com base na psicanálise. Foulkes e Anthony (1965) ressaltam que a função do grupo, como uma entidade, tem uma significação mais central para o entendimento dos processos de todas as suas partes. Assim, o sujeito entrevistado, na medida em que é parte de um grupo, terá a função de ser *porta-voz* do mesmo. Seu relato ou discurso será então analisado como o discurso do grupo. Na verdade, estamos falando aqui de métodos indiretos de observação na interação de grupos vivendo em confinamento e isolamento.

O isolamento e o confinamento no ambiente antártico são diferentes das condições de isolamento ou confinamento em situações como nas prisões, nos conventos, nos submarinos, nas estações espaciais e em outras situações semelhantes e, também, dos confinamentos ou isolamentos na perspectiva intrapsíquica, quando se organizam as fobias, ou auto-enamoramento. A característica principal relacionada ao confinamento ou isolamento na Antártica é o ambiente extremo e incomum (NELSON, 1973; SUEDFELD e STEEL, 2000), que apresenta riscos e limitações com certas características próprias aos indivíduos e aos grupos. Confinamento e isolamento, quando se trata da Antártica, descrevem o ambiente, não deixando por isso de ser uma situação psicológica no sentido dado por Kurt Lewin (1965).

Isolamento, em nosso caso, é a extensão na qual os membros do grupo estão restritos, seja ela conseqüente de limitação física, seja social ou emocional. A limitação prescrita, para Nelson (1973), inclui a comunicação com outros (que estão fora) e com o grupo imediato; ou de receber informação, direta ou indiretamente, de outros (que estão fora) e do grupo imediato. Na questão da comunicação, existem os grupos que podem enviar, mas não podem receber, aqueles que podem receber, mas não podem enviar e ainda outros que não podem realizar qualquer tipo de comunicação, ou seja, nem enviar nem receber, sendo esse fato motivo de estresse psicológico.

Confinamento, aqui, é uma dimensão de espaço ou de uma área geográfica, conseqüente de barreiras naturais ou construídas pelo homem, de limites territoriais ou de ambiente circundante hostil, nos quais os membros do grupo estão fisicamente

restritos e fixos. O espaço pessoal pode ser a dimensão mais importante em um ambiente confinado, pois está diretamente relacionado ao tamanho do grupo e ao espaço prescrito (delimitado) no qual ele se movimenta.

Esses fatores limitantes no ambiente da Antártica e que contribuem para o confinamento e o isolamento são considerados por Kurt Lewin (1965) como fatores “não psicológicos” e exercem forte influência nas atividades do grupo. Como nos lembra Lewin, qualquer tipo de vida de grupo ocorre em condições com certas limitações do que é e do que não é possível. No entanto, as limitações externas, extremas e incomuns, no ambiente do continente da Antártida, influenciam e afetam o humor e o psiquismo dos sujeitos e dos grupos, já que a interação dos pesquisadores com o ambiente antártico é bastante íntima e dinâmica e suas atividades de pesquisa dependem dele.

Algumas estações na Antártica oferecem áreas de circulação bastante grandes, como é o caso da estação brasileira, o que, segundo relato dos pesquisadores, já não ocorre no navio de pesquisa oceanográfica Ary Rongel. As condições de comunicação sempre dependem do tempo e do funcionamento dos equipamentos e são algumas das condições circunstanciais de confinamento e isolamento que um grupo pode enfrentar ao ir para a Antártica. Certamente na observação de grupos, especialmente quando ela é direta ou participante, outras condições devem ser levadas em conta.

Lawrence Palinkas (2000a, 2003)⁶, em seus estudos sobre a psicologia dos pequenos grupos no ambiente antártico, identifica nos expedicionários, entre vários estressores significativos, *the winter-over syndrome* (a síndrome de passagem do inverno). Essa síndrome é a denominação para diferentes reações apresentadas pelos indivíduos que passam o inverno nas estações antárticas. As mais significativas são alteração no humor, com quadros de depressão, irritabilidade, cansaço, confusão e distúrbios na alimentação e tensão (STEEL 2001; PALINKAS,1997). Palinkas e colegas avaliaram que, em condições de isolamento e confinamento, o comportamento e a performance dos pesquisadores podem ser sazonais ou cíclicos (variam entre inverno e verão), situacionais (perturbação nos humores), sociais (relacionados à experiência de isolamento, ao frio e à escuridão quando surge maior

⁶ O psicólogo social Lawrence A. Palinkas é professor no Departamento da Família e Medicina Preventiva na Universidade da Califórnia, San Diego e tem realizado pesquisas nas estações americanas na Antártica há vários anos.

conflito nos grupos) e salutogênicos. O termo salutogênico foi cunhado por Antonovsky (ANTONOVSKY *apud* PALINKAS, 2000b, 2003), defensor da psicologia positiva, que considera benéfico o estresse em determinadas condições. Por exemplo, em situações altamente motivadas com espírito de determinação, quando os expedicionários enfrentam situações difíceis, o estresse decorrente dela contribui para uma boa saúde e deixa de ser simplesmente patogênico ou nocivo à saúde e ao bem-estar.

O psicanalista Eduardo Losicer (2002), em sua palestra “Confinado”⁷, na qual faz a análise de intervenção-pesquisa em plataformas de extração e produção de petróleo em alto-mar, lembra-nos que o sujeito confinado num espaço de absoluta indiscriminação público-privado “vive dentro de um universo fechado e que este fechamento não se dá só pelo confinamento físico que o caracteriza, mas por efeito do excepcional sistema de produção no limite que lhe é inerente” (p.3). Subjacente à incontestável excepcionalidade das condições de trabalho (sistema contínuo e confinado) encontramos a excepcionalidade das exigências da produção (produtividade total) afetando as subjetividades – seja como des-subjetivação, ou como produção de subjetividades totalizadas com o sistema – dos habitantes deste universo fechado e desterritorializado. Isso significa que ele vive a dissolução de fronteiras diversas, tais como entre ambiente de trabalho e de moradia, entre grupo de trabalho e grupo social, entre o sujeito público e o sujeito privado, sendo que os primeiros prevalecem sobre os segundos.

O sujeito confinado e isolado, para Losicer, além da descontinuidade da sua vida familiar, social e sexual, pode também viver dissociações psíquicas e sofrimento emocional. Cada um, à sua maneira, vai conhecendo a significação das transformações impostas pelo confinamento. Muitas vezes, seu fechamento é principalmente *simbólico*, isto é, a experiência que vive dentro de si mesmo é intransmissível e intraduzível para a linguagem de todos aqueles que lhe são ‘estrangeiros’. Nesse sentido, a análise de Losicer é contundente quando ele afirma: “Conscientemente ou não (o sujeito confinado ou isolado), descobre que a sua experiência se torna inenarrável e é assim que ele fica simbolicamente confinado”. O partilhar de tal experiência com a família e seus pares é parcial, pois essa comunicação já não depende de instrumentos físicos, porque está além do verbal.

⁷ Comunicação oral apresentada no III Encontro Latino-americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 2002. Foi-nos gentilmente cedido pelo autor através de E-mail.

Formação dos Grupos

A dinâmica das entrevistas realizadas com os pesquisadores brasileiros surpreendeu-nos com a revelação de três formas principais de agrupamento, as quais denominamos de *grupos formais*. Os grupos formais são organizados por indivíduos que se agrupam para um determinado trabalho, e Paul Hare (1983) os compreende como grupos com estrutura formal. Resolvemos, portanto, utilizar essa nomenclatura levando em consideração alguns fatores como a formação do grupo antes do confinamento e isolamento; o conhecimento prévio entre os membros do grupo; a afiliação ao grupo dentro da mesma instituição de trabalho ou de projeto de pesquisa. Esses fatores contrastam com o grupo base da Marinha que, segundo a morfologia de Freud (1987), é considerado como *grupo altamente organizado*.

Os grupos formais dos pesquisadores brasileiros, sem incluir o grupo base, são constituídos por pesquisadores sintonizados com suas áreas de pesquisa. São os *grupos da estação* (Estação Antártica Comandante Ferraz), os *grupos de embarcados* que trabalham no navio de pesquisa (NApOC) Ary Rongel e *os acampados*. Muitos pesquisadores entrevistados passaram por experiências de ficar simultaneamente em vários locais de trabalho e foram tais locais que elegemos como definidores do pertencimento a um determinado grupo. Os entrevistados, por exemplo, que ficaram por pouco tempo na EACF, mas seu trabalho foi realizado no navio, definimos como pertencentes ao grupo de embarcados. Em tais casos o embarcado passou mais tempo no navio do que na estação e sua atividade principal foi realizada no navio. Esses grupos serão discutidos e analisados separadamente.

A condição de formação dos grupos para Nelson (1973), no sentido dos fatores acima mencionados e do treinamento prévio ou não, pode exercer impacto sobre o comportamento dos grupos em condições de confinamento e isolamento. Todos os países com estação na Antártica possuem um sistema de treinamento para as equipes ou grupos que vão passar algum tempo em suas estações. O Programa Antártico Brasileiro tem o Treinamento Pré-Antártico (TPA), que é aplicado e realizado na Marinha. Essencialmente, a preparação do grupo centra-se em aspectos como as expectativas dos grupos com relação ao ambiente antártico e também em

aspectos de conscientização e estruturação de papéis através de dinâmicas de grupo e palestras e, principalmente, de treinamentos de sobrevivência.

Estrutura de grupos

Conforme a hipótese de Foulkes, alguns aspectos importantes podem ser analisados no grupo: estrutura, forma e organização; o processo ou componente dinâmico relacional; conteúdo, atitudes, ideais, valores e sensações (FOULKES *apud* CÂMARA, 1999). Dentre os aspectos acima mencionados, nesta seção, pretendemos avaliar a estrutura do grupo em isolamento e confinamento.

As múltiplas formas de agrupamento definem um conjunto diferenciado de experiências intersubjetivas, grupais e intergrupais (KÄES, 1978). O contexto de isolamento e confinamento na estação brasileira na Antártica formada por *pequenos grupos* revela-nos, formas intersubjetivas particulares a essa situação e possibilita a emergência de fenômenos ligados à repetição, à transferência e à clarificação da ilusão grupal.

Um grupo pode significar várias experiências de âmbito psicológico, emocional ou mesmo físico. Enquanto a estrutura de grupo varia em suas formas ou modelos conforme o ambiente, também variam as necessidades dos sujeitos, os objetivos comuns e as atrações ou rejeições nas relações intersubjetivas. Para Mucchielli (MUCCHIELLI *apud* GARCIA-ROZA, 1974), um sentido moderno da palavra ‘estrutura’ aplicada a fenômenos psicológicos diz respeito unicamente a *significações*. O autor explica:

“Uma *estrutura de significação* é aquilo em relação ao qual um elemento do mundo toma um significado para um sujeito. Mais exatamente, designa uma realidade operante que não tem nada de objetiva nem de consciente (não é diretamente observável e não é um conteúdo de consciência) e cuja ação converte os dados do mundo em significativos para um sujeito. A estrutura de significação supõe e implica uma relação essencial e existencial entre o sujeito e seu universo e é uma constante dinâmica desta relação” (p. 50; *itálicos do autor*).

Para a Psicanálise, que se constitui na tematização da relação do sujeito com a palavra, já que a descoberta freudiana põe em relevo a atuação do jogo de metáforas no inconsciente, a *estrutura* refere-se àquilo que coloca uma experiência para o sujeito que ela inclui. Nesse sentido, a estrutura é unicamente capaz de dar sentido àquilo que ela estrutura. É, a partir desse ponto de vista, uma forma vazia, mas dinâmica e bem definida que dá uma forma e, portanto, uma significação ao que vem preenchê-la (MUCCHIELLI, *ibid*).

O grupo em sua estrutura unitária e dinâmica pode ser comparado, por exemplo, a uma melodia (GARCIA-ROZA, 1974; FOULKES, 1965). Ela, apesar de ser composta de sons, muitas vezes passíveis de serem distinguidos separadamente, possui uma unidade que dificilmente pode ser explicada pelas sensações isoladas de cada um desses sons. Mesmo que a melodia possa ser transposta para outro tom e ser tocada por outro instrumento, mesmo assim continua sendo a mesma melodia. Entretanto, todos os seus elementos foram alterados e a melodia continua a mesma. O grupo avaliado como uma unidade dinâmica é semelhante, pois a alteração dos sujeitos que o compõem, não altera sua estrutura de grupo, ela continua a mesma.

Como afirma Paul Guillaume “uma forma é outra coisa ou algo mais que a soma de suas partes” (GUILLAUME *apud* GARCIA-ROZA, 1974:52). Pode-se dizer, então, que o grupo tem propriedades que não resultam da simples soma das propriedades de seus elementos. Em outras palavras, o grupo tem propriedades específicas que são diferentes das propriedades dos seus subgrupos ou dos membros que o compõem. No entanto, o grupo sendo um todo dinâmico, resulta da interdependência de suas partes (GARCIA-ROZA, *ibid*).

No presente estudo utilizamos o termo *grupo* de três maneiras: primeiro, designando o grupo composto por todos os cientistas da estação, do navio e do acampamento; segundo, designando os subgrupos ou pequenos grupos compostos por cientistas e algum membro do grupo base; terceiro, o grupo com o chefe da estação. Temos também que esclarecer que grupo, na medida em que é uma entidade ou o ‘grupo como um todo’ é uma categoria descritiva. Entretanto, nesse conceito subtendem-se as relações *interpessoais* e as *transferências* laterais (KÄES, 1978), tema que será tratado na análise dos relatos.

Os pequenos grupos e subgrupos

A fluidez da estrutura do grupo permite uma movimentação dinâmica interna e externa. Na interna, ela produz a organização de pequenos grupos ou subgrupos. No pequeno grupo pode-se dizer que existe uma estrutura diferente daquela de um grande, estando presente um líder simbólico. Essa dinâmica do grupo com os subgrupos, não esquecendo que também existem as equipes relacionadas com o trabalho, organiza uma certa cultura de grupo, com linguagem própria, formas de relacionamentos e identidade específica ao trabalho e ao ambiente de trabalho.

As características de um grupo grande são diferentes das de um pequeno, o mesmo acontecendo com suas equipes. Na psicanálise, de acordo com a literatura consultada, a organização de grupos tem, em geral, a proposta de uma terapêutica de grupo ou seminários de formação clínica. Essas perspectivas organizam características particulares aos objetivos do grupo. Ao conceito de formação dos grupos acrescentaremos idéias das teorias que pesquisam as inter-relações sociais. Nosso estudo pretende conhecer as formações e interações grupais em ambiente isolado a partir da observação indireta, o que justifica complementarmos teorias da psicanálise de grupo com a psicologia social aplicada ao contexto de pesquisa.

Paul Hare (1983), quando utiliza a análise de conteúdo de interações sociais, por exemplo, identifica quatro categorias de conteúdo representadas por quatro problemas funcionais do grupo: valores, normas, liderança e recursos. Essas quatro categorias funcionais são dadas com relação a algumas hipóteses referentes ao desenvolvimento, aos comportamentos de filiação e à solução de problemas do grupo. O autor também aplica a perspectiva funcional na análise de escolhas interpessoais, de papéis e criatividade do grupo.

Tais categorias compõem o nome AGIL que representa: *Adaptation* (adaptação), *Goal-attainment* (objetivo alcançado), *Integration* (integração) e *Latent pattern maintenance* (padrão latente de conservação). O interessante da teoria de Hare é que essas categorias com as quais trabalha são semelhantes ao que Malinowski (1960) considera como dados culturais de instituições. A teoria funcional, em Hare (1983:430), apresenta propostas fundamentais para a sobrevivência de grupos formais, sejam eles pequenos ou grupos de discussão ou mesmo toda a sociedade. Elas estão centradas em quatro necessidades básicas: (L) que os membros compartilhem a mesma identidade grupal e tenham algum compromisso com os valores do grupo; (A) que tenham a capacidade de criar

habilidades e recursos necessários para atingir os objetivos do grupo; (I) que sigam regras que lhes permitem coordenar as atividades e sentimentos de solidariedade suficientes para completar suas tarefas; (G) que desenvolvam a capacidade de exercer suficiente controle sobre seus membros de forma a serem capazes de trabalhar para um objetivo comum.

A categoria L refere-se às necessidades de normas e valores do grupo relacionadas e condizentes com suas atividades e que contribuem para criar sua integridade. Hare compreende a palavra 'latente' como o contrário de manifesto. Quando o grupo se encontra face a face ele está manifesto e nos períodos de ausência, entre um encontro e outro, ele está latente. Sua percepção do grupo é bastante empírica e as categorias dos comportamentos e necessidades são interessantes para análise de diferentes grupos. A categoria A, para adaptação, significa a produção de recursos, para uso interno do grupo que podem ser compreendidos como recursos no sentido das relações emocionais, das soluções e da cooperação. De certa forma tal categoria tem certa semelhança com o conceito de valência, em Bion, que faz a avaliação de como o sujeito investe na existência do grupo. A categoria G, para objetivo alcançado, está diretamente relacionada com o sucesso ou fracasso do trabalho. Se existe, por exemplo, muita tensão no gerenciamento dessa área, isso pode provocar a dissolução do grupo, caso a tensão não seja bem administrada. A categoria I, para integração, concebe a busca de normas e solidariedade como mecanismos primários de conflitos de gerenciamento. Nessa fase devem-se procurar soluções para melhorar as relações intragrupais, ou para diminuir os conflitos.

Acima apresentamos a teoria de Hare sobre as necessidades do grupo. Entretanto a teoria de Bion (1975) sobre análise da mentalidade do grupo tem como ponto central as forças emocionais, decorrentes das necessidades individuais de cada sujeito, que atravessam o grupo criando tensões e conflitos. A mentalidade de grupo é a expressão geral da vontade do grupo. Cada indivíduo contribui para esse processo, embora não saiba como o faz. Trata-se de uma 'maquinaria' de intercomunicação, que é construída para garantir que a vida do grupo funcione em acordo com as suposições básicas. Tais suposições criam uma certa tensão decorrente das necessidades individuais e da mentalidade do grupo. A partir dessa disputa o grupo organiza uma certa cultura própria. O conceito de cultura do grupo, na teoria de Bion, é usado de forma descompromissada, sem qualquer conotação com

a cultura de uma sociedade, indicando, contudo, a estrutura que o grupo adquire em um determinado momento, as ocupações que ele persegue e as organizações que adota.

Ao discutir a idéia de Freud sobre o fenômeno de um grupo, no qual as emoções de um sujeito tornam-se extraordinariamente intensificadas, enquanto sua capacidade intelectual fica acentuadamente reduzida, Bion (1975) assegura que, nos grupos que conduziu, tal fenômeno não aconteceu. Para o autor “o desejo de um grupo ‘organizado’, no sentido que lhe dá McDougall, é frustrado. O temor à suposição básica que não pode ser satisfatoriamente tratada pela estrutura e pela organização expressa-se assim pela supressão da emoção, sendo esta uma parte essencial das suposições básicas” (p.162). Na verdade, a supressão da emoção ao invés de criar um clima de equilíbrio no grupo, faz o contrário, intensifica o nível de tensão intragrupal.

Diferentemente do que pensaram Freud e McDougall, Bion acredita ser possível, em um grupo, uma atividade intelectual altamente produtiva e defende a interpretação do coordenador do grupo como forma de proporcionar ao mesmo a capacidade de tomar consciência das emoções das suposições básicas. Chama de valência quando o sujeito revela instantaneamente a capacidade de combinar-se com outros membros do grupo, produzindo assim um padrão estabelecido de comportamento – as suposições básicas. Bion inspirou-se no termo valência da física para mostrar o poder de combinação dos átomos e disse que o mesmo acontece no grupo, entre seus membros. Lembramos que as suposições básicas são: luta e fuga, acasalamento e dependência. Muitas vezes as atividades das suposições básicas impedem o grupo de trabalho de se engajar em atividades para resolver os problemas do grupo.

A liderança

Os cientistas brasileiros ao se referirem ao grupo base, sempre ressaltam que a dinâmica e a *performance* de cada grupo (referindo-se às equipes de coleta de amostras) dependem da personalidade do chefe da estação. Quando o chefe tem atitudes mais rígidas, isso dificulta a performance das equipes na coleta. Nelson (1973) acredita que um dos elementos mais críticos da estrutura de um grupo em

confinamento e isolamento é a questão da liderança, especialmente relacionada às tarefas, aos problemas e ao campo sócio-emocional do grupo ou grupos.

Liderança é definida por Nelson (1973:174) “como um processo de interação envolvendo permuta de papéis ou expectativas como também comportamentos diferenciados de assertividade”. Essas qualidades de uma liderança são indicadas principalmente para os grupos em ambientes como o do Ártico e das estações na Antártica, para tripulações de submarinhos, para unidades em campo de batalha e para grupos de treinamento em sobrevivência. As formas negativas de uma liderança apresentam, como a música mal tocada por uma orquestra, desarmonias, contrapontos e dissonâncias.

Em ambiente isolado identificamos duas modalidades de liderança. Uma *liderança formal*, especialmente em situação de emergência, quando se apresentam características objetivas condizentes com cada situação manifesta. Nos pequenos grupos vivendo em condições de confinamento e isolamento nas estações antárticas, supõe-se uma *liderança informal* ou mais interpessoal, no sentido de maior ou menor distância para com os membros do grupo. Isso quer dizer que o líder deve ter a habilidade de influenciar os membros do grupo das seguintes formas: deve criar interesse nos membros para participarem do grupo; deve estimular o espírito de tolerância mútua, trazendo as fricções e conflitos que ocorrerem nas relações para serem discutidos no próprio grupo; deve inspirar força e confiança no grupo de forma que possam ser deliberadas funções e atividades aos membros do mesmo e, ainda, deve determinar os papéis de cada um no grupo.

A questão crucial é se um líder formal, com seu papel de autoridade já prescrito, se sustenta somente em seu *status* institucionalizado, na medida em que o tempo de confinamento e isolamento aumenta? Para uma estação na Antártica, Nelson (1973) recomenda que o líder, ou alguém na posição de liderança, leve em consideração os tipos de decisões necessárias e esperadas por seus homens. Em um estilo de *liderança democrática*, por exemplo, quando se trata de assuntos de ordem técnica, de natureza específica a certas tarefas, espera-se que o líder leve em conta as opiniões dos especialistas dessas áreas antes de tomar decisões. Também é desejável que o líder formal consulte todos os grupos nas decisões gerais referentes à rotina e orientação dos problemas da estação tais como planejamento de limpeza e de

comemorações festivas, especialmente quando englobam todas as pessoas que nela trabalham.

Já a *liderança autocrática* subentende decisões referentes a situações de emergência. Diferente das outras situações em que as decisões podem ser tomadas sem pressa e pressão, em situações de emergência espera-se que o líder tome decisões de forma rápida e autocrática, de acordo com as circunstâncias. Em qualquer dessas instâncias o desempenho do líder formal não pode ser dispensado, embora seu *timing* e relacionamento com seus homens em geral variem de situação para situação, ou mesmo possam depender de sua personalidade.

Muitas vezes em grupos artificialmente constituídos, o líder pode assumir seu papel semelhante ao de um pai e achar que tem de amar a todos os membros igualmente como se fossem seus filhos. Nesse sentido, tal líder leva ao extremo o que Freud definiu como a vinculação dos membros do grupo por laço libidinal (FREUD, 1987) ou emocional. Relações libidinais ou emocionais constituem a essência da relação do grupo com o líder e dos membros entre si, constituindo assim a mentalidade do grupo. Em termos gerais, Freud explica que libido é uma expressão originada da teoria das emoções e considerada como a quantidade de energia das pulsões compreendida no amor. A questão do amor é bastante abrangente, pois inclui desde o amor do sujeito em relação a si mesmo, o amor dos pais e filhos, a amizade, o amor à humanidade em geral, até certas formas de devoção a entidades, a objetos divinos e, até mesmo, a idéias abstratas.

Na concepção de Freud (1987), o vínculo emocional dentro do grupo e que sustenta a coesão dos seus membros, surge do vínculo emocional entre o grupo e o líder. Mas a função do líder, segundo Béjarano (1978), é ao mesmo tempo real e imaginária. No aspecto real ou manifesta, sua função é efetivamente organizar, sugerir, dirigir, cuidar e, em alguns casos, ela pode ter efeitos estruturantes ou desestruturantes. No aspecto imaginário, latente, o qual serve de fundamento ao primeiro, a função é de suporte, de identificação, de fantasias pessoais e coletivas, de mitos, ou de ideologias.

O amor ao líder vem sempre acompanhado de certa ambivalência, da mesma forma que o amor do filho ou filha pelo pai. O pai, culturalmente falando, é uma imagem de autoridade e essa imagem é muitas vezes depositada sobre a figura do

líder. Assim a autoridade do líder advém dessa fonte. Como foi colocado acima, o líder formal em ambientes extremos e em situações de emergência é o detentor do poder e autoridade para tomar decisões com relação ao bem-estar do grupo. No plano simbólico, a legitimação do líder é feita de forma inconsciente. Susan Long (1992) sugere que a identificação é o maior processo transindividual encontrado nos grupos. Acredita que o processo de identificação nos grupos se processa de forma mais direta com relação à autoridade do líder simbólico, do que com o líder formal e conscientemente legitimado. Quando isso acontece, a estrutura do grupo 'é dirigida' pelas tarefas e identificações com o líder simbólico (RIEFF *apud* LONG, 1992). Béjarano (1978) apresenta semelhante concepção quando designa que o condutor de um grupo (refere-se mais o condutor de grupo de formação), tal como o analista em tratamento individual, tem uma função essencialmente simbólica. Nesse caso ele é participante na posição de líder, constituindo uma função ao mesmo tempo real e imaginária.

Os papéis no grupo

Em qualquer grupo, seja ele formalmente organizado ou não, seus integrantes desempenham vários tipos de papéis que afetam seu funcionamento. O papel é um conceito que designa um conjunto de direitos, deveres e comportamentos associados à posição ou *status* que o sujeito ocupa em um grupo social. Podem-se identificar dois tipos de papéis relacionados ao desempenho do indivíduo na sociedade, na instituição e nos grupos: um papel formal, que indica a posição social do sujeito; e um papel informal, que ele assume na dramaturgia dos grupos. Por exemplo, Thornton e Nardi (THORNTON e NARDI *apud* HARE, 1996) descrevem quatro estágios na aquisição de papéis na tipificação dos desempenhos de um indivíduo e dos outros membros do grupo: antecipatório, formal, informal e pessoal.

Normalmente existe uma separação entre a designação do *status* social e o papel que o sujeito "dramatiza" em um pequeno grupo. Berger e Luckmann (1995) separam-nos pela ação específica e pela forma de ação. Identificam no primeiro um sentido objetivo e no segundo uma objetivação lingüística. Por exemplo, o chefe de uma estação na Antártica desempenha o papel formal de chefe e líder formal, mas em circunstância informal ele pode assumir o papel de 'contador de piadas' ou de 'brincalhão'.

Na verdade, uma pessoa pode desempenhar inúmeros papéis ao longo de sua vida. No exemplo acima, indicamos que, na medida em que é ‘chefe’ e ‘líder’ formal, o indivíduo executa uma ação, embora no curso da ação possa ocorrer uma identificação de sua personalidade com o sentido objetivo desse desempenho. É o que Berger e Luckmann esclarecem: “o ator nesse momento, apreende-se a si mesmo como essencialmente identificado com a ação socialmente objetivada” (p.102).

Mas tal identificação tem conseqüências mais profundas, porque uma parte do eu que pratica a ação é incorporado como uma parcela na personalidade da pessoa, ou seja, um setor inteiro da autoconsciência estrutura-se identificado com essas objetivações. Melhor dizendo, um segmento da personalidade objetiva-se nessas tipificações socialmente construídas. Para Berger e Luckmann esse segmento, entre muitos outros, constrói o ‘eu social’, que é subjetivamente experimentado como distinto e ao mesmo tempo integrado ao eu em sua totalidade. Na análise do caráter, Reich (1994) considera essas tipificações objetivas como fazendo parte da primeira camada ou da superfície da personalidade do sujeito, o que Crist (1993) chama de sua *façade* (‘aparência social’). A identificação com o papel objetivado, em algumas pessoas, pode ser de tal forma radical que elas somente reconhecem o eu total na *façade*, perdendo contato com seu *self* mais profundo. Nesse tipo de situação a personalidade do sujeito, como um todo, está identificada e funcionando somente como o ‘chefe’ ou o ‘líder’ formal.

Mas o que nos interessa aqui é a questão dos papéis assumidos em um grupo em isolamento. Para Hare, (1996) a estruturação dos papéis formais desenvolve simultaneamente os informais, conforme o exemplo acima citado. Mesmo porque, logo que o grupo tiver estruturado os papéis formais, a estrutura informal ou o conjunto de papéis das interações relacionais se desenvolvem nele. Segundo o autor, quando há estrutura formal, há também estrutura informal. Na concepção de Hare, (ibid) a estruturação formal de papéis normalmente representa a terceira fase entre as quatro do desenvolvimento de um grupo. Na primeira fase, o grupo define por consenso a situação e a natureza da tarefa pela qual é responsável; na segunda, define e desenvolve os recursos necessários para a realização da tarefa; na terceira, ocorre o desenvolvimento de um conjunto de papéis e surge o espírito de grupo; na quarta, o grupo deve coordenar os recursos e os papéis formalmente definidos que serão aplicados em atividades objetivas.

Na análise dos grupos do programa brasileiro vamos focalizar como cada organização de grupo, ou seja, o grupo de acampados, o grupo do navio e o grupo da estação, apresenta estruturas e dramaturgias grupais diferentes com a estruturação de diferentes papéis, muitas vezes, atuados até pelo mesmo sujeito. Isso confirma o pressuposto de Käes (1997) de que o ‘grupo interno’ dos sujeitos em grupo, ou no espaço dos vínculos intersubjetivos, tem a função de ligação, de representação (incluímos aqui a representação de papéis) e de transformação. Nesse sentido, uma das propriedades da função do grupo é ‘dramatizar’ e proporcionar os deslocamentos dos sujeitos e dos objetos, conforme as colocações, as necessidades e as dificuldades da ação psíquica a ser realizada e segundo as necessidades dinâmicas da economia psíquica (por exemplo, o posicionamento em um tipo de papel designado pelo grupo) especialmente sob o efeito das censuras a serem respeitadas e contornadas.

OS GRUPOS NA ANTÁRTICA

Capítulo I

“Os Acampados”

“However paradoxical this may seem, it is often this *inner immensity* that gives their real meaning to certain expressions concerning the visible world”.

Gaston Bachelard,
The poetics of space, (1994).

1.1 O sonho Antártico

O sonho de conhecer o continente da Antártida é antigo. Em 1899, o capitão da Marinha inglesa Robert Falcon Scott e o tenente irlandês Ernest Henry Shackleton, a bordo do navio *Discovery*, tinham uma missão confiada pela Royal Geographical Society de aproximarem-se o mais possível do Pólo Sul. Ulisses Capozoli, (1995) jornalista brasileiro, apresenta-nos em seu livro *ANTÁRTIDA - A Última Terra*, a viagem de Scott, Shackleton e de Roald Amundsen, norueguês, que em 14 de dezembro de 1911, juntamente com quatro companheiros, foi o primeiro homem a colocar os pés na imensidão gelada do Pólo Sul. O sonho de Scott, em ser o primeiro homem a pisar no Pólo Sul, termina quando ele consegue chegar ao extremo sul da terra, somente em 18 de janeiro de 1911, sua segunda viagem à Antártica, e constata que a bandeira norueguesa tremula há mais de um mês junto a uma tenda, em cujo interior encontra uma carta de Amundsen a ele dirigida, pedindo-lhe que a entregasse ao rei da Noruega, caso percesse no meio do caminho.

Vários outros exploradores americanos, russos, australianos, neozelandeses, argentinos e chilenos, para citar alguns, foram à Antártida após esses pioneiros. Mas a era dos grandes exploradores termina, segundo Ulisses Capozoli (1995), com a morte de Ernest Shackleton em 1922, a bordo do navio *Quest* quando realizava sua quarta viagem à Antártida. Encerrou-se então o chamado “período heróico” de conquista do continente.

Capozoli, junto ao grupo da Universidade de São Paulo (USP), na operação de pesquisa III, em final de 1984 e verão de 1985, a bordo do navio oceanográfico NOc *Professor Wladimir Besnard*, teve como missão produzir um relato em forma de diário da expedição, que deveria ser condensado em 40 linhas diárias. Viajava

junto ao Professor Vilella que, conforme Capozoli relata em seu livro, foi “o primeiro brasileiro a pôr os pés no Pólo Sul e era um experimentado viajante antártico” (1995:21). O navio oceanográfico, NOc Prof. Besnard naquela viagem, dava prosseguimento à realização das estações oceanográficas no estreito de Bransfield, iniciada na expedição de 1982/83, cujos projetos estavam vinculados ao BIOMASS, ou Investigações biológicas e estoques marinhos da Antártica (MARTINS, 1998). Segundo Martins, a Operação Antártica III quase duplicava o trabalho científico de campo em relação à operação anterior, passando a executar 29 projetos, a maioria multiinstitucional e com a participação de 100 pesquisadores.

Embora o Brasil só tenha aderido ao Tratado Antártico em 1975, a primeira expedição subantártica brasileira aconteceu em 1882 e reuniu cientistas para estudar a passagem do planeta Vênus diante do disco solar, no dia 6 de dezembro (CAPOZOLI, 1995). O imperador Pedro II, admirador da ciência e, sobretudo, da astronomia, havia assumido no ano anterior, em Paris, o compromisso de participar, juntamente com cientistas de outros países, da medição do trânsito de Vênus pelo disco solar. O imperador foi altamente criticado por políticos e pela imprensa por esse investimento. A corveta *Parnahyba*, da Marinha imperial, foi escolhida para a viagem.

A corveta, ao penetrar nas águas do Estreito de Magalhães, que, ao norte do Estreito de Drake, liga os oceanos Atlântico e Pacífico, foi atingida por ventos fortes, mas conseguiu, três dias depois, atracar na baía de Possessão, exatamente um dia antes do trânsito de Vênus. Segundo Capozoli (1995), a equipe foi dividida e os brasileiros conseguiram, no dia 6 de dezembro, “uma das medidas mais precisas do trânsito de Vênus, apesar de toda a improvisação, do boicote político e das críticas ferozes da imprensa” (p.24). Críticas essas, feitas principalmente pelos políticos ditos nacionalistas, que se tornaram acirradas porque o imperador enviou um segundo grupo de pesquisadores com destino às Antilhas, com idêntico objetivo. O grupo das Antilhas viajava sob a coordenação de Antonio Luís von Hoonholtz, o Barão de Teffé, que dá nome ao navio de pesquisa oceanográfica da Marinha - NApOc Barão de Teffé. Esse navio, comprado da Dinamarca, fez sucessivas viagens à Antártica desde 1983, período de construção da Estação Antártica Comandante Ferraz e foi substituído, em 1994, por um navio mais moderno, o navio de pesquisa oceanográfica - NApOc Ary Rongel.

O sonho de ir à Antártica atravessou os dois últimos séculos e ainda acalenta corações e mentes de brasileiros pesquisadores e não pesquisadores. Um dos grupos de pesquisadores que entrevistamos fala de seu sonho de ir à Antártica.⁸

“Assim, primeiro eu acho que eu estava extremamente deslumbrado porque era sonho de infância meu ir para a Antártica”.

“Aquela coisa do sonho que acalenta desde que éramos estudantes e que de repente se vê realizado...”.

“Aí, quando estava aqui conversando e tal, eu falei que era meu sonho conhecer a Antártica”.

Mas é um sonho que não tem fim, porque, de forma semelhante aos exploradores do início do Século XX, eles sempre querem voltar para viver o sonho novamente. Edson N. Martins (1998) em seu livro *Retorno a Ferraz: Histórias de um pioneiro*, fala de sua experiência como o primeiro Comandante Chefe responsável pela construção da Estação Antártica Comandante Ferraz, em 1984, e de seu sonho de lá retornar anos mais tarde. Houve uma primeira tentativa, em 1993, quando embarcou no quinto vôo de apoio da XI Operação, realizada em maio daquele ano. Devido às condições meteorológicas e ao grande número de convidados, ele não conseguiu chegar à Estação Ferraz e se contentou em visitar as áreas chilenas de Marsh e Bellingshausen. Em suas palavras: “Matei um pouco da saudade, senti o frio no rosto e nas mãos, mexi na neve, mas não foi suficiente” (p. 113). Ele somente realizou seu sonho de voltar à Estação Ferraz⁹, como convidado, em 1997. Para ele, essa visita “concretizara um sonho, mas ele passou muito rápido. Havia tantas coisas para ver que não foram vistas direito...” (p.117). E assim os sonhos sempre retornam como fonte de motivação para enfrentar os perigos e desafios de um ambiente inóspito. Será o continente antártico “o canto da sereia” que seduz os homens e mulheres a sempre voltarem?

1.2 Os Acampados

Pretendemos iniciar nossa apresentação e análise dos grupos por aquele que ficou acampado na Antártica, que chamamos de “os acampados”. Por ser um grupo que conviveu mais tempo numa interação de pesquisadores mais intensa e sem a influência direta das regras e normas da Estação Antártica Comandante Ferraz -

⁸ O relato dos pesquisadores em grupo será sempre em itálico e entre aspas.

⁹ Nos referiremos à Estação Antártica Comandante Ferraz de duas formas: pela sigla EACF e pela nomenclatura geralmente dada pelos pesquisadores de Estação Ferraz.

EAFC, ou do navio, ele apresenta características particulares em sua organização. Também nos permite avaliar um grupo de pesquisadores interagindo entre si por um período longo de tempo, em condições de total isolamento, em íntimo contato com a natureza “violenta” e sua misteriosa imensidão.

As características de um grupo, como já foi falado anteriormente, estão relacionadas a sua formação, ao local onde permanecem na Antártica e como interagem entre si e com outros grupos, como por exemplo, o grupo base da estação ou do navio. A organização refere-se aos componentes do grupo, aos papéis ocupados por seus membros, à eleição de líderes e ao tempo de convívio.

Empiricamente falando, o grupo “os acampados” é composto por sete pesquisadores da cidade do Rio de Janeiro e dois alpinistas de São Paulo. Os pesquisadores são quatro professores, sendo um geólogo, um biólogo e dois paleontólogos; dois estudantes de doutorado e um técnico em paleontologia. No projeto dessa equipe havia um coordenador formal e um coordenador substituto formal. Queremos com isso dizer que eles foram formalmente e oficialmente nomeados coordenadores desde a elaboração do projeto. Os alpinistas, que os acompanham, são responsáveis pela identificação dos locais de trabalho, pela segurança e logística no acampamento. Eles são sempre designados pelo PROANTAR¹⁰. Em geral, eles, pesquisadores e alpinistas, fazem-se conhecer no Treinamento Pré-Antártico - TPA realizado pela Marinha no litoral do Rio de Janeiro.

Iremos focar principalmente a experiência desse grupo que consideramos como uma matriz, no sentido dado por Foulkes (1965). E acrescentaremos a essa matriz, dois outros pesquisadores que também tiveram a experiência de acampamento, porém em outro grupo. Pela experiência de Antártica e de acampamento nesse ambiente, eles farão parte do grupo “os acampados” nesse nosso estudo. Certamente, suas experiências de pesquisadores acampados mais antigos podem enriquecer e acrescentar novos dados para nossa análise. Dessa forma, o grupo “os acampados” está composto por onze indivíduos, dos quais oito pesquisadores foram entrevistados face a face. Um dos professores, que vive em outro estado, foi entrevistado por telefone e com seu consentimento gravamos a entrevista. Os dois alpinistas não responderam ao nosso convite para dar entrevista.

Entre “os acampados” havia seis pesquisadores que foram à Antártica pela primeira vez; um pesquisador foi pela segunda vez e outros dois já tinham ido várias

¹⁰ Também usaremos a sigla PROANTAR quando nos referirmos ao Programa Antártico Brasileiro.

vezes. Esses últimos ficaram tanto na estação como acampados e, atualmente trabalham na área de glaciologia. Os alpinistas já foram inúmeras vezes, porque eles acompanham os pesquisadores tanto nos acampamentos, como também ficam sediados na EACF para acompanhá-los nas incursões por terra. A singularidade desse grupo é que, entre os nove pesquisadores, pelo menos quatro deles nunca tinham andado de avião, de helicóptero, de navio e tampouco visto neve em suas vidas e acamparam na Antártica pela primeira vez.

Outra questão importante a ser tratada aqui é nossa decisão de dividir o tempo total da viagem dos pesquisadores à Antártica em quatro momentos. O primeiro abrange o início da viagem, os acontecimentos e as interações no navio até a chegada ao acampamento; o segundo se relaciona às interações e aos acontecimentos do próprio acampamento; o terceiro são os acontecimentos e interações na Estação Antártica Comandante Ferraz; e, por último, o quarto momento, que abrange os acontecimentos e as interações na volta para o Brasil.

Na apresentação dos acontecimentos e interações do grupo chamaremos de *linguagem do grupo* tanto as expressões emocionais como as ações do grupo, ou seja, suas ações emocionais. Para a análise, faremos uma certa seleção das *linguagens dos grupos* contidas nos relatos, de forma que possamos compreender as formas de interação, as relações intersubjetivas no grupo e com outros grupos, como o grupo base do navio ou da Estação Ferraz. Os relatos sobre as impressões pessoais serão considerados como impressões do grupo e cada situação vivida será uma situação grupal. É interessante lembrar novamente que estamos estudando *o sujeito em grupo*, o qual representa o grupo em sua totalidade, ou, segundo Foulkes (1965) “*as a whole*” (como um todo).

1. 3 Primeiro momento.

1.3.1 O destino do grupo “Os Acampados”:

O destino do grupo “Os Acampados” foi a Ilha James Ross, localizada na península Antártica, dentro do Círculo Polar Antártico e próxima ao continente. A Antártida (CAPOZOLI, 1995), legalmente e por definição do Tratado Antártico, localiza-se no interior de um círculo, que corre ao longo da latitude de 60° Sul, dentro do qual está o Círculo Polar Antártico a 66° 33’ Sul.

“Os acampados” concentraram suas atividades nessa primeira etapa na região de Bibby Point – elevação de rochas vulcânicas de grande beleza, na baía Brandy, no cabo Lachman e em Santa Marta Cove. Conforme a avaliação dos geólogos do

grupo, as camadas estudadas formaram-se há cerca de 70 milhões de anos, quando essa região era bem mais quente do que nos dias de hoje e abrigava fauna e flora praticamente desconhecidas pela ciência.

1.3.2 A organização do grupo.

Organizar um grupo de trabalho pressupõe dois movimentos, o de incluir e o de excluir. Os atos de incluir e excluir estão no cerne do processo de associação de pessoas. Eles são comportamentos e ações que, embora necessários do ponto de vista funcional, promovem a dialética no processo inclusão e exclusão, contida no ato de escolher nas dinâmicas do mundo real. No entanto, do ponto de vista emocional, muitos elementos se associam para incluir ou excluir alguém e esses processos podem ser conscientes ou inconscientes. O existir das instituições exige em sua dinâmica esse exercício dialético, frequentemente carregado de elementos inconscientes.

Mas é possível acampar ou fazer qualquer trabalho na Antártica, só? Por ser um ambiente isolado e extremo, a questão da sobrevivência torna-se fundamental, o que, para Ursin, et al. (1991), não depende somente da competência e personalidade de cada membro da expedição, mas também da interação do grupo. Tendo essa idéia como ponto de partida, perguntamos aos pesquisadores do grupo: O que percebem como grupo? Como descrevem um grupo? Eles responderam:

“Para esse caso um grupo é a equipe de trabalho. Cada pessoa tanto com o aspecto profissional dela, as qualidades profissionais, como os aspectos sociais dela vão formar esse grupo”.

“Um grupo é um conjunto de pessoas, um conjunto de indivíduos que têm algum interesse em comum, que está desenvolvendo algum trabalho de interesse comum”.

“No nosso caso... um grupo é um conjunto de pessoas que tem um propósito de um projeto, de um trabalho e para desenvolver esse objetivo em conjunto e existe uma interação entre eles”.

Nas respostas acima se vê que a avaliação do grupo, embora funcionalmente clara e objetiva (formal), em nenhum momento descreve o aspecto emocional, o que,

já de início, se contrapõe à perspectiva anteriormente enfocada: o sonho. Cogitamos se, do ponto de vista do inconsciente, o sonho vem de conflitos encenados nessa aventura¹¹. Entretanto, tais definições mostram o ponto de partida de um grupo empírico, ou, na concepção de Bion (1975), a mecânica de formação e sua reunião em um determinado lugar, ou por algum motivo. Mas os fenômenos de grupo, decorrentes da interação entre os sujeitos, é que compõem seu lado informal. Podemos expor alguns exemplos deflagradores desses fenômenos: as inclusões e exclusões, as amizades e inimizades, os desconhecidos ou estranhos e os conhecidos existentes no grupo; os papéis que emergem dentro do grupo com suas funções e os transmissores estruturantes como os *porta-palavras*, os *porta-vozes*, os *porta-sonhos* (KÄES, 1997), os *bodes expiatórios* (HARE, 1996) e muitos outros.

O porta-palavras é aquele que fala pelo grupo, aquele que emite o discurso do grupo; o porta-voz ocupa o lugar de transmissor do desejo, da proibição e das representações do grupo. O grupo do ponto de vista de sua dinâmica psíquica, ele próprio é um sonho e tem como função abrigar e fazer acontecer os sonhos de seus integrantes, assim a função do porta-sonhos é ser o transmissor da continuidade do tema do sonho no grupo e pelo grupo.

Após o processo ‘mecânico’ de se agrupar e quando a dinâmica intragrupo se processa, esses fenômenos são revelados. Geralmente, um trabalho e um projeto (um sonho) são considerados como motivos importantes para a organização de um grupo:

“Nós fomos à Antártica com um determinado objetivo, que era de coletar fósseis. Então, criou-se um grupo, onde já existiam pessoas amigas...”

1.3.3 O processo de inclusão e exclusão

Os alpinistas além da função de intermediários entre o grupo de pesquisadores e o grupo da Marinha, tinham também como função cuidar e assegurar a vida do grupo. De certa forma, a inclusão formal, *a priori*, deles, alpinistas, decorreu de circunstâncias independentes do grupo; entretanto, a inclusão afetiva se processou ao longo da convivência na viagem e no acampamento. Provavelmente, o contexto de dependência do grupo com relação aos alpinistas, já que eles tinham mais experiência de Antártica e sabiam escolher os melhores lugares para acampar, sabiam cozinhar, sabiam operar o quadriciclo, meio de transporte na Antártica, e o rádio e sabiam guiar o grupo nas prospecções, tudo contribuiu para sua rápida

¹¹ Reflexão realizada em orientação com o professor Jorge Valadares (2008).

inclusão. Considerando que o processo de inclusão se centra principalmente no lado afetivo do grupo, vejamos como o grupo age nesse sentido:

“Os alpinistas que participaram desse trabalho, que eram pessoas totalmente estranhas. Mas nesse momento nós todos formamos um grupo consecutivo”.

A dependência, na verdade, faz parte do processo de desenvolvimento do grupo. Hare (1996) identifica a dependência como a primeira fase de sua organização. Nessa fase, os membros sentem dúvidas em se afiliar ao grupo e também se preocupam em encontrar uma fonte de orientação e liderança. Estará implícito na fantasia do grupo que os alpinistas poderão ter o papel de liderança simbólica? O grupo nos indicará se os alpinistas ocuparão a função de líderes simbólicos ou naturais.

O líder natural é aquele que mobiliza o grupo de forma objetiva na execução de uma tarefa; para Lewin (1948), o líder tem que ser intuitivo, conceituado, sintetizador e artístico; e Bion (1975), a partir da suposição básica de luta e fuga, compreende o líder como um homem que mobiliza o grupo para atacar alguém, ou, alternativamente, para liderá-lo na fuga. O líder simbólico, para Susan Long (1992), reproduz um tipo de liderança baseada no mito Freudiano da horda primitiva, representante da estrutura edipiana. A estrutura de relações de autoridade do líder está sediada na tirania do pai dominador do grupo primitivo e monopolizador das mulheres da tribo.

Entretanto, formar um grupo de pesquisa não é um trabalho simples. Para “os acampados” foi trabalhoso porque havia mais candidatos do que vagas. Esse processo, embora sendo da ordem do raciocínio objetivo, ao contrário, exigiu grande dose de informalidade, coragem e muita negociação por parte do coordenador até porque todos eram conhecidos ou amigos. Mesmo que o trabalho exigisse uma equipe grande, as instituições formais sempre limitam e delimitam o número de pessoas em cada projeto, o que coloca os coordenadores de projetos sem qualquer alternativa, a não ser assumir o papel de autocratas:

“Eu ia ter que cortar. Eu deixei bem claro que se não houvesse pessoas desistindo eu ia ter que cortar”.

1.3.4 A mulher no acampamento

O processo de agrupamento tem também suas histórias. Uma delas envolve duas pesquisadoras candidatas para irem à Antártica no grupo “os acampados”. Segundo o coordenador do grupo, uma se recusou a fazer o TPA (treinamento pré-antártico), o que constituiu um ato de renúncia, porque não se pode ir à Antártica sem passar por um treinamento mínimo de sobrevivência. Essa é uma norma internacional seguida por todos os países e, principalmente, pelo Brasil. Entretanto, havia uma outra candidata que não renunciou. Mas como levar uma única mulher em um grupo só de homens? Difícil tarefa para o grupo resolver:

“Antes tinha duas, mas ia ficar uma. Nada contra as mulheres, muito menos contra essa menina, que é excelente, excelente... Só que é aquela história, nunca é... Você não tem um problema, mas era um problema em potencial... Ela ia ficar muito solitária... Aquelas coisas, né... É diferente”.

O grupo como um todo expressa a rede de processos mentais de todos os indivíduos que o compõem sintetizando, estruturando e organizando o meio psicológico onde ocorre a interação grupal. Dentro dessas circunstâncias, o grupo teve que tomar posição. Do contrário, ele teria que processar o convívio com as diferenças, nem sempre as eliminando, mas, essencialmente, aceitando-as. Ao aceitá-las, organizou-se no grupo um ambiente de possibilidades, de aquiescência e de consenso, e assim ele pôde direcionar-se para tomadas de decisão mais criativas. Mas levar uma mulher, e sozinha, ou somente uma, talvez exigisse mais do grupo do que ele poderia arcar nessa primeira viagem à Antártica.

As reticências acima, no discurso do grupo, indicam a ‘luta’ interna entre o ‘ideal’ em se posicionar de forma igualitária, os impedimentos e as justificativas racionais. Transparece nesse fato uma contradição entre o ideal e o real. Se o objeto de estudo do grupo é a razão da reunião do grupo, e se a pesquisadora é competente, deveria ser incluída nele. As reticências nos permitiram cogitar se o constrangimento maior era do grupo, ou da candidata a participar do grupo e do acampamento? Assumir a grande responsabilidade de ter como membro somente uma mulher em ambiente isolado torna-se “*um problema em potencial*”. Então, como lidar com essa situação senão aceitar o consenso psicológico do grupo – excluindo-a? Na verdade, a maioria vence.

As diferenças não estão somente centradas no gênero ou no sexo, mas nas formas como o corpo reage a cada situação em que o sujeito se coloca. Em seu corpo, a mulher funciona diferente do homem, mas em situação de acampamento o ambiente antártico pode trazer muitos transtornos para ambos os sexos. O relato do subgrupo, cujos integrantes já haviam estado em situação de acampamento misto, pode retratar tal situação e nos mostrar o que para uns, é natural e para outros, não, independentemente da questão do sexo dos pesquisadores:

“É frio [na Antártica], a atmosfera muito limpa, as bactérias não proliferam, não é? Claro que você vai fazer uma higiene com aqueles famosos lençinhos umedecidos. Mas você não sente falta de tomar banho não”.

Mas, para outros, torna-se um grande problema:

“A primeira vez de estar lá, então, juntou um monte de coisa, eu nunca tinha visto neve na vida e aí cheguei lá estava... Primeiro, eu acordava com a minha barraca coberta de neve. Eu saía igual de um casulo, todo dia”.

“Segundo, estava com fulano que, apesar de ser meu grande amigo hoje, naquela época, a gente já tinha amizade, mas a gente ainda estava iniciando, então ainda tinha muito... Eu estava lá, assim, mais para obedecer do que para gerar pesquisa. E até porque eu tinha que aprender as coisas com ele. Então eu estava muito tenso de não querer falhar, de não fazer besteira”.

“E terceiro, é que tem um estresse, eu acho que físico. É difícil de dormir porque só tinha dia, no verão, e as barracas são amarelas e são translúcidas. Eu, para dormir com luz, sou um problema sério. Mas o primeiro nível de estresse meu era o banho, não tinha banho. E eu sou um cara que toma muito banho”.

Assim, a questão do corpo, do bem-estar corporal também tem que ser considerada. Sabe-se que o bem-estar corporal é muito importante para definir nosso humor. E o humor em situação de isolamento promove o bem-estar no grupo.

“E nas primeiras reuniões que eu falava com eles em cima de que eu era o único cara que já tinha ido à Antártica em grupo, eu falava que tinha uma coisa importante na Antártica, que é a coisa mais importante dentro do grupo quando você está na Antártica, é o bom humor. Se você for um cara com problemas em relação a isso eu falava: ‘Não vá, porque você vai tornar a tua vida um inferno e a vida de todos os outros num inferno’”.

“Você pode não tomar banho, você pode tomar banho todo dia se quiser, você pode não gostar de comer, você pode fazer o que você quiser, desde que você mantenha seu bom humor”.

Nesse relato, o espírito do grupo (BION, 1975; MCDOUGALL, 1920) ou o moral do grupo está acima das “mazelas” do corpo. O humor torna-se uma forma de *coping*¹² (tolerância, resiliência) na dureza do ambiente antártico. Para Rivolier (2000) a readaptação do organismo a ambientes extremos demanda duas formas de resposta que vão organizar dois estágios: *coping*, quando é um processo curto e *adaptação*, quando é um processo longo. Rivolier define *coping* como um processo ativo que corresponde a uma tentativa de aceitar e enfrentar as condições agressivas do ambiente da melhor forma possível. É quando o sistema nervoso central consegue avaliar a situação e ao encontrar resposta aos problemas é informado de que a solução é adequada. Alguns psicólogos compreendem esse processo somente do ponto de vista do comportamento. Mas *coping* inclui também processos intrapsíquicos. Na verdade, ele resulta de um processo fisiológico, comportamental e psicológico.

Quanto à participação da mulher no acampamento, perguntamos: Como as companheiras de acampamento reagiriam? Será que ficariam incomodadas com as limitações corporais? O incômodo pode ser tanto do homem como da mulher, depende de como cada um lida com essas limitações.

“Porque o banheiro não existia. O banheiro era uma barraca que tinha uma caixa daquelas que estão ali fora... As garotas ficaram incomodadas, claro! Tinha duas lá, elas tinham tomado uma injeção daquelas para não menstruar

¹² O conceito *coping* significa, segundo o Dicionário Webster, estar à altura, não se entregar, lutar, agüentar, enfrentar etc. Como não foi encontrada uma palavra em português que desse esse significado completo, decidimos mantê-lo em inglês.

durante um tempo, só que deu errado... E aí uma delas ficou menstruada o período todo que ficamos acampados. Era infernal. Ela reclamava sim... Mas em nenhum momento ela ficou assim chiando sem parar, disse não, mas você via que às vezes ela estava bem incomodada com essa situação. Muda, muda, sim o humor”.

Fica no ar uma questão: Qual a situação ‘ideal’ para uma mulher em acampamento na Antártica? Infelizmente, não foi possível entrevistar uma mulher que já tivesse acampado na Antártica, para termos uma noção de como ela pensaria. Mas é interessante avaliar as diferentes formas de o grupo ver tal questão.

“(...) caso eu tenha um projeto, vão normalmente duas ou três mulheres. Eu gostaria que uma fosse uma alpinista, porque também tem alpinista mulher. (...) elas [as mulheres] têm aquele constrangimento, né!”

Para o subgrupo, composto por pesquisadores que já foram á Antártica inúmeras vezes, perguntamos se em seu acampamento havia mulheres, então veio a resposta:

“Nos que eu estive, teve mulher e não teve problema nenhum. Nenhum. Tudo normal, todo mundo tem problema”.

Os grupos com mais experiência em acampamentos na Antártica e com mais intimidade com esse tipo de ambiente, mantêm uma posição mais relaxada quanto à inclusão da mulher nos acampamentos. Em geral, eles demonstram que os problemas que uma mulher enfrenta em ambiente extremo, sejam na estação, sejam no acampamento, não são tão diferentes dos problemas de um homem. *“Todo mundo tem problema”* porque, afinal de contas, somos todos humanos.

1.3.5 A viagem

Organizado o grupo, os pesquisadores partem para sua viagem do Rio de Janeiro, no dia 26 de dezembro de 2006. Cheios de expectativas e animados chegam a Punta Arenas, no Chile, onde ficaram ancorados esperando chegar uma carga para a Estação Ferraz. O inesperado acontece e o grupo tem que permanecer 11 dias nessa cidade. Como o grupo se sentiu nessa situação?

“Depois de 11 dias você já começa a ficar de saco cheio, não é? Porque a cidade fica esgotada, e não tem muito que oferecer e ainda gasta seu dinheiro. Sorte que a gente ficou no navio e não pagava hotel, senão estava frito”.

Essa queixa faz sentido porque um pesquisador quando vai à Antártica tem uma diária de R\$ 50,00. Então, só lhes restava ficar no navio. Mas o espaço limitado do navio em contraste com a amplitude do mar era difícil para o grupo. Durante a viagem tinham que ficar confinados dentro do navio por causa do frio e do vento. A falta de espaço e conforto nos camarotes também foram motivos de reclamação. Especialmente para aqueles que nunca tinham viajado em navio, porque se assustaram com os beliches, estilo “gavetas”. Alguns até chegaram a ter sensações de claustrofobia e sentiram dificuldades de dormir.

Entretanto, o desconforto para eles não estava somente nos balanços violentos do mar daquela região, mas também na falta do que fazer dentro do navio e na falta de privacidade. As dificuldades encontradas na questão do atraso, do ambiente gelado e do confinamento no navio estão presentes nos relatos abaixo e dão-nos uma idéia de como fazer pesquisa na Antártica é um grande desafio. Especialmente para aqueles que vão lá pela primeira vez, como é o caso desse grupo. Nos depoimentos abaixo pode-se avaliar o nível de frustração dos integrantes do grupo.

“Passei mal uma vez, fiquei lá, uns ou dois, três dias. Isso não foi nem problema. É que a rotina do navio... O navio tem uma rotina, a nossa pesquisa era no campo, a gente não tinha que se adequar a ela. Foi excelente o convívio com o pessoal da Marinha, mas a gente não tinha muita opção do que fazer, não é? O espaço é bom, mas é restrito e a gente não tinha acesso à Internet o tempo inteiro”.

“Até no primeiro dia houve um pouco de..., uma certa tensão. Pra nós quando embarcamos houve problema. Mas nenhum problema pessoal. Houve problemas de logística”.

“No navio, já tínhamos deixado um grupo na Órcadas do Sul e depois o navio foi pra James Ross. E lá pelas tantas, estava a gente, tranqüilo,

dormindo... De manhã cedo me abre assim... a porta da cabine que eu estava, e o comandante que era o coordenador embarcado, falou: ‘Oi Fulano, qual é o plano B?’ Respondi [fala o coordenador da equipe]: ‘que plano B?’”. Coordenador embarcado[falou]: ‘Olha o seu projeto foi cancelado três vezes essa noite. O comandante virou a noite pra te fazer chegar [na ilha] e agora saiu por outro caminho’ [Procurando rotas alternativas]. Então falei: ‘A não ser que não houvesse condições...’ Imaginei algumas situações, mas naturalmente eu queria ir para o lugar que eu queria ir - que era James Ross. Ficou aquela situação assim, né... E como hoje em dia tudo é e-mail, os garotos já estavam mandando e-mail para todo mundo... Talvez tenha cancelado o projeto... e aí, naturalmente comecei a visualizar o plano B. Deixar de desembarcar não vou deixar”.

“Nós pegamos o mar muito cheio de gelo, onde o navio, de madrugada, quase não conseguiu chegar. Ele ia pelo sul, ele ia para sudoeste, pegar ali em volta do sul, mas tinha tanto gelo no mar de Wedell, que o capitão teve que derivar para o norte, e chegou de madrugada. Depois ele falou pra gente que ele quase desistiu duas vezes”.

“Então, a preocupação da gente na véspera do desembarque... No dia anterior ao desembarque houve, talvez, muito estresse na nossa equipe com relação à viagem, até saber se a gente ia conseguir desembarcar. Se o canal de acesso estivesse livre do gelo, a gente ia conseguir chegar no ponto [de desembarque]”.

“Ficou todo mundo bastante tenso. Esperançoso, eu tinha certeza que a gente ia conseguir desembarcar, mas houve uma tensão, inclusive houve um momento que a gente teve que pensar em alternativas. Se não fosse lá seria aonde? E aí é o problema, porque fóssil só tem em alguns lugares, não é todo lugar que tem fóssil. E aí teve um dia assim com bastante tensão, se a gente ia conseguir”.

Identificamos na situação acima alguns pontos de estresse que, quando imediatamente resolvidos, podem ser superados facilmente. Quando não, podem trazer conseqüências para o grupo durante o período de convivência. Um dos pontos levantados pelo grupo foi a sensação de mal-estar referente ao confinamento do

navio; outro ponto foi a ameaça de fracasso da expedição. Fracasso esse relacionado às dificuldades com relação ao ambiente antártico e não, ainda, referente trabalho do grupo. Sidney M. Blair (1991) apresenta a hipótese de que todo ambiente confinado seja em navio, seja em contêiner, é um ambiente estressor. O autor identifica três fatores importantes que influenciam o tipo e a severidade de estressores nesse ambiente: o próprio ambiente hostil, a missão e a comunicação com o ambiente externo.

O ambiente do navio com suas limitações e a ameaça no desembarque são fatores que indicam como esse início da viagem foi estressante para “os acampados”. O atraso em Punta Arenas, as dificuldades de dormir nos beliches do navio, o tédio durante a viagem, associados à ameaça de fracasso da “missão” ou da expedição foram motivos suficientes para manter o grupo sob tensão. Especialmente se considerarmos que o grupo deixou sua vida familiar e seu trabalho em função da pesquisa na Antártica. E se ela fracassasse? Então perguntamo-nos que consequência esse estado de tensão trouxe para o grupo.

1.4 Segundo Momento

1.4.1 O desembarque

“Então houve talvez muito estresse na véspera do desembarque, no dia anterior ao desembarque. A preocupação da gente, parte da viagem com a equipe, foi saber se a gente ia conseguir desembarcar”.

Finalmente o grupo chegou e vai desembarcar. Os procedimentos de desembarque são os seguintes: no primeiro vôo do helicóptero saíram, para o reconhecimento do local do acampamento, o coordenador do grupo e um alpinista. Localizado o espaço, o segundo vôo do helicóptero levou o resto do grupo para o local. Mas houve um contratempo nessa escolha. O coordenador embarcado disse que teriam que mudar o local do acampamento porque estavam muito longe do mar e parte do desembarque seria feito por bote, isto é, um barco chamado de *big crill*. Então, os pesquisadores foram retirados desse local e transportados para um local definitivo, que estaria a uns 300 metros da estação Tcheca. Os botes traziam as coisas destinadas ao acampamento até à praia e, com a ajuda de um efetivo da Marinha, um

reboquinho, atrelado ao quadriciclo, era carregado e o material levado até o local do acampamento. E imediatamente as barracas começaram a serem armadas.

No desembarque, ocorreram dois problemas importantes para serem mencionados através do relato do grupo.

“Tinha um efetivo junto com a gente que... Eram mais pessoas para ajudar pra desembarcar. Nós desembarcamos por helicóptero primeiro, depois vieram os botes com as coisas, trazendo as coisas pra cá. Junto com a gente desceram dois outros alpinistas pra ajudar, porque as pessoas, os pesquisadores não podiam descer, só podia descer o pessoal da Marinha ou alpinista, então os dois desceram pra ajudar”.

“Nós chegamos. Bom, já havia uma certa tensão, eu estava cansado, Naturalmente e tal.... Chegamos. Quando nós chegamos, bom, a primeira coisa que... Eu achei que não era eu que ia fazer... Isso não é nenhuma crítica, isso não é... Não estou falando mal de ninguém, não é nada disso.... Só que eu imaginei que essa não era a minha parte, que era conferir o que estava descendo. E lá pelas tantas ninguém estava conferindo nada. Pô, ninguém tá conferindo nada! A gente tinha a lista. A lista foi entregue... E ninguém tá conferindo nada? Claro, eu estava assumindo uma coisa que estava recebendo. Eu senti que ninguém ia fazer e falei então, ‘bom eu vou fazer isso’. Resumindo a história, então eu passei a conferir o material”.

“Na minha conferência eu tava vendo que tinha alguma coisa errada, tava faltando alguma coisa e o navio tinha que ir embora. O alpinista se reportando a mim: ‘Ó, o navio vai embora’. Eu imaginei que ele pudesse e... Mas não, ele veio se reportando: ‘Olha, eu vou levar os dois alpinistas pra lá, que o navio vai embora’. Eu falei: ‘Olha só, antes de ir eu queria terminar aqui, que está acontecendo um probleminha’. Respondeu o alpinista: ‘Não, eu só vou levar eles rapidinho lá’. Então falei: ‘Olha só, eu realmente gostaria de terminar essa conferência dessa lista’. Aí o outro alpinista que tava com a gente, com uma cara de gente boníssima, falou assim: ‘Não, o navio vai embora, cara, o navio não vai esperar’”.

“Aí eu falei assim: ‘Daqui ninguém sai. Enquanto eu não conferir essa lista vocês não saem, que se dane se o navio quiser sair, vocês não saem’. Aí ficou aquela coisa assim..., aí, alguém falou: ‘Opa, opa, opa, o homem já tá nervoso, vamos lá’. A primeira coisa que eu falei pra ele: ‘Cadê o mafinite?’ O mafinite, que é uma caixa de plástico com os sacos de dormir. ‘Como, como, como?’ Falei: ‘Cadê o mafinite com os sacos de dormir?’ ‘Não está aí. Não, não está aí. Eu vou acampar não vou?’ Então, acabou a discussão, ninguém mais resolveu discutir nada comigo e foi ver onde estava. Procura a caixa, não achei. Aí os dois alpinistas voltaram, e o comandante já estava sabendo da situação... Se eles fossem embora...”

“Aí arranjaram o saco de dormir que não eram [os que havíamos escolhido] inclusive da qualidade que a gente queria, mas tudo bem, veio sem estar satisfatório... Éramos no total, sete mais dois, nove pessoas, só tinham seis sacos Northface que era o melhor que tinha, novinho etc. e tal. E três dos outros. Na composição deles lá, tinha o bom, o médio e tinha o [sacos de dormir]... O bom é Northface. Aliás, temos um problema, só temos seis Northface. Então três vão ter que ficar sem. Eu falei, ‘já tá resolvido, os dois alpinistas e eu’”.

O primeiro parágrafo explicita a ambigüidade do coordenador e sua relutância, ou *reluctant candidate leader*, no sentido dado por Hare (1996), em assumir a sua função de liderança e com isso deixando de tomar algumas decisões para a equipe. Ele espera que os alpinistas assumam a função de líderes na organização do acampamento. Será que, para ele, a função de coordenador se restringe ao trabalho de campo? Mas, quando surge a questão dos sacos de dormir, ele parece compreender seu papel de coordenador da equipe toda. E, a partir daí, ele age no estilo autocrático, como ‘chefe’.

A conferência da lista de material que desembarcou do navio é o deflagrador do processo de estruturação do grupo. Isso não quer dizer que, no campo psíquico, tal já não estivesse acontecendo porque, para os demais integrantes do grupo, era claro que havia um coordenador e líder, o *líder funcional*. Mas para o próprio, isso só foi incorporado no momento do desembarque.

Käes (1977) propõe a hipótese de que o aparato psíquico grupal designa uma ficção como um processo transicional, isto é, uma ficção de um grupo psíquico, sustentado no grupo mítico (heróico), que procura atualizar na construção real de um grupo concreto. A construção do aparato psíquico grupal é, em Käes, um processo transicional na medida em que assegura uma mediação entre o universo intrapsíquico, de cada componente do grupo, e o universo social e vice-versa. Muitas vezes, o aparato psíquico grupal se organiza somente após a estruturação do grupo, outras, como nesse grupo de trabalho, ele pode emergir antes da estruturação do grupo. Reconhecer um “líder funcional” é uma forma de revelar a estruturação do grupo, já que, em Freud (1987), o líder, no lugar de Ideal do Eu, é o catalisador da afetividade do grupo e promotor da sua coesão.

Na distribuição dos sacos de dormir o coordenador agiu, sem dúvida, de forma ética e como o representante das normas e ideais do grupo. De certa forma, ele assumiu uma promessa de cuidar do bem-estar e da produtividade do grupo. Segundo Rattner (1977), a capacidade de cooperação do representante ou coordenador precisa estar acima da média da dos outros integrantes do grupo.

“O coordenador nessa hora sempre pega o pior mesmo. Tem que ser assim né, porque senão você não tem nem como cobrar das pessoas”.

Um grupo sem líder é como um corpo sem cabeça e (sem coração) e vice-versa. O coordenador ou o líder tem um papel fundamental, principalmente em condições de isolamento, pois é ele que, em situação de emergência, tomará as decisões pelo grupo. O lapso na questão dos sacos de dormir nos faz perguntar: que forças (LEWIN,1965) estariam agindo contra o bem-estar desse grupo? Quais os motivos para que esse fato acontecesse? As duas respostas estão além do propósito e alcance de nossa investigação.

A indicação de Bion (1975) pressupõe que a “organização de grupo deve dar estabilidade e permanência ao grupo de trabalho que se sente ser muito mais facilmente submergido pelas suposições básicas, se o grupo for desorganizado. A organização e a estrutura são as armas do grupo de trabalho” (p. 124). Lembramos que as suposições básicas são de dependência, de formação de pares ou acasalamento e luta-fuga. Bion acredita que um grupo que age segundo uma suposição básica não necessita de organização nem de cooperação, porque ele funciona pela emoção. A

organização em um grupo de suposição básica, na verdade, depende, principalmente, da valência (cooperação e investimento) de seus membros ou do desejo dos mesmos.

O segundo problema no desembarque ocorreu com um dos pesquisadores do grupo que se feriu. Por outras palavras, a outra variável decorrente da tensão da viagem também veio à tona no desembarque. Supomos que esses acontecimentos indiquem um certo estresse relacionado a determinados fatores, como a situação de primeira viagem à Antártica, primeiro contato direto com o ambiente gelado e com a imensidão. Parece-nos que foi no preciso momento de desembarque que o grupo viveu o impacto do ambiente e da imensidão. Então perguntamos como foi para o grupo ter uma pessoa ferida no desembarque? Como essa situação afetou o grupo? Vejamos como o grupo sentiu.

“Como tenho parafuso no joelho, quando escorreguei e torci a perna, pensei que ficaria impossibilitado de desembarcar. Fiquei muito angustiado, porque teria que ficar no navio e não poderia desembarcar esperando o primeiro avião para retornar para o Brasil e isso só aconteceria depois de um mês”.

“E aí, pronto. Aí, um dia maravilhoso! Um sol pra caramba! Perfeito para desembarque. Aquele frenesi para desembarcar, o fulano me torce o joelho, faltando 15 minutos pra desembarcar no helicóptero, ele me torce o joelho, que começa a inchar... Eu soube disso no navio, eu desembarquei na Antártica, e ele estava na enfermaria [do navio]”.

“É, como o machucado dele foi exatamente no momento do desembarque, a gente ficou meio apreensivo caso ele não pudesse desembarcar. E logo ele que teve a idéia do projeto e não poder fazer... Mas aí, no final do dia ele conseguiu sair e a gente ficou mais tranqüilo, mais aliviado...”.

“(...) ele torceu o joelho no dia do desembarque, isso afetou não só a condição física, mas também o lado psicológico dele, eu acho que ficou afetado. E ele é uma pessoa que é mais explosiva, que é mais...”.

“Nos primeiros dias, como ele tinha que cuidar um pouco da perna, ele acabava ficando no acampamento, ajeitando as coisas, e aí... Andava próximo de lá e evitava andar muito, e a gente tinha que fazer nosso

trabalho. Quando ele começou a se sentir mais tranqüilo pra caminhar ele começou a nos acompanhar. Eu acho que uns três, quatro dias depois ele começou já a fazer alguma coisa”.

“E ficou meio puxado o acampamento durante muitos dias, o fulano teve uma atividade muito aquém dos outros, porque ele não podia andar muito com o joelho machucado. Então, depois dos primeiros dias, aos poucos ele pôde ir, nós tínhamos o quadriciclo e aí ele teve mais possibilidade de se mobilizar”.

“O pessoal brincava se eu não tinha me machucado para não ajudar no desembarque... Mas quando lhes falei que tinha um parafuso no joelho, eles pararam com as brincadeiras”.

Alguns autores (SEYLE *apud* RODRIGUES, 1992) consideram o estresse como uma “doença de adaptação” da modernidade. Nesse sentido, é um conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço para a adaptação. Compreendemos, no nível individual, a adaptação como um processo do organismo de adequação ao ambiente sócio-emocional. Tal adequação requer um certo esforço de lidar com os sentimentos internos e as demandas externas. A não expressão desses sentimentos e a duração da ação dos estressores podem levar o organismo a uma reação, aumentando a pressão interna e criando tensões que se manifestam na forma emocional e, algumas vezes, na forma somática. Geralmente, os componentes emocionais latentes do estresse são os sentimentos de raiva, medo, fobia, culpa, depressão, desalento e, certamente, outros mais. A contrapartida somática da tensão emocional são tensões no nível celular e visceral. O balanço do navio pode ser, para algumas pessoas como, por exemplo, o pesquisador que machucou o joelho, um tipo de estressor que afeta o labirinto, responsável pelo equilíbrio do corpo.

Entretanto, o grupo também teve de elaborar os efeitos dos dois acidentes no desembarque e se preparar para enfrentar os estressores do ambiente antártico. Apesar de todos esses incidentes o acampamento é montado numa atmosfera sem ‘crise’. A alegria de estar na Antártica e de enfrentar o novo desafio encobre certa apreensão e preocupação. Sair do “aprisionamento” e “falta do que fazer, ou do tédio” do navio para a liberdade do acampamento exerceu um impacto no grupo. Será que “o machucado” ou “o impossibilitado de andar”, teve a função de canalizar a atenção do grupo para que fosse diluída a intensidade do olhar a imensidão?

1.4.2 A imensidão.

Sair do navio para o espaço de terra e mar da Ilha James Ross é uma mudança radical pra todo o grupo, que agora estava imerso na imensidão do lugar. Como Dante de Milano, em *Poesias*¹³, nos fala em seu verso “Vendo o que o olhar não chega a compreender” (MILANO, 1971:48). A contemplação da natureza grandiosa produz uma atitude tão especial, talvez um estado de tal forma singular, que o contemplador imediatamente transporta as impressões do mundo imediato para um mundo particular chegando à infinitude (BACHELARD, 1994).

Muitas vezes, longe da imensidade do mar e da terra, apenas pela memória, podemos recapturar essas sensações. Às vezes, até pela memória do cheiro:

“Se eu estou mexendo ali no gelo, nas amostras de gelo que eu tenho ainda, às vezes, eu sinto um cheiro que é um cheiro que tem lá, que eu não sei nem explicar o que é, é alguma propriedade do mar de lá [da Antártica], não sei. Cara dá aquele aperto no coração assim, vontade de ir para lá de novo”.

Ou então a memória do oficial da Marinha Edison Martins, pioneiro no projeto brasileiro, que nos mostra sua comunhão com a imensidão do lugar em seu livro *Retorno a Ferraz - Histórias de um pioneiro* (1998:117).

“Somente quem já esteve na Antártica pode definir, exatamente, a sensação que se tem diante daquele cenário – a beleza fulgurante que esmaga a vista, o silêncio intenso quebrado apenas pelo barulho do vento que congela a face, a solidão que revela ao homem a sua insignificância na amplidão da natureza e a grandeza da existência que o faz perceber a presença divina”.

“Os acampados”, ao fixarem as barracas naquele espaço, cuja imensidão é quebrada pelas montanhas nevadas, tingidas de branco e negro, passaram a fazer uma contemplação original. A contemplação original, para Bachelard (1994), é o contato direto com o natural, cujas impressões e imagens da imensidão produzem um tipo

¹³ Dante Milano nasceu no Rio de Janeiro, filho do maestro Nicolino Milano e de Corina Milano. *Poesias*, foi publicado em 1948 e recebeu o Prêmio Felipe d’Oliveira de melhor livro de poesia do ano.

puro de fenomenologia, ou uma fenomenologia sem fenômeno. Como seres que admiram, podemos produzir a consciência da grandiosidade.

Indo mais além, Bachelard admite que a imensidade está dentro de nós mesmos. Ela está ligada a uma forma de expansão do nosso ser que a vida refreia e a cautela detém, mas que recomeça quando estamos sós. Em contato com a imensidão, nosso mais profundo *self* pode expandir-se e fundir-se com o espaço sem a perda da consciência de nós mesmos. É essa imensidade interna que nos dá o significado verdadeiro do mundo visível.

Baudelaire (BAUDELAIRE *apud* BACHELARD, 1994) parece traduzir com imensa sensibilidade tais momentos de contemplação que fazem emergir a sensação da existência imensamente aumentada. Bachelard ressalta que a imensidade é do domínio íntimo da intensidade, a intensidade de ser, a intensidade de existir desenvolvida na vasta perspectiva íntima da imensidão. Ele chama de princípio de correspondências, quando se recebe a imensidão do mundo que se transforma em intensidade de nosso ser mais íntimo.

1.4.3 A privacidade

O grupo chegou à ilha James Ross dia 14 de janeiro de 2007 e lá ficou acampado 37 dias consecutivos. Cada indivíduo do grupo tinha sua barraca individual, para preservar a privacidade e intimidade de cada um:

“Então, a barraca individual era questão indiscutível. A barraca individual é para você dormir. Você deita naquela cama meia noite, acorda às 7 horas da manhã e não volta mais durante o dia. Barraca individual eu acho que é muito importante pra saúde do grupo”.

“Ah, a barraca individual foi uma coisa que eu falei que era fundamental, porque sem a sua dose de individualidade, de privacidade num ambiente daqueles... Trinta e poucos dias acampados, a previsão era de 40 dias. Sabíamos, pela experiência anterior [de viagem à Antártica], que íamos ter o nosso espaço de convivência na barraca principal, onde você passa o dia inteiro, nos dias que está retido por conta do mau tempo. A barraca individual é para você dormir.”

O espaço físico (e o imaginário) entre o eu e o outro se processa desde a fase em que o bebê se separa da mãe. O processo da separação imaginária ou simbólica se dá antes da separação física. Nessa fase, o infante passa a perceber objetivamente os objetos, ou a perceber os objetos como o não-eu (WINNICOT, 1972). Esse é um dos fenômenos que contribui para o desenvolvimento do infante em seu processo de individuação.

Laplanche (LAPLANCHE *apud* GARCIA-ROZA, 1974) aponta o processo de entrada do sujeito no simbólico como a origem do inconsciente. E ao colocar a questão do *status* ontológico do inconsciente, Laplanche propõe, “Ele possui o *status* de linguagem, mas não se identifica com a linguagem verbal. O que é nele alçado à categoria de significantes não são as palavras, mas elementos retirados do imaginário, sobretudo do imaginário visual” (p. 190). É o imaginário que nos introduz nos domínios da subjetividade. A privacidade está implícita no imaginário do sujeito e simboliza o controle de seu espaço pessoal, no sentido de poder definir quando se quer compartilhá-lo com o outro. No âmbito social, define os direitos morais e físicos do cidadão dentro de uma sociedade ou comunidade.

A questão da privacidade é recorrente em todos os estudos sobre as expedições na Antártida. Talvez seja uma questão fundamental nos grupos e comunidades vivendo em situação de isolamento e confinamento. Encontramos, na literatura pesquisada, a questão da privacidade freqüentemente mencionada como tema de desconforto e desgaste nas interações dos indivíduos e dos grupos.

O que significa a privacidade no grupo “os acampados”? O grupo tenta solucionar a questão da privacidade utilizando barracas individuais. Essa escolha é “*muito importante para a saúde do grupo*”. Esse comentário sintetiza a expressão unânime da vontade do grupo, da mentalidade de grupo (BION, 1975). A mentalidade do grupo condiz com a proposta básica de trabalho, isto é, que o grupo está reunido para uma missão (um ideal) que é se manter junto para realizar a pesquisa naquele ambiente.

Quando o grupo associa individualidade e privacidade, à luz da teoria de Bion, ele cria uma maquinaria de intercomunicação, construída para garantir que a vida do grupo esteja de acordo com as técnicas de autopreservação, de luta e de fuga. Entendemos a questão da privacidade, por um lado, como um processo de defesa da

individualidade do sujeito enquanto parte do grupo e, por outro, como uma forma de autopreservação enquanto processo imaginado, melhor dizendo, o grupo é continuamente construído no imaginário de seus integrantes. É o que Käs (1997) denomina de grupo como objeto, “um objeto participante de uma fantasia inconsciente” (p.154). Traduzido no discurso do grupo:

“Quero que o grupo fique junto, na minha cabeça”.

O psicólogo social Stephen T. Margulis (2003) trabalha a questão da privacidade do ponto de vista do indivíduo e do grupo. Para ele, privacidade representa uma certa forma de exercer controle (ou poder social) na interação de uma pessoa com a outra, tendo como objetivo final aumentar a autonomia e diminuir a vulnerabilidade de um com relação ao outro. Dois outros autores Alan Westin e Irwin Altman, citados por Margulis, estudam a questão da privacidade no grupo e no social. Eles consideram que suas teorias trazem consistência de valores sociopolíticos e são coerentes somente para democracias ocidentais. Na verdade, a questão da privacidade, política e moralmente falando, atravessa a sociedade e regula o que é público e é privado nas normas e regras sociais.

Westin (WESTIN *apud* MARGULIS, 2003) defende a idéia de que necessitamos de privacidade, pois somente através dela conseguimos regular no dia a dia nossa relação emocional com outras pessoas. A regulação de nossa privacidade é importante porque sua função é servir temporariamente aos papéis e necessidades dos integrantes do grupo. Segundo Westin, sua função não-monotônica, define se a regulação da privacidade é muito pouca, suficiente ou muita para algumas pessoas. O autor classifica em quatro os estados de privacidade: solidão, intimidade, anonimato e reserva. Não vamos discutir cada um deles, mas achamos que é interessante mostrar como a privacidade é diretamente estudada em alguns setores da psicologia aplicada ao social.

Altman (ALTMAN *apud* MARGULIS, 2003) trabalha a questão da privacidade através de múltiplas análises, enfatizando que os comportamentos dos indivíduos operam como uma unidade e um sistema coerente. Privacidade, para Altman, é o controle seletivo de acesso ao *self* (ao eu, si mesmo na psicanálise). A perspectiva dinâmica da privacidade é a temporalidade no controle dos limites interpessoais, isto é, um processo regulador que determina o limite da interação com

o outro por determinado tempo. Na perspectiva dialética, a regulação, em seu processo de duração, é utilizada por indivíduos e grupos como resposta a processos de mudança, a abertura ou fechamento do *self* ou na relação intergrupos. Nesse sentido, a privacidade tem uma dinâmica bidirecional, porque traduz um processo de comunicação. A teoria de Altman reflete sua disposição em criar uma psicologia social e ambiental da privacidade.

No entanto, a questão da privacidade é também cultural. Para algumas culturas é um processo vital para a regulação das interações sociais, mas para outras já não é tão importante. A questão da privacidade nas estações europeias e americanas na Antártica sempre é um tema valorizado e pesquisado. Em tais culturas, a falta de privacidade nas estações e acampamentos é motivo de angústia e mal-estar para seus habitantes temporários. Já nas culturas latinas não parece ser um tema de muita relevância. Para os brasileiros, por exemplo, o ambiente que mais gera mal-estar, quanto à falta de privacidade, é o navio.

1.4.4 Os acontecimentos do acampamento

Além das nove barracas individuais, tinha uma barraca grande chamada de barraca principal ou espaço de convivência, onde ficavam o escritório (o computador e o rádio) e a cozinha. E ainda havia duas outras barracas separadas, uma para o gerador e a outra era o banheiro.

“O espaço de convivência é a barraca geral, onde tinha a cozinha para comer, para bater papo, e uma sala de estar para trabalhar, para ver filme, para ler e tal”.

Mal terminaram de montar as primeiras barracas, foram surpreendidos por uma nevasca. As ‘boas-vindas’ da Antártica. Mas, nesse período, os Tchecos da estação vizinha ao acampamento, também vieram dar as boas-vindas ao grupo e convidá-los para uma visita à sua estação, o que ocorreu no dia seguinte. Visita essa importante porque os Tchecos deram várias informações sobre a ilha e o mapeamento da mesma para a prospecção. O grupo, então, relata seus primeiros momentos na Antártica:

“Já, imediatamente armamos uma barraca principal, uma ou duas barracas principais. Uma de fundo azul, assim grandona, e armamos as barracas individuais para qualquer coisa já tinha um local para... Nós acabamos de

montar a barraca principal e aí, de tarde, já começou a nevar, tivemos os primeiros três dias de nevasca. Logo que chegamos, só deu tempo de montar acampamento e começar a nevasca. Foram três dias de nevasca”.

“E aí, eu senti no coordenador um desânimo. Chegar lá doido para trabalhar e três dias de nevasca, de cara! Três dias sem fazer nada. Quarto dia, a neve desapareceu totalmente. O primeiro solzinho e a neve desapareceu, terminamos de montar o acampamento, medida de segurança que tem que ser feita”.

“Aí, teve um cara que viu neve pela primeira vez: ‘Pô, que legal!’ Mas depois não é tão legal assim... Aí, que pintou um impacto maior, porque a primeira nevasca foi assim terrível o vento numa direção, uma neblina, ai, a gente...”.

A imprevisibilidade do tempo na península da Antártica é ressaltada por todos os grupos entrevistados. A capacidade de suportar as variações e a intensidade do tempo em ambiente como o da Antártica, varia em cada indivíduo. A maior ou menor intensidade dessa variação depende também do local. No continente, o clima é mais frio e mais estável. Já na península, a temperatura é mais alta, mas a instabilidade é maior. Acampar em locais com temperatura muito baixa e em contato com as tempestades de neve e vento é, sem dúvida, um grande desafio para o homem.

Em tais circunstâncias compreende-se a emergência no grupo do *sentimento de vulnerabilidade*, especialmente em um grupo que vive esse tipo de situação pela primeira vez. Embora fosse verão na Antártica, as tempestades de neve aconteciam com certa frequência, impedindo o grupo de trabalhar, provocando angústia e preocupação em alguns e expectativa em outros. Não temos dúvida de que é um fator de risco para todo mundo. O grupo começa a ter consciência de sua vulnerabilidade diante da natureza implacável, e isso o remete ao contato com a precariedade radical, a condição de mortal.

Em uma das entrevistas, ouvimos de um pesquisador um comentário que nos chamou atenção, que a questão de tempo ruim não o afligia mais porque se sentia relaxado em esperar o tempo bom para trabalhar. Disse-nos que os estreantes sentem ansiedade porque vivem certa pressão para produzir alguma coisa. Os mais experientes de Antártica não vivem mais esse tipo de pressão, porque eles

simplesmente aceitam que não podem fazer nada com relação aos impedimentos. Não se pode controlar o tempo na Antártica, mas sim aceitá-lo e isso deve contribuir para mudanças do sujeito em sua vida como um todo.

“Tivemos várias nevascas. Teve uma grande. No mês de fevereiro, foram 48 horas seguidas de vento muito forte. A minha barraca quebrou... Ah, o principal risco lá é o clima, é ele mudar e você ficar numa situação de não conseguir sair. Porque é rápido... Principalmente a velocidade do vento, que é bem significativa, aumenta rapidamente, a ponto de poder acabar com o acampamento, a gente ficar sem ter para onde ir, esse é um grande medo nosso. A neve também é um problema porque vai se depositando lentamente, mas é lento e contínuo, então ela poderia ter soterrado nosso acampamento também”.

Chamou-nos a atenção como o grupo expressou o medo de ameaça de morte. O medo de morrer tem vários significados: para a psicanálise está associado à dissociação, ao medo de enlouquecer contido na expressão ‘não ter para onde ir’, traduzindo a perda da significação social, de des-orientação – a morte psíquica. Quando o grupo exclui o sujeito, provoca nele sentimentos de devastação e de não ter para onde ir. Hoje, nossa vida urbana está pautada por medos devastadores de morte, de assalto, de seqüestros, de catástrofes, através dos quais tomamos contato com sentimentos de completa vulnerabilidade.

Pela disposição das barracas individuais no acampamento, cada membro parece tomar uma posição na organização e na constituição da estrutura física e do “lugar imaginário” no grupo. Os mais experientes em acampar na Antártica escolhem lugares estratégicos para se protegerem com relação à nevasca e ao vento. Os mais inexperientes buscam a proximidade de outra barraca, que, por um lado, pode ser uma forma de lidar com o sentimento de apreensão relacionado ao vazio da imensidão e ao ambiente desconhecido. Por outro, incorrem no erro de se exporem a certas fatalidades decorrentes da implacabilidade do ambiente. O subgrupo mais experiente explica:

“Como eu já tinha ido, eu montei minha barraca à jusante da barraca principal. Eu vi as direções preferenciais do vento, que era sudoeste e botei a

barraca à jusante da barraca principal, protegida da neve. Minha barraca em momento algum teve acúmulo de neve”.

“Na nevasca que teve em fevereiro, coitado, o fulano deu azar porque botou sua barraca muito perto de uma outra que fez uma sombra; fez sombra na barraca dele e o vento batia na barraca e fazia um turbilhão e depositava neve em cima da barraca dele”.

“E aí aconteceu a situação de ter essa neve... Uma barraca estava ruim. Ruim, e não podia montar outra. Aí, eu falei pra pessoa que estava nessa barraca, que tinha duas opções: um, voltar pra barraca e tinha que levar o rádio pra avisar os outros se tivesse com problemas de noite, ou, dois, dormir dentro da cozinha, que era nossa cozinha. Na barraca da cozinha, tinha dois computadores onde estavam os programas, estava o rádio e tudo mais. Bom, resumindo, essa pessoa preferiu dormir na barraca, aí ela levou o rádio, que se fosse preciso fazia contato pelo rádio... Só que ela não deu pra ninguém... [a outra extremidade do walkman]”.

O subgrupo menos experiente relata sua terrível experiência de estar dormindo na barraca quando, no meio da noite, ela desabou quase o soterrando.

“Além de ela ficar encoberta, ela se desmontou em cima de mim. Pois é, eu não estava acordado no momento que ela desabou. Eu acordei e meio senti que estava preso. Na hora que eu fui acordar, que eu acordei assim... Eu acordei por causa do frio... Agora que eu me lembro porque acordei, por causa do frio, estava com o pé gelado. Aí eu não consegui me mexer direito. Mas eu imaginava que eu não conseguia me mexer por causa do saco de dormir, é que a gente recebe uma vestimenta especial que é um monte de roupa grossa, e como eu sou bem magrinho, não tenho nenhuma gordura para isolar a temperatura, eu me encho de roupa, mais o saco de dormir, então, eu fico muito apertado. Então, eu achava que esse era o problema e não que a barraca tinha desmontado em cima de mim. Só que, quando eu acendi a luz, eu vi que estava tudo em cima de mim e que, realmente, eu não ia conseguir me mexer. Eu não fiquei nervoso, porque era uma coisa que eu já estava mais ou menos imaginando que poderia acontecer”.

“Então, antes de dormir, eu tinha deixado um dos colchonetes enrolado pra cima, em pé assim, então a barraca desceu, mas não desceu na minha cabeça, ela não afundou na minha cabeça, porque ele estava sustentando o peso da neve. Eu imaginei colocar as minhas bolsas em volta de mim, para que, se por acaso caísse, eu não fosse esmagado pelo peso, não é, eu ficar preso lá. Mas poderia esticar o braço assim, abrir, cortar alguma coisa da minha barraca para poder sair. Então eu já estava mais ou menos prevenido de alguma coisa. No momento que ela desabou eu acordei e meio senti que estava preso”.

“Porque o mau tempo lá é uma coisa muito comum. A gente sai num bom tempo, volta num mau tempo, fica nevando a madrugada inteira, a barraca fica coberta. Então é assim, a gente está imaginando que pode acontecer isso. E eu já sabia que a neve era pesada e eu via a barraca fazendo assim. Então eu pensei: - Se a barraca não agüentar? Eu tenho que ter alguma coisa que vai me garantir sair dela. Então, eu deixava o equipamento meu do lado de fora, uma faca, qualquer coisa eu cortava e saía e essas coisas em volta de mim... para eu ficar mais baixo do que as bolsas. O problema é a barraca cair em cima de mim. Então eu tinha mais ou menos uma segurança lá dentro. E realmente funcionou. Aí, eu consegui escorregar para o lado, eu fiquei preso assim, mas eu escorreguei porque aquele monte de pano é sintético, né, e desliza. Então, eu saí facilmente da neve só que é muito pesada e eu tinha necessidade de fugir... Só que a saída estava bloqueada. Ela destruiu, foi destruída por causa do ferro da barraca que quebrou lá em cima. Fui tirando coisas da minha barraca, entulhando num canto para deixar um buraco, assim, um espaço. Aí, eu consegui abrir essa saída que, por dentro, ela abria, o lado de fora é que estava bloqueado. Aí peguei a neve que estava acumulada ali e joguei dentro da minha barraca. Aí sobrou um espaço para eu conseguir chegar no zíper e abrir”.

“Aí, consegui abrir a barraca, consegui chegar nesse meio e tentar sair da barraca, para a barraca principal. Isso era umas 4 da manhã, mais ou menos. E estava no meio da tempestade de neve. Então, foi por isso que foi difícil sair da barraca. E para chegar na outra barraca foi difícil também. Eu não conseguia entrar na barraca principal porque tinha tanta neve

acumulada que não conseguia descer... Aí, a mão não chegava até o zíper, porque ela batia na neve. Eu escavei a neve, então, não conseguia entrar. Aí, dei a volta pela outra entrada da barraca principal para conseguir abrir, só que era muito... Pior que era contra o vento, então andar contra o vento é muito difícil. Você vai andando de costas assim para não bater no teu rosto. Porque eu não estava todo equipado, eu tinha acordado no meio da madrugada, eu não me preparei para sair na tempestade. Então foi bem difícil essa situação”.

Embora o grupo tivesse experiência de acampar, era a primeira vez que ia à Antártica e ficar sozinho nesse tipo de situação pode ser muito angustiante. O maior problema é que se alguém pedisse ajuda no meio de uma tempestade, *não seria ouvido por ninguém*. Perguntamos se ele tinha sentido muita angústia nesse momento. Respondeu:

“Não, não. Foi tranqüilo, foi tranqüilo. Bem tranqüilo. Porque eu te falei, era um negócio que eu tinha mais ou menos previsto... Então, eu consegui me manter tranqüilo”.

Perguntamos então se ele tentou chamar alguém para ajudá-lo.

“Não. Ninguém poderia ouvir. Eu pensava em maneiras de eu conseguir me livrar sozinho. Uma coisa que a gente pensou em fazer era manter o rádio na barraca, não tinha outra coisa pra fazer não”.

Mas ele não deixou o rádio com ninguém para poder comunicar-se e, sem o rádio, era impossível ser ouvido. A falta de comunicação em quaisquer circunstâncias e, principalmente, no ambiente antártico pode ser fatal. Felizmente, apesar dessa situação muito difícil, tudo correu bem. Esse subgrupo colocou-se na situação que mencionamos anteriormente, isto é, de grupos que não podem enviar qualquer tipo de comunicação, ou seja, nem enviar nem receber (NELSON, 1973), sendo esse fato motivo de estresse psicológico. Por que esse subgrupo cortou a possível comunicação com o grupo através do rádio? Por que se colocou isolado do grupo?

Esse fato lembra o princípio de *configuração do distúrbio* de Foulks e Anthony (1965), que, embora aplicado no contexto terapêutico, é absolutamente adequado para qualquer contexto de grupo. Tal princípio define “cada acontecimento no grupo,

por mais simples que seja e mesmo que aparentemente envolva somente um ou dois de seus membros, ele sempre apresenta uma determinada configuração que envolve o grupo como um todo” (p.237). Para Foulks, esse evento é parte de uma *Gestalt* ou configuração, que representa a “figura” (primeiro plano) ou acontecimento, ao passo que o “fundo” (a base) manifesta-se no resto do grupo. O participante do acontecimento pode também estar portando a palavra do silêncio ou a da não-comunicação no grupo.

Aplicando esse princípio para analisar o acontecimento, identificamos como o primeiro plano do problema o ‘esquecimento’ da entrega do rádio para alguém do grupo. Em sua base o ‘esquecimento’ poderia estar sediado em algum conflito que possivelmente existia, ou já existiu dentro do grupo, ou mesmo algum processo de transferência lateral. As transferências laterais, para Béjarano (1978), são os processos dinâmicos dos fenômenos de inter-relações e interações nos grupos. Elas reconstituem, sob formas acentuadas, o próprio contexto e os mecanismos (técnica empregada no transporte dos afetos) do que é corretamente designado por ‘as comunicações’. O autor compreende esses mecanismos como parte essencial no processo de transferências laterais dos integrantes do grupo entre si e com o líder.

Esse acontecimento mobilizou o grupo como um todo. Chamou nossa atenção, o efeito que ele teve no grupo - provocou intensa mobilização emocional. Quem viveu o drama disse ter ficado ‘*tranquilo, muito tranquilo*’, mas o resto do grupo estava totalmente angustiado com a possibilidade de uma iminente fatalidade. Será que “*o estar tranquilo*” seria uma negação de uma ‘tempestade’ interna? É importante ressaltar que esse acontecimento, que mobilizou bastante o emocional do grupo, ocorreu em fevereiro quando as nevascas passaram a ser mais frequentes e acompanhadas de ventos muito fortes. Foi a fase em que o grupo passou a se dar conta de seus acertos e erros com relação ao trabalho e as tempestades impediam a realização de outras prospecções. Isso leva-nos a avaliar que a tensão interna do grupo (para atingir o *objetivo*: a pesquisa e manter a vida), possivelmente chegava a ser proporcional à pressão do ambiente externo.

“E ficou muito preocupado, porque ele tinha que chegar aqui e mostrar resultado. Porque era a primeira vez e, para ter uma segunda vez, uma terceira, ele tinha que ter um resultado. Então, a gente começou a ver que o

dinossauro era muito difícil achar. Os argentinos estão lá há 25 anos e acharam uns cacos até hoje...”.

São possíveis diferentes leituras com relação a esse acontecimento, mas optamos por ater-nos à organização do grupo. O grupo, nesse momento, apresenta características semelhantes ao que Hare (1996), em sua teoria, identifica como a polarização de conflito da fase dois. Nessa fase, novas formas de papéis sobressaem para lidar com a tensão do grupo. Entre os papéis produzidos por um grupo, vamos destacar alguns identificados por Hare, como o papel de *mensageiro*, personagem eleito pelo grupo para denunciar situações de conflito, de agressividade e de descontentamentos latentes. Um outro personagem é o *bom moço* ou o *líder sócio-emocional*, que se apresenta sempre disponível para compreender os outros, independente das controvérsias existentes. O terceiro personagem que aparece nessa fase é o *palhaço*, amado pelo grupo; tem o papel de sempre suprir a expectativa dele ou alegrá-lo com suas piadas nos encontros sociais. O *bode expiatório* personagem bastante usado por um grupo, pode surgir nessa fase como objeto (ou sujeito) de ataque ao *mensageiro*.

Entre esses personagens, o destaque foi para o *bode expiatório*, que também tinha a função de anti-herói. Ele acumulou alguns papéis tais como: o idealizador do projeto, o ferido, o problemático, o explosivo, o inválido, o deitado, o *enfant terrible*. O grupo tentava projetar o que é ruim para fora, com o propósito de aliviar a tensão interna. Essa é a função do *bode expiatório*: ser, ou mesmo, dar sentido aos sentimentos inexplicáveis que atravessavam o interior do grupo. É como um ‘campo de batalha’ - um ataca e o outro defende.

“As pessoas, uns ajudavam aos outros, havia esse companheirismo e tudo mais. É claro que sempre tem o ‘deitado’. Sempre tem esse no grupo e nós tínhamos o nosso. Inclusive, é uma pessoa agradável, mas é preguiçosa... É o ultimo a acordar... O ultimo a levantar... O último pra fazer tudo. E para tudo tem-se que pedir dez vezes e quando faz, faz errado... Não era uma pessoa ruim, mas era uma pessoa que ‘chinchava’ ali no grupo... Funciona de uma forma diferente. Ele é assim... L’enfant terrible... Ele é assim”.

“Em todo caso, é um bom menino. Todo mundo adora ele. Só que, com um alpinista, teve assim, aquela coisa quase visceral. Mas as pessoas gostam dele, é uma pessoa culta, é uma pessoa...”

“O problema é que ele é uma pessoa que é fácil de você ficar brincando, ficar caçoando dele, só que, às vezes, ele aceita numa boa e, às vezes, não aceita, ele logo cai na pilha e fica brabo, aí as pessoas... Mas ele chegou a ficar meio brabo com algumas pessoas, mas aos poucos a gente aprendeu a lidar com ele, mas não foi nada que atrapalhou o trabalho ou a convivência, mas teve alguns climas...”

A parte ruim que o grupo não desejava foi depositada e projetada no *bode expiatório*. Então o grupo (como objeto do grupo) se livra da parte ruim para manter o grupo heróico. O grupo também passou pelo processo de divisão em três subgrupos. Mas as transferências negativas (BÉJARANO, 1978) foram depositadas no sujeito (transferência lateral) que recebeu a função de *bode expiatório*, numa tentativa de colocá-lo como o *estrangeiro* do grupo. Ele, nesse momento, é excluído dos três subgrupos e permanece na zona estrangeira do grupo.

Então, ele tinha dupla função: uma de ser depositário das partes ‘más’ do grupo, a outra de ser o estrangeiro, com o propósito de manter os subgrupos funcionando, sem o compromisso de se unir como um grupo coeso. Tal estratégia não funcionou muita bem, porque, apesar de ser uma forma de defesa, as condições ambientais e o isolamento pressionavam o grupo para resolver seus conflitos e se tornar um grupo.

Assim, o grupo pôde entrar para a terceira fase, que, na teoria de Hare (1996), é quando ele ultrapassa a fase dos conflitos e atinge o processo de coesão e conformidade. Os membros do grupo se unem em torno do trabalho, demonstrando solidariedade uns com os outros. Há, nesse momento, um aumento de confiança nas habilidades de cada um para vencer as dificuldades do trabalho e, ao mesmo tempo, a demonstração de confiança quanto à união do grupo, de forma que os componentes podem expressar suas insatisfações sem que haja ameaça à integridade dele. Para Hare, os papéis antes valorizados, dão lugar ao que ele chama de coalizão de colegas. Ocorre a identificação dos integrantes com o grupo e surge o sentimento de trabalhar para o bem-estar e sobrevivência do mesmo, semelhante ao *espírito de grupo* de McDougall (1920) e Bion (1975).

A expressão o ‘nosso grupo’ demonstra o espírito de grupo e define o consenso do grupo na divisão do trabalho, considerando os objetivos de cada equipe e a área do ambiente a ser trabalhada.

“Nesse nosso grupo a gente não chegou a separar tanto assim não, mas teve... O geólogo, ele sabe bem os perfis geológicos, ele saía bem separado do grupo, com outra pessoa [alpinista] que acompanhava ele. E a gente se separava em dois grupos. Não é nem pelo trabalho ser diferente, mas para poder abranger uma área maior. Então fica um grupo aqui e outro grupo lá, para não ficar todo mundo no mesmo local”.

“Cada dia o grupo era diferente. Sempre trocava, sempre trocava. Até pra todo mundo ver tudo, aprender tudo, ver lugares diferentes, então a gente sempre misturava o pessoal assim”.

Na quarta fase da organização do grupo, que Hare (1996) chama de relação funcional dos papéis, os integrantes após terem alcançado algum sucesso nas negociações de suas culturas e estruturas, sentem-se capazes de cooperar através da divisão objetiva das tarefas. Tarefas relacionadas à rotina do acampamento ou da estação e tarefas relacionadas ao trabalho ou pesquisa. A coalizão de colegas e o espírito de grupo sobressaem nas relações. As interações afetivas são mais evidentes e mesmo que surjam os papéis de *bode expiatório*, de *mensageiro* e de *palhaço*, eles podem ser interrompidos ou, até mesmo, usados com formas diferentes. As tensões não são mais projetadas e o grupo consegue identificá-las e confrontá-las em reuniões e discussões com seus integrantes.

1.4.5 A cultura de grupo

A forma como o grupo se comporta em situação de isolamento e confinamento revela sua cultura. Para Nelson (1973), a cultura de grupo está nos valores, nas atitudes, nas normas, nas atividades, nos símbolos, nos tipos de humor, no estilo de vida, cujas características são mais ou menos compartilhadas por seus integrantes e funcionam como formas de ser, durante a convivência de isolamento e confinamento. Esses comportamentos tendem a ter significação e significados particulares durante a permanência de um grupo nesse tipo de ambiente ou situação. Hipoteticamente

falando, as características da cultura de grupo podem ser determinadas pela natureza de seus objetivos, como também por sua própria estrutura.

A cultura de grupo representa, de certa forma, a identidade de grupo. A natureza dessa identidade, levando-se em conta certas características decorrentes da dialética que se processa entre a realidade subjetiva e a sociedade, inerente em cada membro do grupo, ela é construída a partir da integração das várias culturas em uma forma cultural comum ao grupo vivendo em confinamento e isolamento. Referimo-nos a estilos de vida, valores, atitudes, normas e sistemas simbólicos decorrentes das heranças culturais originárias que contribuem para organizar a cultura de grupo. Tudo isso constitui fontes de informação para compreendermos a extensão e a maneira de um grupo adquirir o senso de unidade, de autonomia (o espírito do grupo) e mesmo de realização.

“Normalmente os acampamentos, na maioria das vezes, agregam mais de um grupo, em alguns casos não, em outros casos sim. Quando eu fui... Eu trabalho muito com o pessoal da glaciologia, então a gente estava meio junto, lá. Então, é mais ou menos o nosso grupo com o grupo deles, mais mesclados...”

Nelson (1973) acha que o humor faz diferença no grupo, também o grupo define o bom humor como crucial para seu bem-estar.

“Uma coisa importante na Antártica. A coisa mais importante dentro do grupo quando você está na Antártica, é o bom humor. Um grupo bom manteve o bom astral, não houve qualquer problema de desavença, algumas leves rusgas, mas sem maiores conseqüências, e pessoas que eu aprendi a respeitar, que eu aprendi a conviver, que brincavam, brincavam comigo”.

Um grupo acampado tem suas características particulares integradas pela cultura profissional de cada subgrupo. Assim, vemos a cultura de acampados executando seu trabalho de campo.

“Olha eu já li todos os livros sobre expedições na Antártica, já li o Scott, já li o Amundsen. Todos esses caras eu li, e o que a gente faz na Antártica é turismo perto do que esses caras faziam. Turismo. Eu não tenho coragem de me chamar explorador Antártico, eu sou um pesquisador Antártico,

explorador são esses caras, o pessoal da expedição Tcheca, que ficou perto da gente, emperrou dois anos na Antártica, esse pessoal é barra pesada, esse pessoal... Nós temos todas as condições, equipamentos de primeiro mundo, barracas das melhores do mundo, roupas as melhores do mundo, comida pra dar e vender, inclusive coca-cola, comida fresca, comida quente, lombinho..."

Mesmo assim os trabalhos, com suas características próprias representaram desafios e riscos para o grupo. Os relatos a seguir permitiram-nos avaliar como os geólogos, paleontólogos e glaciólogos trabalharam na Antártica, criando sua própria cultura de grupo.

"Então, o meu trabalho era um trabalho de fazer perfis, fazer gráficos, medir... Foi um trabalho muito duro, um trabalho de ficar o dia inteiro medindo, ficar com martelinho na mão, uma cadernetinha, medindo camada por camada, lendo, escrevendo, que tipo de rocha é, qual é a hodometria, se tem estatura, se não tem, a cor, a forma. E anotando. E aquele frio, aquele vento batendo e tendo que escrever. Ver aquele lugar, umas pirambeiras danadas... É um trabalho que é fascinante, mas muito duro. Coletando amostras para a parte de paleontologia, de microbiotas e eu coletando amostras para a parte de estudo de geotropia, estudo de microscopia".

"Trabalho com análise de gelo no meio da neve. Tem que ir lá em cima na geleira, fazer um buraco lá, transformar aquilo num laboratório. Eu escavo... tiro e faço uma trincheira... E fico trabalhando ali dentro. Fecho em cima e fico trabalhando lá dentro. É, faço um buraco na geleira. E eu tenho que literalmente estar dentro do bloco de gelo... Coletando, com uma equipezinha lá dentro trabalhando".

Nas horas de lazer do cotidiano da vida de acampados, o grupo se distraía com reuniões para conversar, com jogos; eles pegavam petiscos e uma bebida para ver um filme no DVD, tiravam fotografias. Criavam maneiras de se divertir em sua vida de acampados:

"No acampamento, às vezes, a gente, botava no computador um filme, via no DVD, ai pegava petisco, ficava todo mundo junto... Vamos pegar gelo de três, quatro mil anos e tomar um uísque, fazer um drink..."

Um outro interesse que o grupo desenvolveu no acampamento foi observar o céu, o vento e as mudanças climáticas, seja para programar o trabalho de campo, seja para tomar precauções relacionadas com as tempestades de vento e neve. Isso também constituiu a cultura de grupo. O relato abaixo mostra como o grupo se sentia com relação ao ambiente antártico.

“Você lá está... Você está um escravo do tempo, do clima, você é um escravo das condições de... É inóspito o lugar... Muda com uma rapidez e acaba que você aprende a olhar a pressão. A coisa mais sintomática é pressão subir e a pressão diminuir. A pressão sobe é esperança de tempo bom, ou de manter o tempo bom, a pressão começa a descer, podes crer que vai piorar. O barômetro é o grande... O barômetro é o céu, é olhar e ver o barômetro”.

Mesmo que tais elementos não sejam exclusivos a uma cultura de grupo vivendo em isolamento e confinamento, eles são importantes para promover a ligação e a coesão entre os integrantes dos grupos, das organizações e da nação. Servem para exemplificar não somente o senso de humor dos indivíduos, mas também o espírito do grupo, sua autoconfiança e a sua singularidade.

1.5. Terceiro momento.

1.5.1 A retirada da ilha James Ross

O mês de fevereiro na Antártica marca a mudança do verão para o inverno, fazendo com que o clima fique bem mais instável e as tempestades de vento e neve tornem-se mais freqüentes e mais assíduas. Após 37 dias de acampamento, o corpo e o espírito dos integrantes do grupo já pedem mudança de ambiente e o desejo de voltar para casa emerge com toda força. Levantar acampamento não significa voltar para casa imediatamente. “Os acampados” ainda vão passar alguns dias no navio antes de ir para a base chilena Frei a fim de pegar o Hércules e voltar para o Brasil.

Nessa fase, o grupo já está coeso e o nível de tensão mais baixo. A avaliação que o grupo faz da interação é bastante diferente. A percepção de liderança é outra e também os pesquisadores conseguem reconhecer as lideranças informais ou naturais.

“E tinha o nosso coordenador que já era o líder, já foi lá com esse propósito [líder formal ou funcional]. Os líderes naturais que surgiram foram os alpinistas, mas, no sentido da parte de logística e da parte de segurança, eles tinham poder de veto. Então, eles eram líderes nesse sentido. Eles definiam como a gente podia conduzir as coisas. Sempre a gente participava das idéias junto com eles, quando eles davam sugestões em geral, a gente acatava numa boa”.

Alguns integrantes do grupo tornaram-se mais próximos e íntimos uns dos outros, estabelecendo laços mais fortes e maior proximidade nos subgrupos, mas isso não afetou a identidade de grupo, construída durante os dias acampados. A hierarquia entre professor e aluno ficou mais diluída e o grupo sentia-se mais unido.

“As pessoas se tornaram muito próximas umas das outras. Quando é uma equipe comum, ou alguma coisa, eu acho que a experiência se tornava muito pior, a nossa foi muito boa, não teve nada de negativo... Na verdade, era o contrário, por exemplo, os professores, nossos amigos... Nossos amigos desde que éramos alunos de mestrado e doutorado, os professores hoje são muito mais colegas do que professores, né. No campo eles se tornaram amigos mesmo”.

“São essas as oportunidades do campo. Essa é a parte legal desse trabalho de campo, dessa área de biologia, de paleontologia. Você vai para o campo - o doutor de 40 anos de estrada, mil publicações, que é teu professor - está lá no mesmo espaço que você que está começando na pesquisa, que é um aluno ainda e não tem tanta experiência. E a gente tinha um relacionamento próximo dele, ele era o líder, mas não era uma coisa assim imposta, ele já está acostumado a liderar”.

O acampamento foi retirado no dia 19 de fevereiro e o grupo voltou para o navio. Mas enquanto seus integrantes esperavam a retirada da ilha James Ross,

fantasiavam sobre serem deixados na ilha. É como se o grupo pudesse liberar suas fantasias relacionadas ao medo e ao abandono:

“A gente estava brincando, já pensou não voltar para o navio... ‘A gente fica abandonado, chega lá não vai ser mais reconhecido’. Mas a gente só brincava, a gente sabia que isso era uma coisa muito remota, porque não é o caso do inverno”.

“É evidente que, se você, por exemplo, quebra uma perna lá, isso é fácil de acontecer, você trabalha em áreas muito pedregosas em áreas íngremes para ter um acidente é muito fácil, então se você tiver um acidente e tiver com um tempo ruim, aí você está mal... Aí a situação fica complicada, porque não vai conseguir ter helicóptero para te buscar, mas se tiver um dia bom talvez em três horas um helicóptero argentino pára e pega você para levar para uma base argentina ou te leva para um hospital, sei lá, para a base chilena”.

“Teve momentos que a gente ficou preocupado se a gente ia conseguir, com relação à retirada da ilha. Isso depende de certas coisas, principalmente condições do tempo. Então isso a gente nunca sabe. A gente não sabia, por exemplo, se o navio ia conseguir chegar, se a gente ia sair atrasado de lá também, e isso é meio complicado porque a gente tem que se programar para desmontar o acampamento e deixar pronto. A gente não pode desmontar tudo”.

Após sair da ilha James Ross, o navio foi para Estação Comandante Ferraz onde ficou atracado por uns dias.

1.5.2 Na Estação Ferraz

Já retirados da ilha e mais uma vez dentro do navio, o grupo novamente teve que se readaptar a sua rotina e cultura. Os pesquisadores saíram da imensidão e novamente estavam confinados. Vejamos como se sentiram:

“Quando nós saímos da ilha, nós não tínhamos nada para fazer. A coisa mais desagradável que tem para mim é justamente isso, ficar no navio, sem

fazer porcaria nenhuma. E tem umas regras do navio que são válidas, você não pode pegar o seu computador e levar pra Praça d'Armas. Só que a Praça d'Armas é para as pessoas conversarem. E se ficar pegando seu computador, só que ninguém vai conversar... Pela própria interação... Eu acho isso válido”.

Pode-se sentir na densidade do relato que a pressão do tempo isolado no acampamento e a incerteza na espera do regaste pelo navio, trouxeram conseqüências para o grupo e desencadearam sentimentos de intolerância e irritabilidade. Especialmente depois de um pequeno acidente, que ocorreu quando, em prospecção de campo, o quadriciclo virou e um dos membros do grupo machucou a mão. Nessas circunstâncias a ameaça à vida em situação de isolamento pode ter um efeito muito maior que em circunstâncias comuns.

O sentimento de irritação é freqüentemente utilizado para substituir o sentimento de medo e de vulnerabilidade quando há ameaça à vida. Para Reich (1994), as três excitações biológicas básicas são medo, ansiedade e raiva. São emoções primitivas e funcionam de forma bastante instintiva, especialmente quando existe alguma ameaça à vida. A emoção da raiva está ligada à musculatura do corpo, e por isso possibilita a reação às ameaças do ambiente externo com movimentos de defesa e ataque, sendo considerada como a emoção da sobrevivência (BOADELLA, 1987). Já o medo e a ansiedade são emoções mais viscerais e profundas. Quando acionadas geralmente provocam reações de paralisia muscular ou psíquica, ou mesmo de ataque através de uma raiva intensa – a raiva cega. Já as reações de irritabilidade constituem uma forma da emoção de raiva, mais comumente utilizada no campo da interação social. Muitas vezes é demonstrada como forma de sociabilidade positiva em reações de assertividade, e outras vezes em formas negativas, como no ataque.

No navio, a interação do grupo se torna diferente daquela do acampamento porque o grupo base do navio interfere na mesma e a situação de confinamento também contribui para essa mudança. A visita à Estação Ferraz naturalmente produz um outro tipo de interação, a de intergrupos. Não nos foi relatado pelo grupo “os acampados” a ocorrência de qualquer conflito entre eles e o grupo base do navio, muito pelo contrário, o primeiro sempre se referiu ao segundo com elogios. Mas a visita à Estação Ferraz foi motivo para um conflito com o grupo base da estação. Em seguida está o relato do grupo:

“Aí eu descobri que a gente ia pra Estação Ferraz e lá tinha um lugar que me interessa... É pra lá que eu vou. Vamos tentar trabalhar lá. E aí tentamos trabalhar lá, porque eu queria tentar achar um vertebrado só. Resumindo a história, tentamos uma vez, teve um problema, não deu, uma discussão com o grupo base. Tinha uma pessoa lá, essa pessoa foi... Tá, tá surtando, o cara tava surtando. Esse cara foi totalmente indelicado, tentou fazer com que o grupo ficasse contra um terceiro alpinista que estava lá... Aí na hora foram vários grupos... Pelo menos dois grupos pra fazer um trabalho de campo lá”.

“Tem a hora do divertimento, tem. Aí, eu quero me divertir, mas a hora do trabalho é trabalho. E eu encarei o que eu estava fazendo lá só como trabalho e eu realmente queria procurar mais fósseis e fósseis a gente não acha... A gente tem que ficar no chão, de quatro, procurando. Tem que fazer”.

“Então nesse dia não deu muito certo, deu uma confusão... com o grupo base, e aí o comandante coordenador embarcado deu autorização... Deu, não deu, aí tem a responsabilidade. Se acontece alguma coisa com alguém, passa a responsabilidade pro chefe da estação que não queria assumir, o outro é que tinha que assumir... Bem, resumindo a história, né. O que tinha sido passado pro coordenador embarcado, que já não era mais o Fulano e já era outra pessoa, é que a gente queria fazer uma visita de turismo lá no Morro da Cruz e no Pico Norte. E não era isso que eu queria fazer. Então, nesse dia, eu voltei e falei pro comandante o que eu queria fazer. ‘Ó, eu quero fazer isso’. É uma chance que eu tenho, é uma oportunidade. O princípio de uma oportunidade, eu aprendi isso com vocês, pô, tô aqui, cara, deixa eu ir lá, cara. A gente está aqui com um alpinista que conhece isso direito... estamos com quatro alpinistas. Pelo amor de Deus!”.

“E aí ele foi, ligou pra Brasília... E aquela burocracia... mas liberaram. Sei lá, se é destino... A gente achou as primeiras folhas daquela região. Meu trabalho é agora sobre isso. Um dia uma oportunidade, acha-se uma folha. Se fosse só o tronco não tinha nada, mas aquela folha valeu e valeu um trabalho. É uma contribuição no ponto de vista científico”.

Inúmeras são as razões e motivos provocadores de conflitos inter e intragrupal. Os mais comuns são disputas, rivalidades e competições. Podemos analisar a situação acima relatada sob duas hipóteses. Na primeira hipótese o conflito foi gerado por falta de comunicação e falta de abertura por parte do chefe da estação e do coordenador embarcado. A segunda refere-se ao sistema frustração-agressão, hipótese de Dollard, citada em Martin F. Davis (1996). Dollard, baseado na psicanálise, estabelece que a agressão é gerada pela frustração e a frustração ocorre quando a pessoa tenta alcançar um objetivo e sofre a interferência de outra. Talvez a frustração de não ter encontrado o dinossauro para uns e a tartaruga marinha para outros, tenha gerado irritação, raiva ou, até mesmo, desespero no grupo. Então encontrar um fóssil original, como a folha, amenizou a frustração, foi gratificante e deu ao grupo o sentido de orgulho profissional. O chefe da estação, na nossa hipótese, avaliou o pedido do grupo de forma equivocada em consequência da falta de boa comunicação e reagiu com uma atitude rígida. Felizmente, foram conflitos possíveis de serem resolvidos, mas ilustram o que pode ocorrer na interação intergrupal.

No entanto, durante a visita ao Pico Norte e ao Morro da Cruz, aconteceu novamente um conflito intragrupal. O interessante é que o grupo novamente elege um *bode expiatório* e reaparece na cena o *enfant terrible*. Isso indica que, nesse momento, houve um retrocesso na unidade do grupo e o nível de tensão aumentou. Certamente a ansiedade da volta e a de produzir pesquisa conduziu o grupo a comportamentos regressivos no sentido de voltar a usar algumas linguagens de organização já superadas. Há a tentativa de colocar-se o *enfant terrible* fora do grupo. Isso provavelmente ocorrerá na volta.

“Fomos pro Pico Norte e aí também tínhamos o Morro da Cruz. O Morro da Cruz foi turismo, fiquei na maior dúvida, a gente queria mais mesmo olhar lá, procurar sabe? Mas tinha um pessoal que estava muito cansado e não queria muito ir... E aí dividir o grupo era muito complicado porque tinha o alpinista. Porque voltar sozinho é uma coisa complicada... Aí, lá pelas tantas, assim... eu não queria que só acontecesse isso, é a tal história, vai ser de novo o coordenador responsável no final. Eu não quero que isso aconteça”.

“Aí uma pessoa, o enfant terrible como sempre... Já tinha cortado ele, não era pra ir e foi... Aí deu aquele problema que deu. É o mesmo cara, mas é um garoto bom só que não é isso a dele. A dele é sentar e estudar, negócio de fazer camping não é. E fiquei bem chateado com isso e aí o que é que eu fiz, já que é assim... Aí os alpinistas, ‘Não tudo bem, desce assim, vão por aqui pela praia’. Aí, eu virei e falei assim ‘olha só, como é que fica o negocio dos alpinistas. Acompanha eles cara, vai dividir o grupo assim?’ Mas... não, um alpinista tem que ir com eles, um alpinista tem que ir com eles... Aí, um cara disse: ‘não, espera aí’, todo mundo falou ‘a gente desiste’ e não sei o que ... ‘esse garoto não’. Todos os outros iam desistir, que eram mais dois, em pró? Não, não vamos sacanear o alpinista que quer ir lá também... E esse garoto, ah realmente, não sei o que... Não sei o que. Resumindo a história, depois de tudo, aí, um alpinista falou que ia... O alpinista que não se dava com ele.. Aí, ficou aquela discussõzinha assim: ‘fica longe de mim!’ ‘Aí..., eu vou ficar do seu lado’. Ali, ali, vamos dizer assim, era uma situação que poderia azedar toda a relação... todo o acampamento. Ali, era pra azedar a relação dos dois.

Será que azedou? Acreditamos que não e o grupo novamente conseguiu resolver o conflito e superar essa fase de sua organização. Nossa hipótese é que havia um subgrupo que desejava expulsar o personagem *o enfant terrible*, já que ele já não fazia parte da instituição de origem da maioria dos integrantes do grupo. Mas ele tinha poderes, por ter sido o idealizador do projeto, função que lhe havia garantido um lugar no grupo. Talvez, houvesse um subgrupo que com ele também competia para assumir tais poderes. As atitudes mais livres das regras de coesão certamente incomodavam os ideais do grupo de, por exemplo, não ter conflitos.

1.6 Quarto momento

1.6.1 A volta da Antártica

O quarto momento do grupo é a viagem de volta e a avaliação do projeto e das relações vividas. A viagem de volta foi um processo que exigiu do grupo paciência. Porque *não é pegar o avião e pronto, está de volta*. Eles ficaram no navio NapOC Ary Rongel durante dias esperando que todos os grupos de pesquisa que estavam em diferentes lugares e ilhas, fossem resgatados pelo navio. Então,

finalmente chegaram na base chilena Frei onde embarcaram no avião Hércules. Vejamos como isso aconteceu:

“Na ida, a gente foi de avião até Punta Arenas, aí, depois fomos de navio até a ilha Rei George, depois ficamos acampados”.

“[Volta] Depois da Estação Ferraz e de lá [o grupo ‘os acampados’] foram também para outras ilhas pegando outros grupos que também tinham acampado. A gente foi de lá até a base chilena na Antártica, que é na mesma ilha que a base brasileira, para de lá pegar o avião para ir de Punta Arenas a Pelotas, de Pelotas para São Paulo e de São Paulo para o Rio. E aí, a gente gastou dois dias de vôo, nessa viagem de avião, mas a grande parte foi de navio para a base chilena. E aí, tem que esperar... Porque tinha que dar apoio logístico para outros projetos...”.

Perguntamos quais as impressões que tiveram com relação ao tempo que ficaram viajando, acampados e isolados. Responderam:

“É. 72 dias! Os 37 dias no acampamento não era problema, foi numa boa. O problema é o total... Até os 27 dias de acampamento já estávamos com 40 e poucos, quase 50 dias, aí já era muito tempo... Você ficar mais de 50 dias já era um tempo demasiado para ficar longe da família. Foi ruim, porque eu acho que essa é a pior parte, que esse é o isolamento, que é ficar longe das pessoas que você quer falar, que sente saudade”.

“E aí, mais pro final da viagem que assim, tinha pouca notícia de casa, então o pessoal começou a sentir um pouco de saudade, vontade de voltar, a gente já estava assim, meio que... Como a gente não encontrava os invertebrados que a gente queria, a gente encontrou muito pouco e ficou naquela assim: puxa, a gente não está encontrando nada, pra que continuar aqui tanto tempo?”.

Com relação à Estação Ferraz o grupo se dividiu. Alguns gostaram outros fizeram críticas, talvez até influenciados pelo conflito acontecido quando por lá passaram. É interessante relatar as diferentes visões.

“Na Estação tem controle total, é fechada. A Estação é uma colônia de férias, com pesquisas”.

“Assim as condições de trabalho são bem mais favoráveis porque você tem lugar para tomar banho, lugar para dormir, tem televisão. É como se fosse aqui no Rio de Janeiro. Tem telefone público, é ligação local para o Rio de Janeiro, é como se estivesse aqui, tem até uma sala que chama: Rio 40 graus. É a sala que é uma estufa. Ela serve para secar essa roupa da água. Então o pessoal chega com a roupa molhada e coloca lá dentro e deixa secando. Essa sala é pra mim maravilhosa! É a melhor sala da Antártica é essa salinha pra mim. 40 graus”.

“É. Eu acho que na Estação quem mais sente mais a condição de isolamento é o grupo base que fica lá um ano. O pessoal do navio também; ficam seis meses. É um pessoal muito sacrificado, mas tem um retorno financeiro espetacular, não é? Ninguém faz isso obrigado, eles brigam para fazer isso. E eles ficam assim atônitos, quando nós falamos... ‘Quanto vocês ganham para fazer pesquisa?’ Eu digo: ‘Nada. Estamos ganhando uma diária, que deve dar aí para nós uns 3 mil e quinhentos reais. É 50 reais por dia’. Eles admiram a gente: ‘Pô, vocês vão ficar acampados naquele lugar 37 dias, não ganham nada?’ ‘Não, o que vale para nós é a pesquisa, é a aventura, a experiência de vida, isso é de menos. Eu faço isso porque gosto’”.

A hipótese de Palinkas (2003) sobre os comportamentos e funcionamentos dos pesquisadores com características salutogênicas, no sentido de fazerem avaliações mais positivas do que negativas, pode ser confirmada no relato e impressões dos integrantes do grupo “os acampados”. Apesar das dificuldades que passaram, sentem que o elo com a Antártica é forte. A Antártica, além de ser um lugar onde se pode encontrar material para ser estudado, existente somente lá, também é o lugar que nos permite perpetuar a idéia meio ‘romântica’ de ser um explorador da Antártica.

“Eu acho ótimo. Se eu puder voltar, eu volto. Para mim, já estava no lucro, em 99 eu já estava no lucro. Eu tinha achado que era a última vez, com todas as chances, uma maravilha! O programa antártico brasileiro cuida bem dos

pesquisadores. E tem preocupação de segurança talvez, de uma certa forma, até um pouco excessiva”.

“Então é fato, nós somos privilegiados, quem vai à Antártica. É uma situação privilegiada, ir uma vez já é um privilégio, duas vezes então, pô... Você ficar acampado é uma aventura de fato”.

“A Antártica, ela tem um fascínio, realmente é um lugar fascinante. Porque ao mesmo tempo em que ela tem essa... Ela fascina pela beleza, pela fragilidade... Chega assim, pôxa, só musgo e tudo mais, musgo, líquen, musgo e líquen são plantas bem resistentes, mas não deixa de te passar a idéia da fragilidade. Você está entendendo? O ambiente que muda, que tem uma certa instabilidade... Te passa uma idéia de fragilidade, mesmo que não seja assim tão frágil pelos animais que vivem ali”.

O grupo “os acampados” nos permitiu, mesmo através de observação indireta avaliar sua organização, sua cultura, as interações intersubjetivas, seja na situação intragrupal, seja na intergrupala. A riqueza dos relatos facilitou-nos a análise e o reconhecimento do desenvolvimento do grupo. Considerando as limitações de uma observação indireta, conseguimos atingir nossa proposta inicial de avaliar os pontos fundamentais de formações grupais através dos discursos e relatos dos entrevistados. Na estrutura, foi possível compreender a dinâmica nos papéis de personagens que surgiram em determinado momento do grupo e as funções que desempenharam dentro do mesmo. As linguagens ambíguas e assertivas da liderança nos ofereceram certa compreensão da dinâmica emocional nela implícita. O grupo “os acampados”, em última análise, confirmou a importância do grupo como apoio e suporte em situação de isolamento e confinamento.

VERDADE

O que é a verdade?
A verdade tem muitas faces.
É como o vento que sopra em muitas cabeças...
excita muitas mentes.

A verdade é como o raio que se revela em momentos de tormenta...
A verdade se revela em muitas formas e imagens,
Se camufla...
Tem sons... coloridos e caminhos...

Então como saber a verdade?
Os olhos vêem...
Os ouvidos ouvem...
A percepção percebe...
A consciência dá realidade ao que está nas sombras...
Esta é a verdade...
O resto é imaginação.

Geny Cobra
Rio, 18/01/2008

CAPÍTULO II

“Os Embarcados”

2.1 Drake, o sentinela da Antártida.

Atravessar o Estreito de Drake requer de um comandante de navio habilidade, conhecimento e tecnologia. Mais e mais os comandantes do Navio Oceanográfico Ary Rongel estudam a dinâmica do Drake para não pegá-lo em seus dias de mau humor. Isso faz sentido, porque não se chega à Península Antártica, e por

conseqüência à Estação Ferraz, sem atravessar o Estreito de Drake. Ele é passagem obrigatória para os navios brasileiros e um pesadelo para as embarcações que pegam suas tempestades. Como Capozoli (1995) descreve, “ficamos nas garras do Drake” (p.26), que é uma das regiões mais tempestuosas da terra. No entanto, quando ele está de bom humor sua passagem, segundo um pesquisador entrevistado, é como “*o colo de uma mãe*”. Pelo visto, com o Drake é oito ou oitenta. Na verdade, Martins (1998) explica que os comandantes dão ao Drake uma escala de condições do mar que vai de 0 - totalmente plácido, a 12 – furacão. Com 10 é tempestuoso, chegando próximo à desgraça total.

Qualquer comandante de navio, que vai da América do Sul para a Antártida, tem que ter muita perícia e, principalmente, sangue frio. Certamente, a relação de um marinheiro com o mar é diferente daquela das pessoas que vivem em terra firme. Quando Capozoli cruzou o Drake em meio a uma tempestade, em 1985, no Navio Oceanográfico *Professor Wladimir Besnard*, relatou que passou a compreender por que razão os navios carregavam camisas-de-força. Sem dúvida, uma tempestade em alto mar pode enlouquecer um homem e torná-lo perigoso para toda a tripulação. É uma medida de segurança, pois a tempestade, para algumas pessoas, provoca um medo tão intenso que chega ao pavor, motivo de estresse muito intenso, o que nos leva a considerar que estamos separados da loucura por um fio.

Além das famosas tormentas, dois outros perigos assombram essa passagem, um é o cabo Horn, com seus rochedos circundantes, considerado um verdadeiro cemitério de navios; e o outro, os *icebergs*, que, muitas vezes, não são detectados pelos radares. Conta-se que Francis Drake, famoso corsário inglês, descobriu essa passagem em 1578. O corsário teria batizado o estreito com seu nome quando cruzou o extremo sul americano em direção ao Pacífico, bem próximo ao cabo Horn.

Hoje, a tecnologia com seus radares e demais instrumentos de navegação proporcionam maior segurança aos navios, no entanto, a implacabilidade da natureza muitas vezes burla, até, a mais refinada tecnologia – somente uma boa dose de *heroísmo*, pode manter o espírito dos navegantes que vão à Antártida. Assim, o heroísmo do homem moderno se diferencia do heroísmo de navegantes como Francis Drake e muitos outros exploradores dos mares.

Os mitos heróicos e dos heróis fazem parte de nossa cultura e atravessam o imaginário de nossa sociedade. Entretanto, o mito não pode ser entendido como um fenômeno de sentido fechado, mas sim difuso e múltiplo, prestando-se a diversas significações e a diferentes formas de apreensão. A figura do herói abrange

significados e desejos encobertos de força, sabedoria, coragem e até esperteza. Ele, o herói, é o defensor da vida, da integridade de uma comunidade, de um povo, enfim, de um indivíduo que, em sua fragilidade, busca na imagem do herói proteção e coragem.

As figuras míticas clássicas encontradas na mitologia da Grécia e de Roma, da Idade Média, do oriente e das tribos primitivas aparecem principalmente nos sonhos e na imaginação do homem moderno. Karl Jung (1964), de forma muito interessante, considera os mitos heróicos muito importantes para a psicologia. Esses heróis míticos são, para o autor, como fatos simbólicos representativos do psiquismo como um todo. Embora sejam desenvolvidos por grupos ou por indivíduos, apresentam em sua estrutura padrões universais. No nível do grupo, eles organizam, de certa forma, a identidade coletiva, como também fornecem pistas para compreendermos o *equilíbrio* e a dinâmica de forças (Sabedoria, Coragem, Temperança, e senso de Justiça, ou seja, as virtudes cardinais da Ética Clássica grega, em termos de Platão) na organização da personalidade dos integrantes do grupo. Jung (ibid) explica que, nessas histórias, muitas vezes a fragilidade do herói é compensada pela aparição de uma figura forte, de um protetor que lhe possibilita ter ações super-humanas, o que não aconteceria sem tal ajuda. No grupo, o heroísmo promove o espírito de luta, muitas vezes o espírito de grupo e, até mesmo, uma idéia (FREUD, 1987) que promova sua coesão.

No campo clínico, Jung utiliza os papéis dos heróis míticos em sua função essencial, que é desenvolver a consciência egóica do indivíduo, no sentido de revelar as forças e as fraquezas de sua personalidade nas situações de vida em que se sente confrontado. É como se fosse um teste inicial na trajetória de amadurecimento de um indivíduo. Na medida em que ele vai atingindo a fase mais madura de sua vida, os mitos heróicos vão perdendo sua relevância e, segundo Jung, inicia-se a morte simbólica dos heróis. Talvez porque, na maturidade, valorizem-se a sabedoria e a temperança mais do que a coragem, pois já se sabe se a temos ou não.

Não nos vamos estender nesse tema, mas acreditamos que navegar, viver e fazer pesquisa na Antártica, em situação de isolamento e confinamento, podem ter uma boa dose de heroísmo, visto que, nesses tempos modernos, acabaram as sagas heróicas. A televisão, como um dos principais meios de comunicação, torna qualquer ato heróico um *reality show*, ou ainda exhibe programas seriais voltados para as ações heróicas – constituindo assim uma cultura de heroísmo exibicionista.

2. 2 Os navios antárticos

Já mencionamos anteriormente que a primeira expedição para a Antártica foi feita pelo navio *Barão de Teffé*, da Marinha do Brasil. Martins (1998), que estava nessa expedição, conta-nos, cheio de humor, o evento Falklands-Malvinas da viagem: “Netuno, enfim cobrou seu pedágio no paralelo das Falklands-Malvinas e muita gente foi fisgada pelo seu tridente. Este ‘naval’, que havia muito tempo não embarcava para viagens longas, arriou diante das brincadeiras netunianas, nas trinta e poucas horas de tempestade que se seguiram. Mareei feio” (p. 46). Mesmo sendo experiente navegador, foi esse o teste de ‘iniciação antártica’ de Martins nos mares do extremo sul.

O *Barão de Teffé*, antes um navio mercante polar dinamarquês, foi adquirido pela Marinha e, depois de reformado e disponibilizado no verão 1982/83, fez sua primeira viagem para a Antártica. Embora não fosse um quebra-gelo, tinha capacidade de navegar em águas com gelos fragmentados, os chamados *pack-ices* (MARTINS, 1998).

O objetivo da primeira viagem do *Barão de Teffé*, em 1982 (CIRM, 1999), foi levar o grupo do PROANTAR para escolher o local de instalação da estação brasileira e para colher informações das várias estações da península sobre a construção de uma estação na Antártica. A construção da estação iniciou-se no verão de 1984, na Operação Antártica II, quando se deu a primeira invernada na Estação Ferraz (MARTINS, 1998).

O Tratado da Antártica foi assinado em Washington, em 1º de dezembro de 1959 pelas doze nações ativas durante o Ano Geofísico Internacional (IGY), os quais eram África do Sul, Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, Estados Unidos da América, França, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Reino Unido e Rússia (PROANTAR, 2001). O Tratado se aplica à área ao sul da latitude 60°S. Os países com atividades na Antártica, por esse acordo, se consultam sobre o uso do continente, com o compromisso de não torná-lo objeto de discórdia internacional. Resumidamente seus quatro artigos são:

- estipula que a Antártica só pode ser utilizada para propósitos pacíficos, proibindo atividades militares, como o estabelecimento de bases militares ou testes de armamentos;
- garante a liberdade para a continuidade da pesquisa científica, como o ocorrido no IGY;

- promove a cooperação científica internacional, incluindo a troca de informações sobre pesquisa e pessoal, exigindo que todos os resultados estejam disponíveis livremente;
- congela as disputas territoriais entre os membros do Tratado por determinar que enquanto o este estiver em rigor, nenhuma atividade realizada, poderá ser utilizada no pleito pra reivindicações territoriais já existentes e nenhum novo território poderá ser reivindicado; por estabelecer regras sobre jurisdição;
- proíbe explosões nucleares e a eliminação de dejetos radioativos;
- prevê inspeções a serem realizadas por observadores, nomeados por qualquer Parte, em navios, estações e equipamentos na Antártica para garantir o cumprimento do Tratado;
- exige que as Partes divulguem antecipadamente o plano de atividades de suas expedições;
- prevê reuniões periódicas entre as Partes para analisar medidas que possam contribuir para os objetivos do Tratado; e
- estabelece um mecanismo de solução de controvérsias e a possibilidade de emendas ao Tratado.

O Tratado também prevê a adesão de qualquer membro das Nações Unidas.¹⁴

Apenas em 1982, com o início do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), o Brasil teve direito a voto no Tratado da Antártica. Entretanto, e conforme determina o seu Artigo IX, o presente *status* brasileiro como membro consultivo, ou seja, com direito a voto, somente é garantido pela manutenção de um programa substancial de investigação científica na região antártica. Assim, houve uma certa pressão para que o Brasil construísse sua estação na Antártica. As pesquisas brasileiras no âmbito do PROANTAR tiveram início no verão austral de 1982/83, com a Operação Antártica I. E só em 1993, o Brasil foi admitido como Membro Consultivo do Tratado da Antártica (CIRM, 1999).

O Barão de Teffé serviu ao PROANTAR até 1994, quando foi substituído pelo Navio Oceanográfico Ary Rongel (NAPOC Ary Rongel), equipamento mais moderno e com desenho mais voltado para a realização de pesquisas a bordo (MARTINS, 1998). O Ary Rongel, assim chamado pelos pesquisadores, é o navio

¹⁴ Dados obtidos no livro Tratado da Antártica e Protocolo de Madri, PROANTAR, 2001.

que até hoje opera no PROANTAR, dando apoio logístico para todos os projetos de pesquisa na Antártica.

Por mar, todo transporte de longa distância, do Brasil até a Antártica, seja de pessoas ou de suprimentos, é feito pelo NApOC Ary Rongel, que sai do Rio de Janeiro no mês de outubro e retorna em março, passando o período do verão na Antártica. Dois helicópteros leves, modelo Esquilo, da Marinha do Brasil, operam permanentemente a bordo do navio, provendo apoio logístico para a Estação Ferraz e para projetos científicos fora da Estação.

2.3 Os grupos do NApOC Ary Rongel

Quando iniciamos as entrevistas estávamos pensando em estudar somente os pesquisadores que ficavam na Estação Antártica Comandante Ferraz. Entretanto, na medida em que conversávamos com os pesquisadores, descobrimos uma outra realidade com relação ao grupo de cientistas brasileiros residentes no Rio de Janeiro e São Paulo. Constatamos que havia três grupos diferentes fazendo pesquisas na Antártica. O grupo da Estação Ferraz, o grupo que acampava e o grupo que trabalhava no navio Ary Rongel.

Embora o Ary Rongel tenha como passageiros todos os pesquisadores que viajam por mar, existe um grupo que mora (o tempo que passa na Antártica) e trabalha nele. Chamamos esse grupo de pesquisadores de “os embarcados”. Ele é composto, principalmente, por pesquisadores da área de oceanografia e biologia marinha. Uma outra característica desse grupo é sua permanência no navio durante todo o período que passa na Antártica, em convívio direto com a tripulação, constituída por militares da Marinha. Quando o navio atraca perto da Estação Ferraz, o grupo somente visita a estação, mas nem sempre hospeda-se lá.

2.3.1 Grupo de apoio ou tripulação do navio

A tripulação do NApOC Ary Rongel, geralmente chamada pelos pesquisadores de grupo base do navio, é composta por um comandante, um coordenador de expedição (o coordenador embarcado), 17 oficiais, um oficial da Marinha Argentina, um oficial da Marinha do Chile, um oficial da Marinha do Uruguai, o que varia a cada viagem, um diplomata, três suboficiais, 17 sargentos e 31 cabos e oficiais convidados. Quanto ao grupo de pesquisadores, seu número varia de acordo com as pesquisas selecionadas para cada ano, até no máximo, 30 pesquisadores. (CIRM, 2004-2005).

Consideramos neste estudo o grupo base ou tripulação do navio como um *grupo virtual*, porque não nos foi possível entrevistar qualquer pessoa do mesmo. Assim, toda informação e referência de âmbito pessoal com relação ao grupo base são provenientes dos relatos de “os embarcados”, exceto as informações oficiais encontradas na literatura consultada.

Os pesquisadores no navio são assemelhados aos oficiais e fazem as refeições juntamente com o Comandante, o Coordenador de expedição e os outros oficiais. Os suboficiais e os sargentos fazem suas refeições em outro rancho e os cabos fazem suas refeições em um terceiro rancho. Então, são três compartimentos, três Espartas: uma para soldados e cabos, uma para suboficiais e sargentos e, uma outra para oficiais e pesquisadores.

2.3.2 O grupo “os embarcados”

O grupo “os embarcados”, neste estudo, é formado por três pesquisadores: um homem e duas mulheres, com idade média de 34 anos. Seus integrantes são: um doutor em biologia marinha, um graduado em biologia e mestrando em mudanças climáticas e um doutor em oceanografia química. Durante todo o tempo que passaram na Antártica, eles permaneceram no navio e fizeram passagens rápidas pela Estação Ferraz.

De forma semelhante ao grupo anterior já analisado, à apresentação dos acontecimentos e interações deste grupo chamaremos de *linguagem do grupo*. Ela abrange tanto as expressões emocionais como as ações do grupo, ou seja, suas ações emocionais. Para a análise, faremos uma certa seleção das *linguagens do grupo ou grupos* contidas nos relatos, de forma que possamos compreender as formas de interação, as relações intersubjetivas no grupo (intragrupal) e sua dinâmica e cultura de grupo, bem como com outros grupos (intergrupal), principalmente com o grupo base ou tripulação do navio ou da Estação Ferraz. Para maior destaque das impressões e expressões dos relatos do grupo, vamos apresentá-los em itálico e entre aspas.

O grupo em sua organização, embora apresente ações subgrupais, é compreendido como um grupo total ou, segundo Foulkes (1965), *as a whole* (como um todo). As impressões pessoais serão avaliadas como impressões do grupo, bem como cada situação vivida será compreendida como uma situação grupal. É interessante lembrar novamente que estamos estudando o *sujeito em grupo* funcionando, em muitos momentos de sua dinâmica, como *porta-voz*, *porta-*

palavras, em alguns casos *porta-sonhos* (KÄES, 1997) e *bode expiatório* (HARE, 1996).

O *porta-palavras* é aquele que fala pelo grupo, aquele que emite o discurso do grupo; o *porta-voz* ocupa o lugar de transmissor do desejo, da proibição e das representações emocionais e inconscientes do grupo. O grupo do ponto de vista de sua dinâmica psíquica, ele próprio é um sonho e tem como função abrigar e fazer acontecer os sonhos de seus integrantes, assim a função de *porta-sonhos* é ser o transmissor da continuidade do tema do sonho no grupo e pelo grupo. A hipótese psicanalítica compreende que é no processo da dinâmica intragrupal ou intergrupal que esses fenômenos são revelados.

2.4 Organização do grupo

A organização refere-se aos componentes do grupo, aos papéis ocupados por seus membros, à eleição de líderes e ao tempo de convívio. O grupo “os embarcados”, em si mesmo ou em sua organização, constitui um grupo imaginariamente criado por nós. Seu *status* de grupo artificialmente construído conduz-nos a diferenciá-lo, nas formações e relações intragrupais, dos grupos organizados como matriz, no sentido dado por Foulkes (1965). Nesse sentido, ele apresenta quatro características que justificam seu estatuto de grupo artificialmente construído: 1) ele é composto por três indivíduos que viveram a mesma experiência de embarcados; 2) seus integrantes não trabalharam no navio na mesma época; 3) a inexistência de relato de qualquer conhecimento prévio ou mesmo de estada no navio no mesmo ano; 4) a presença no grupo de subgrupos, que ao nosso ver, não mostram pontos de interação intragrupal.

Apesar de se constituir como um grupo artificialmente construído, “os embarcados” será analisado como um grupo. Nossa atenção está voltada para identificar nos relatos dos integrantes entrevistados, a estrutura, a dinâmica, e os fenômenos interacionais e relacionais de um grupo de trabalho. Lembramos que o *grupo de trabalho*, em Bion (1975), funciona ora como grupo básico, ora como grupo refinado, ora como grupo criativo e ora como um grupo de trabalho, no sentido de grupo social e funcional (uma equipe, um time e outros).

Na teoria de Bion (1975) pode-se avaliar o grupo como uma ação recíproca entre as necessidades individuais, a mentalidade do grupo e a cultura do mesmo. As suposições básicas são expressões de estados emocionais intensos, com origens

primitivas, que desempenham papel importante na organização do grupo. Tais estados emocionais são e permanecem inconscientes e submetidos aos processos primários. Existem três padrões de comportamento fundamentais na dinâmica do grupo de trabalho: as suposições básicas de dependência, de formação de pares ou acasalamento e de luta e fuga.

A suposição básica de dependência tem a característica de exaltação de uma pessoa, seja o chefe, o professor, o terapeuta, ou de um ideal ou uma idéia de grandes mudanças. A cultura do grupo que corresponde a essa suposição organiza-se em torno da busca de um líder divinizado.

A suposição básica de formação de pares ou acasalamento organiza-se em torno da fantasia coletiva de um ser ou de um fato que resolverá os problemas do grupo; uma esperança messiânica é colocada num casal, cujo filho ainda está por vir e que poderá salvar o grupo do desespero e da destruição. A cultura do grupo constitui-se em torno do casal líder.

A suposição básica de luta e fuga baseia-se na fantasia coletiva de fugir, atacar ou ser atacado. Há, no grupo, a fantasia de um inimigo interno, que pode ser um membro do grupo, uma idéia adversa ou uma idéia errada. O grupo que funciona com essa hipótese pode ter em seu dirigente uma personalidade paranóide, organizando sua cultura sobre essas bases.

Os comportamentos são manejos do sujeito no grupo com o fim de impedir que a suposição básica obstrua o grupo de trabalho. Bion (1975) chama de valência a contribuição do indivíduo para a existência do grupo. Ela consiste na forma como o indivíduo coopera consciente e inconscientemente com o trabalho do resto do grupo ou mesmo “a capacidade de cooperação instintiva espontânea na suposição básica” (p.105). Em sua teoria, Bion admite que os grupos, inclusive os grupos de pesquisa, funcionam na dinâmica das suposições básicas e de suas tensões com o grupo de trabalho.

O grupo refinado é a parte emocional em contato com a realidade. Embora o grupo básico seja o depositário dos fenômenos e das energias inconscientes de cada integrante, constituindo o aparato psíquico grupal de Käes (1977), cuja dinâmica das energias das emoções, parte ele deriva para manter o aparato psíquico grupal e parte para manter o grupo social ou o grupo funcional, no sentido mais concreto. Na nossa

interpretação da teoria de Bion, o grupo refinado na atividade mental do grupo é a parte que traz os dados de realidade que o grupo tenta negar, emergindo-se nos fenômenos emocionais das *suposições básicas*, como por exemplo, em emoções básicas como o medo, a raiva, a dor e o pânico.

2.5 Estrutura do grupo

Entretanto, seguindo nossa proposta metodológica, reunimos os três pesquisadores em um grupo imaginário e, para preservar a identidade dos mesmos, eles funcionam como subgrupos do grupo “os embarcados”. Assim, daqui por diante eles serão considerados um grupo e analisados enquanto *sujeitos em grupo*. Os relatos (colhidos nas entrevistas) serão compreendidos como os de um grupo dinamicamente interagindo entre si e com outros grupos.

Outro fator interessante para ser mencionado é que cada pesquisador do grupo teve diferente experiência de tempo na Antártica. Um integrante do grupo foi pela primeira vez, em 2005, outro trabalha na Antártica como embarcado desde 1999 e um outro já foi várias vezes, sempre trabalhando embarcado. O tempo de permanência do grupo no navio, no período entre 2005 e 2007, variou de 18 a 90 dias por vez. A razão da variedade do tempo é porque no navio só podem ficar, no máximo, 30 pesquisadores e os camarotes são separados por gênero e neles, em geral, ficam seis pessoas.

Quanto à dinâmica do grupo, primeiramente os subgrupos estavam organizados como equipes ou pequenos grupos formais, sendo seu objetivo o trabalho a ser realizado, mas, após a interação dessas equipes com as outras, emergiram os subgrupos organizados informalmente ou com escolhas centradas mais nas afinidades e na afetividade. Tais dinâmicas, em certo sentido, podem expressar o espírito de grupo. Assim nos informou um subgrupo:

“Raramente estava sem alguém. Mas eu fiz duas grandes amizades lá com duas meninas, que foi muito legal, porque a princípio eu estava com receio de voltar no navio, porque o mar lá... porque no Estreito de Drake dizem que é um mar muito perigoso, e eu fiquei meio com medo dessa experiência”.

A idéia de que “*raramente estava sem alguém*” sugere que a interação e a convivência dos pesquisadores no navio acontecem sempre em grupo. Mas tal

afirmação pode também traduzir a possível falta de privacidade ou a impossibilidade de ficar só. Consideramos que, em tese, todo adulto é capaz de ficar só (WINNICOTT, 1972:29). Entretanto, desde a infância é necessário desenvolver tal capacidade. A capacidade de estar só para Winnicott é um fenômeno altamente sofisticado que se processa no desenvolvimento de uma pessoa. O autor coloca como o ponto básico na experiência de ser capaz de estar só, na experiência da criança de estar só na presença da mãe. O que consiste um paradoxo porque é ter a *capacidade de estar só na presença de um outro*. Esse paradoxo aplicado ao grupo tem várias conseqüências e uma delas é a capacidade de *estar junto* e *estar só* no grupo, sem deixar de contribuir para a existência dele. Embora paradoxal, também nos indica como avaliar o grupo, do ponto de vista da interação emocional e intersubjetiva, de forma mais compreensiva.

Nos grupos altamente organizados como o da Marinha, a informalidade, isto é, a interação intersubjetiva acontece em contexto mais previsível, pois a ideologia que atravessa a instituição é o controle emocional. Freud (1987) e McDougall (1920) compreendem o grupo formal, por exemplo, a Igreja e o Exército, como organizados externamente. Para Freud, toda desorganização é denegada ou, na melhor das hipóteses, reprimida, o que encontra lugar para recalçamento dos sujeitos. Em grupos com maior fluidez, como o dos pesquisadores, a interação intersubjetiva informal é maior, apresentando pontos determinados de organização formal. Abaixo o subgrupo relata-nos com clareza como se deu a dinâmica das equipes ou subgrupos formais.

“Eu fui com duas pessoas do laboratório; eram dois companheiros próximos. Lá eu fiquei na Estação Antártica. Primeiro, eu fiquei 10 dias e depois eu dei continuidade ao trabalho com um outro companheiro da equipe daqui do laboratório no navio [NApOC Ary Rongel], que a gente fez o retorno da Antártica para o Rio.”

“O total da equipe são 12. Mas vão só quatro. Antigamente, a gente tinha três pernas de quatro. Então iam os doze. Mas agora, inscritos mesmo são 18 e de uns quatro anos pra cá, é só numa perna, então são só quatro que vão. Ficam um mês só, no verão. A gente vai direto pra Gerlash, faz o que tem fazer e vem embora. Porque tem muito mais projeto no navio, o que limitou.”

As equipes de trabalho muitas vezes interagem somente no trabalho. A Praça d'Armas é o local onde ocorre toda a convivência social do navio. Mas a convivência com a tripulação fica limitada à interação dos pesquisadores com os oficiais, já que raramente podem interagir socialmente com o resto da tripulação. Essa é uma das regras que eles têm que seguir durante a viagem. Entretanto, um subgrupo de “os embarcados” burlou o conjunto de regras contidos no *Manual do pesquisador*¹⁵ e convivia com a tripulação que ficava na Coberta. Vejamos como isso ocorreu:

“Há uma interação entre os pesquisadores porque já estavam juntos no vôo de apoio e já havia um contato anterior. Mas com o pessoal do navio não tem muito contato, não. Não, eles [os pesquisadores] não se interessam... [porque] ficam um tempo curto, mas mesmo quem fica no navio muito tempo, o contato maior ocorre com os oficiais. Eles não se interessam de ir à Coberta... ou ir à cozinha... O próprio coordenador de embarcados fala: ‘Ah não é bom vocês andarem por tudo quanto é lugar!’ Eu deletei isso do meu limite, né! Eu não consigo só ficar só com eles [os pesquisadores].”

“Porque eles [a tripulação] ficavam mais na parte dos praças e os pesquisadores na parte mais inferior do navio onde ficavam os oficiais. Então, os momentos que a gente tinha de interação eram mais reduzidos do que na Estação, a gente se via menos; de vez em quando é que a gente descia para almoçar com eles, ali eram bem menos, mesmo”.

Nos dois relatos acima, podemos identificar dois tipos diferentes de interação intergrupar, o primeiro subgrupo burla as regras buscando outro tipo de interação e passa a conviver na Coberta com os cabos e sargentos, expressando maior liberdade de ação no sentido de transpor as regras e a hierarquia militar. Provavelmente, esse subgrupo usa sua parte de refinamento para buscar satisfazer suas necessidades de interação mais afetiva. Embora o Treinamento Pré-Antártico – TPA tenha como objetivo a fusão relacional dessas duas culturas, as regras internas do navio impõem, ao mesmo tempo, atitudes e regras de divisão. O subgrupo acima relata que tem que romper com essas regras, talvez hierárquicas, para interagir com o outro escalão do

¹⁵ O *Manual do pesquisador* foi idealizado em 1983, por um comandante da Marinha com a contribuição de todos os integrantes do SECIRM nessa época. Ele consiste em conjunto de regras a serem seguidas pelas diferentes equipes, desde o Brasil até os trabalhos de campo na Antártica (MARTINS, 1998:40).

grupo base ou tripulação. O segundo se coloca dentro das regras estabelecidas e apresenta desinteresse pela tripulação – que, para muitos, é composta por seres invisíveis. Provavelmente seu convívio foi somente com os oficiais do grupo base.

2.5.1 A cultura de grupo em Bion

Quanto à cultura de grupo, Bion (1975) didaticamente emprega três conceitos para compreender essa dinâmica: a mentalidade de grupo, a cultura de grupo e o indivíduo. São linguagens do grupo, que podemos comparar ao que Bion considera como uma maquinaria de intercomunicações, construída para garantir seu funcionamento de acordo com as suposições básicas (sistemas de defesa e obstrução). A partir de observações do funcionamento de seus grupos, Bion constatou que emergiam certas qualidades emocionais em atitudes e comportamentos dos indivíduos, que atrapalhavam a compreensão teórica do grupo de trabalho. Dentro dos padrões de comportamento que o grupo apresentava alguns deles chamaram sua atenção porque eles ocorriam com uma certa frequência. Um, em particular, chamou-lhe a atenção: o envolvimento de dois indivíduos do grupo em uma discussão e o grupo passivamente aguardando em silêncio. O grupo em silêncio observando a discussão, foi o que mais o surpreendeu, porque contradizia a típica impaciência do neurótico com qualquer coisa que não seja centralizada em seu problema. Essa dinâmica encenada pelo grupo recebeu o nome de *suposição básica de acasalamento*.

Ela é, para Bion (ibid), sustentada tanto pelo grupo como pelo par em discussão – ele interpretou, o grupo como se seus componentes estivessem interessados e, até mesmo, na expectativa de uma relação sexual e o grupo teria a função de cúmplice. Nessa primeira leitura do acontecimento, o autor conclui que, qualquer que seja o teor da discussão, e mesmo que não seja conscientemente objetivado sobre uma relação sexual, o par constitui o porta-sintoma na encenação de um conflito. Atender ao grupo como um todo ou manter o relacionamento do par, talvez seja a expectativa imaginária, do grupo, de que dali possa nascer um salvador, um messias. Nesse momento, o grupo reproduz imaginariamente o complexo de Édipo Freudiano, e Bion (ibid) conclui que o sexo passa a ocupar uma posição central na fantasia do grupo, constituindo assim a *suposição básica do par*.

Se existe a suposição básica sobre o par e os integrantes do grupo se reúnem para propósitos sexuais, Bion (1975) então levanta um questionamento: haverá uma suposição básica sobre pessoas que se reúnem num grupo? Nesse sentido, a

suposição básica é que as pessoas reúnem-se para fins de preservação do grupo. Entretanto, existe uma contradição nessa suposição básica, pois o grupo parece não demonstrar interesse em tornar o próprio grupo digno de ser preservado, já que ele se nega a encarar a discussão mais temida que é a da sua desintegração. Para Bion, os indivíduos do grupo ficam dominados pela sensação de que a adesão ao grupo é um fim em si mesmo e daí utilizam duas técnicas conhecidas de preservação do grupo, a luta e a fuga – o que Bion (ibid) chama de *suposição básica de luta e fuga*.

Surge uma outra dinâmica no comportamento do grupo, quando ele está muito envolvido com uma suposição básica e não consegue se dedicar a outras atividades. Bion, então, introduz a idéia de que o grupo aparentemente acredita reunir-se para a sua preservação, mas, na realidade, sua proposta inconsciente é de luta e fuga. Sua hipótese é que, quando o grupo se mostra intolerante com outras atividades que não as formas de luta e fuga, ele tolera a formação de pares, porque a reprodução tem o mesmo papel que luta-fuga na preservação de um grupo. E ele se transforma em um grupo reunido para fins de acasalamento – a *suposição básica de acasalamento*.

Nesse processo de encenações, a mentalidade de grupo constitui a expressão unânime da vontade do grupo, e para essa vontade o indivíduo contribui através de maneiras das quais não se dá conta. Constituindo a cultura de grupo que, em Bion (1975), “é uma função do conflito [ou inter-jogo] existente entre os desejos do indivíduo e a mentalidade de grupo” (pg.56).

A cultura de um dos subgrupos dá-se na questão família e porque exige dele um grande esforço emocional, tanto referente ao grupo familiar, como ao seu grupo de trabalho. Perguntando se o entusiasmo para fazer pesquisa na Antártica altera-se com as negociações inerentes às instituições (família, fomentadoras de pesquisa), o subgrupo nos respondeu:

“Não, eu acho que é a vida do pesquisador em geral, mesmo... Quase todos têm que viajar pra algum [lugar]. Não dá para ficar só em um lugar, não é? Vai atrás de mais conhecimento e tudo. Então... Agora, nessa área acaba viajando mais, porque [trabalhar com] o oceano normalmente você viaja mais do que um que não tem, como [por exemplo] o psicólogo, no caso não viaja tanto para fazer a pesquisa como o pessoal que está ligado à Biologia e à Oceanografia, em geral”.

“A primeira vez que eu fui à Antártica eu fiquei um mês. Cheguei [de lá], eu fiquei uma semana em casa, embarquei num outro navio, aqui na costa do Rio de Janeiro mais 15 dias, aí, depois é que eu fui para casa. Aí, no mesmo ano, eu fiquei mais 15 dias embarcado no meio do ano. Só tem uma coisa que impede de um pesquisador que vai à Antártica de ir, é se ele tiver algo muito mais importante que ele não possa adiar e tem que ficar aqui. Aí, não tem jeito, senão vai, na hora de ir, vai”.

“[Ir] De 6 em 6 meses é pesado. Em outubro eu vou ter que ir, eu estou esperando um equipamento novo. Se esse equipamento não chegar, talvez eu, talvez não vá em outubro, aí só em janeiro. Se ele chegar, obrigatoriamente eu tenho que ir em outubro e tenho que ir em janeiro. Em janeiro não tem jeito, mas em outubro seguinte eu espero que eu possa descansar um pouco e não ir. Eu não digo: ‘Ah, não vou mais à Antártica, vou parar de vez’. Não, mas dar um intervalo é possível. E tem que ser, tem que ter um revezamento”.

Provavelmente as instituições (a família e outras) às quais o subgrupo pertence, devem manifestar conflitos com as presenças e ausências do mesmo.

“Já estão acostumados. Não me perturba muito não, porque eu já tinha essa meta, a minha meta era essa e, quando eu me casei, a minha mulher já sabia que eu fazia isso e ela consegue absorver isso muito bem. Eu saio, ela sabe que eu tenho que ir mesmo...”.

Nesse caso, pesquisador utiliza a atividade mental de refinamento na conformidade e na aceitação da situação, como linguagens de supostas soluções. A utilização da *suposição básica de dependência*, cuja característica é fazer a exaltação de uma pessoa, como o chefe, de um subgrupo ou de um ideal ou uma idéia de grandes mudanças pode também ser um recurso paliativo.

2.5.2 A cultura de intergrupos

Os instrumentos de trabalho, os hábitos do cotidiano, a alimentação, as regras de conduta e as regras de comportamento social compõem, também, o que Malinowski (1960) chama de contexto geral do comportamento humano na cultura. Nos relatos de todos os entrevistados observamos questões referentes às normas e

regras de convivência do navio. São limitações que, para uns, chegam a ser insuportáveis e, para outros, nem tanto. É importante discutir questões culturais da interação intergrupar em se tratando de duas culturas diferentes, a militar e a civil e interagindo em situação de confinamento. A reflexão do subgrupo nos dá uma idéia clara de como esse tipo de ambiente pode gerar mudanças no indivíduo imerso no social.

“Mas eu nunca tive problema nenhum. Em três meses nunca tive problema nenhum. Gosto muito de ficar no navio. Nunca vi briga, todo tempo... nem entre os pesquisadores. Eu vi discussão, coisa assim, mas nunca vi nada sério. Porque ao mesmo tempo em que é mais difícil de você lidar porque as pessoas ficam confinadas, também aprende que você tem que ser mais paciente... Maturidade né, que ninguém ali é menino, né!. Então eu acho que quando você fala, que é complicado! Complicado quando geralmente você é imaturo, fica confinado e começa a perder a paciência fácil. Ao mesmo tempo que você perde a paciência fácil, você pensa: aqui as pessoas são diferentes e eu tenho que agir diferente”.

A situação de confinamento já é, por si só, passível de conflitos, entretanto, não descartamos a soma de outros elementos que vão contribuir para o aumento do nível de tensão entre os grupos, o que Bion (1975) considera no campo emocional, o conflito entre os desejos do indivíduo e a mentalidade de grupo.

2.5.3 A hierarquia

A mentalidade de um grupo militar, a Marinha neste estudo, é construída na ideologia da hierarquia. Hierarquia vem do grego *hieros* que significa sagrado e *arquia* que é ser chefe – *comando sagrado* (MALTEZ)¹⁶. Para o professor de Direito Administrativo Leandro Cadenas¹⁷ hierarquia é a relação de coordenação e subordinação; do subordinado há o dever de obediência.

Na carreira militar a disciplina, a ideologia central e operante e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida. Isso significa que o relaxamento da hierarquia entre os militares que vão à Antártica deve ser parcial e

¹⁶Consulta em José Adelino Maltez , Internet <http://maltez.info>. Acessado dia 10/04/2008.

¹⁷ Consulta Internet www.algosobre.com.br/direito-administrativo/principio-da-hierarquia.html. Acessado em 10/04/2008.

depende do local onde atuam. Por exemplo, a hierarquia militar na Estação Ferraz pode ser mais diluída que no navio, onde a tripulação é constituída de 64 militares, formando o grupo base. Então, a disciplina deve ser militar e a cultura das hierarquias impõe-se.

O grupo base ou tripulação do navio NApOC Ary Rongel permanece na Antártica por um período de seis meses, suprindo a logística para os projetos dos pesquisadores. Além do estresse desses seis meses praticamente confinados, também existem as compensações, pois ir para a Antártica na carreira militar é como um prêmio. O relato do subgrupo nos mostra o contexto desse grupo virtual.

“Os militares que estão ali [na Antártica] são mais velhos... ganharam o prêmio Antártico pra eles. São pessoas que têm muitas horas de navio! Muitos dias de navio. Tem gente que tem mais que duas voltas ao Ártico...”

“Todos da Marinha vão pra lá como um prêmio porque eles ganham bem. Ganham diferentes. Eles são chamados cinco estrelas. Mesmo os oficiais mais novos têm que estar bem na carreira pra ir, pra ser chamado... Então entre eles é difícil você ver qualquer coisa assim, de eles não conseguirem conviver muito, porque estão acostumados. Entre os oficiais um pouco mais, é assim um pouco diferente, porque tem a hierarquia, né!”

Entretanto, o grupo de pesquisadores no navio é bem menor, no máximo 27, sendo que entre eles estão os grupos que acampam e aqueles que fazem a pesquisa no navio. O NApOC Ary Rongel é equipado de laboratório para as pesquisas oceanográficas, de cetáceos e outras que não temos informação. Seus camarotes possuem seis ou quatro beliches do estilo ‘gaveta’ – um pesadelo para alguns pesquisadores, que se sentem muito desconfortáveis, claustrofóbicos e com muita dificuldade de dormir. Alguns relatos do grupo dão-nos a noção dessa realidade.

“O camarote para você ficar em pé tem um espaço que é mais ou menos isso aqui. Isso aqui [um espaço de uns 60 cm], o resto é cama. Até para trocar roupa... [fica difícil]. Esse ano foi um horror! Sabe por quê? Para usar o banheiro, você acorda de manhã louco para ir ao banheiro e tem 3, 4 na sua frente pra tomar banho. E não tinha outro banheiro, porque fizeram as contas erradas, por causa das mulheres. Teria que ser de 6 para que todas elas

ficassem num camarote e utilizassem um banheiro. Mas erraram as contas e tinha 7 mulheres que usaram dois camarotes de quatro camas”.

Todavia, os pesquisadores civis e defensores de liberdades, como conhecimento, ação, expressão, vivendo temporariamente dentro de um contexto social militarizado, formam com os militares dois grupos opostos. Para alguns do grupo “os embarcados”, como seres civis, a hierarquia não faz muito sentido. Na verdade, em um ambiente de pesquisa multidisciplinar como o da Antártica, a distância ou assimetria entre professor e aluno desaparece e a tendência é que o grupo ou grupos desenvolvam relações de grande camaradagem.

2. 5.4 Conflitos intergrupais

Onde há grupos humanos com culturas e ideologias diferentes, existe um campo provável de conflitos. Alguns fatores contribuem, na interação intragrupal e intergrupala, para gerar conflitos. A comunicação deficiente pode ser um dos fatores geradores de conflito nos processos interacionais. Principalmente em contexto hierarquizado, no qual prevalece uma comunicação culturalmente construída entre seus pares, criando assim, as comunicações tendenciosas, seletivas, truncadas o que dificulta as interações intergrupais mais eficazes. Os modos de relação apresentam configurações particulares de comunicação e quaisquer deficiências nelas provocam perturbações nos relacionamentos profissionais, familiares, de amizade (FOULKES e ANTHONY, 1965). É através da comunicação verbal e gestual que são ‘transportados’ os fenômenos das inter-relações e de interações constituindo, portanto, as transferências laterais nos grupos (BÉJARANO, 1978) e na vida cotidiana.

Pode-se considerar toda a população do NApOC Ary Rongel como um grande grupo, composto por diversos pequenos grupos, os militares e os civis e, ainda, por inúmeros subgrupos como as equipes de trabalho, os clubinhos de amigos, as tribos, os pares e os indivíduos. As comunicações verbais, gestuais e dos afetos atravessam essa complicada rede multidimensional de relações e relacionamentos grupais, o que pode nos confundir, se olhamos para ela como um mosaico de interações individuais (FOULKES e ANTHONY, 1965).

(1973), Certamente quem recebe a comunicação, seja um grupo ou um indivíduo, a compreenderá a partir de seu próprio contexto e mecanismos cognitivos e emocionais. Béjarano (ibid) compreende esses mecanismos como parte essencial do processo de transferências laterais dos integrantes do grupo entre si e com o líder. A produção dos conflitos insere-se nos aspectos subjetivos ou objetivos das experiências. Por exemplo, no relato abaixo ocorre um conflito intergrupual, isto é, entre o grupo e o líder funcional do navio.

“O que foi reclamado, que não foi por mim, mas que eu achava certo, era o uso dos computadores na Praça d’Armas. Proibiram literalmente, não pode usar. Mas se não pode, você tem que ir para o laboratório para usá-lo. São 70 metros descendo e subindo escada e não tem banheiro. Então você quer digitar um relatório, você tem que transportar até o final do navio, descer e subir um monte de escada para um lugar que não tem o menor conforto para você se concentrar. Então esse ano: ‘Ah, não, então vamos liberar o uso do laptop entre as refeições’. Aí, você vai e utiliza. Quando você está acabando tem que parar, porque não tem um lugar para você fazer isso aí”.

O grupo decide achar uma solução para o conflito, reivindicando um contêiner que vai ser colocado no porão do navio para o grupo em questão. Além de escritório, será também um espaço de privacidade para eles, como se fosse sua ‘casa’.

“É muito ruim isso aí. Por isso decidimos botar o contêiner no escritório. Porque aí ele vai colocar um sofá para você sentar e relaxar”.

“Porque também é aquela coisa, você está no sistema militar, você não pode... Está correto, mas você não pode ir de sandália de dedos à Praça d’Armas, você não pode deitar no sofá, é correto. Não pode. Nós estamos em grupo, você não está na sua casa, mas, às vezes, você quer relaxar um pouquinho, quer relaxar realmente.. Botar o pé em cima da mesa assim, sabe? Está há um mês lá, e coisa e tal, e conversar. E aí você não, você tem

que estar sempre de tênis, sempre fechado e sempre com uma postura, não sei o que...”

“Então um contêiner com sofá para você botar o pé sem se preocupar se o oficial vai entrar e vai te olhar de cara feia, ou se, de repente, o comandante vai chegar e vai começar: ‘Oh, o pessoal está assim, o pessoal está assado’. Você pode deixar até uma sandália de dedo lá dentro do contêiner para você tirar a bota, colocar sandália de dedo, ficar lá, esticar os dedos, uma coisa assim, porque a gente só pode fazer isso dentro do camarote. O camarote para você ficar em pé tem um espaço que é mais ou menos isso aqui. Isso aqui [um espaço de uns 60 cm], o resto é cama”.

Também ocorrem conflitos nas equipes por uma questão de comunicação; o relato do subgrupo em seguida ilustra como aconteceu.

“Eu tive uma dificuldade de relacionamento com o meu colega [equipe] e aí foi muito difícil, eu fiquei muito triste. Nessa noite, eu fiquei no quarto, lá no camarote, sozinha... No navio. E foi por uma besteira, sabe? E aí ele fez comentários de alguma forma que eu não achei legal. Aí eu fui, falei com ele que eu não achei legal... mas de qualquer forma eu fiquei muito chateada. E aí quebrou o clima, né? Aí, eu ficava receosa. Que eram coisas assim: que a gente tinha que acordar para fazer o trabalho, aí no momento em que eu dormia, que eu botava o relógio, eu levantava e ele já tinha feito, não me esperou. Sabe? E eu não sabia porque ele estava fazendo aquilo, qual era a intenção, só que outras pessoas, de outros grupos e algumas pessoas estavam percebendo que estava acontecendo e aí eu já não me preocupei tanto. Na verdade, no momento em que eu perguntei o que estava acontecendo... Ele virou e disse que era só uma preocupação comigo, ficou questionando umas coisas tipo: ‘Eu não vejo você escrevendo a sua monografia...’.”

A comunicação nesse relato é precária e os mecanismos de compreensão do subgrupo são totalmente subjetivos, indicando a existência de vários sentimentos e, entre eles, o de ser discriminada na execução da tarefa.

No Capítulo I falamos sobre a privacidade relacionada ao espaço de dormir. Aqui, a questão da privacidade surge com outro aspecto, é o relaxamento da postura corporal, que está rígida por estar sempre no social. Simbolizada no ‘tirar o sapato’, implica que dessa forma pode-se promover o conforto corporal, uma forma de relaxamento também psíquico, proporcionado pela ‘casa’ com sua família (o privado). A afetividade está na ordem do privado.

Outros aspectos relacionados ao conflito intergrupais são os estereótipos, o preconceito e a discriminação. São aspectos das atitudes e comportamentos, extensamente pesquisados pela Psicologia Social e pela Sociologia, relacionados às percepções intergrupais, às avaliações intergrupais e aos comportamentos intergrupais e suas complexas relações (DAVIES, 1996).

Segundo Martin Davies (ibid), os estereótipos são crenças, atitudes e sentimentos de um grupo ou um indivíduo em reação a outro grupo social. Essas reações podem estar relacionadas à idade, ao sexo, à raça, à ocupação, à atração física e assim por diante. O preconceito é a tendência de prejudicar, positiva ou negativamente, os membros de um grupo social em termos de sentimentos e reações emocionais. E a discriminação, tendência em agir preconceituosamente, demonstrando comportamentos negativos com relação a outros membros de um grupo. Na verdade, todos eles são formas e processos de excluir o outro ou outros. Muitas vezes, a hierarquização está carregada de discriminação. Em muitos relatos pode-se identificar alguns desses aspectos de comportamentos e atitudes de um grupo com relação ao outro. Pretendemos mostrar aqui somente os relatos que demonstram esses aspectos de forma explícita.

“Depois de já ser doutor e de ser o representante de uma área muito importante, os militares também levam isso em consideração. Embora todos tenhamos teoricamente a mesma patente, os que são doutores... Até eles brincam: ‘Ah não é doutor, não vou nem falar!’ Brincam assim, mas eu

nunca vi ninguém rejeitado por ninguém, pelo menos dentro do grupo de pesquisa. Nunca vi.

Nesse relato observamos dois processos de relacionamento intergrupal, um é o fato de o subgrupo assumir seu título de forma hierárquica, talvez utilizando um estilo de linguagem semelhante ao outro que sente fazer a discriminação; tentando dessa maneira resolver alguma temática com relação à aceitação por parte do grupo virtual. A outra é o uso da brincadeira pelo grupo virtual, como disfarce a uma atitude de discriminação. O escritor Anton Tchekov ensina que o trágico e o cômico são apenas duas janelas diferentes. Freud (1978) define a piada como sendo a habilidade de encontrar semelhança nas coisas diferentes, ou seja, as semelhanças escondidas. Parafraseando Abrão Slavutzky¹⁸ “O humor não reconhece heróis; diverte-se em decompor, mesmo quando não seja um divertimento agradável. Parte do sentido em busca do *nonsense*, ao contrário da interpretação que parte do *nonsense*, para buscar um sentido”.

O preconceito na função de atacar-excluir, enquanto um processo intermediário, é compreendido por Käes (1997), como um processo de passagem de um elemento a outro nos espaços intra e intersíquicos. No relato acima, a função do preconceito implícito na linguagem do humor, é aparentemente uma forma de expor através da hierarquia (no caso o título de doutor) e tentar criar com o outro (pesquisador e professor) o pacto denegativo (KÄES, *ibid*) engendrando o subgrupo na aceitação de um grupo ideal. Assim, o grupo é reconstituído em espaço elitizado, na aristocracia (BION, 1975), impedindo o desenvolvimento do grupo. Ele, o grupo, pode paralisar nesse espaço. Há, sem dúvida, um apelo à tradição, como uma forma de resistir à mudança. Como nos explica um subgrupo de mais experiência na Antártica.

“Porque o programa antártico ele tem uma coisa que é muito legal, na minha opinião, ele funciona assim meio..., tem gente que é contra isso, mas eu não sou não - como o projeto Rondon. O projeto Rondon é um projeto que você vai no campo, mesclando professor e aluno e na Antártica tem muito isso também, tem muita gente jovem que vai com o professor mesmo”.

¹⁸ Slavutzky, A. *A piada e sua relação com o inconsciente ou a psicanálise é muito séria*. Internet: <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Slavutzky.htm>. Consulta em 14/04/2008.

2.6 Acontecimentos do navio

Não identificamos no grupo “os embarcados” lideranças, no sentido clássico. Tentando compreender o porquê disso, levantamos a hipótese de que, por ser um grupo artificial, sua dinâmica centrou-se na organização de subgrupos. Não houve coesão e ponto de contato entre os subgrupos para definir a necessidade de uma liderança. Uma outra hipótese: por ser um grupo de trabalho mais voltado para a realidade, suas técnicas tendem a ser científicas (BION, 1975). Ou, ainda, isso pode decorrer da convivência direta com um grupo da Marinha, considerado altamente organizado (FREUD, 1987; MCDOUGALL, 1920; e BION 1975), que já possui um líder funcionalmente constituído. Talvez o grupo “os embarcados” tenha adotado o líder central do grande grupo, que é o comandante embarcado.

Consideramos que determinados acontecimentos, certas atitudes dos subgrupos, talvez sejam indicadores de dinâmicas de liderança. A reivindicação do subgrupo de um contêiner para escritório dentro do navio pode ser um ato de liderança. Essa solicitação foi decorrente de alguns acontecimentos anteriormente vividos, como a instalação de câmara de vigilância no laboratório do navio por um líder do grupo virtual. O desejo concreto de maior privacidade e a possibilidade de um lugar para relaxar justificam um espaço de maior privacidade. O “*tirar o sapato*” nos dá a idéia de tirar a rigidez das atitudes e comportamentos sociais existentes no navio, bem como buscar, no relaxamento corporal, alguma coisa perto do aconchego de sua casa – a casa do grupo. Até porque, para Reich (1994), o corpo é a casa do sujeito.

O fato de um subgrupo burlar as regras de conduta estabelecidas pelo comandante embarcado pode ser uma forma de liderança. A interação com o grupo da Coberta pode ser outra forma de o grupo empenhar-se num comportamento de liderança. Bion (ibid) sugere que quando o grupo se empenha em apoiar, aplacar, lisonjear está buscando uma relação exclusiva com um líder que, muitas vezes, é o mais fraco do grupo. Muitas vezes, como já foi falado anteriormente, o ato heróico (JUNG, 1964) pode trazer implícito uma fragilidade ocasional de um líder. O subgrupo deu apoio a um amigo seu da Coberta, cuja mulher sofreu a interrupção de uma gravidez tão esperada. O relato abaixo nos trás essa idéia de liderança.

“Eu e o Comandante ficamos consolando ele por um dia, dois dias, três dias... a gente ia pra Ushuaia. Logo a gente ia pra Argentina. Então a gente fez uma vaquinha ali e a gente trouxe a mulher dele. A gente pagou uma passagem pra Ushuaia. Eu paguei... eu dividi com um oficial a passagem aérea e os outros oficiais pagaram a estadia deles em Ushuaia e ela veio pra ficar um tempo com ele. Para minimizar um pouco a dor dele, da perda do filho. Isso acontece muito lá embaixo”.

Esse apoio ao amigo em parceria com o líder do grupo virtual sugere-nos uma co-liderança e uma certa dualidade, porque são as regras estabelecidas por esse comandante que o subgrupo normalmente burla. O subgrupo quer liderar ou ser liderado? Ou ainda, há implícito seu desejo de incluir-se no grupo virtual? O limite da observação indireta reside no fato que certas questões ficam sem respostas. Outra característica constatada no relato do grupo foi sua capacidade de dar apoio e suporte aos mais inexperientes em viagens para a Antártica.

“O fato de eu ter me relacionado bem com o outro grupo também que eram duas meninas, mas tinha uma equipe com elas – então, enquanto estávamos todas no navio, eu me relacionava muito bem com as outras pessoas. Então, não tinha mais essa questão de desconhecido total, eu já estava mais adaptada, mais adequada, já conhecia as pessoas melhor. Então, eu já me sentia mais à vontade, mais protegida por outras pessoas também”.

Na maior parte das atividades humanas, um grupo reúne-se com uma tarefa específica que é a cooperação (BION, 1975). No sentido de uma co-operação, um fazer, constituir a ação (drama), nesse sentido constitui a cena e o cenário com a técnica.

A cooperação e o apoio são comportamentos altamente desenvolvidos nos grupos que vão à Antártica. Talvez seja o contato com esse lado humano que promova o vínculo forte com o lugar e entre as pessoas, construindo uma identidade antártica. Essa identidade se expressou na volta, quando o grupo de pesquisadores com a participação do pessoal da Marinha organizou o *Clube do Gelo*. É uma comunidade de pesquisa, cujos integrantes se consideram também como uma ‘tribo’.

Os pesquisadores sentem-se reconhecidos e identificados como o ‘pesquisador antártico’.

De certa forma, o grupo permanece ao longo do tempo, quando se torna organizado (MCDUGALL, 1920), quando ele atinge a estrutura de grupo de trabalho. Nas palavras de Bion (1975) “Isto me convence de que, com o grupo organizado, McDougall está descrevendo aquilo que chamo de grupo de trabalho” (p.159). Nesse sentido de organização, compreendemos as cooperações científicas entre os vários pequenos grupos que se encontram na Antártica, criando laços de amizade e de cooperação profissional que fortalecem a identidade daqueles que lá trabalham. É o que afirma o subgrupo

“Na verdade, as pessoas que trabalham lá têm um cartão de visita, que é a própria Antártica”.

Clamor do tempo

Silêncio ensurdecedor...
Posso ter minha voz?
Sons do vento gelado,
que varre o continente.

Constatação que estamos sós...
Na vastidão, como o infinito...

Ártico... Antártica...
Botaram uma fita métrica,
Para medir o caminho...
Onde se encontram...?

Há um diálogo entre os extremos
O vento carrega o sussurro...
No mar derivam os barcos,
e as almas dos grandes exploradores.

O gelo congela...
Guarda... mantém a vida
E a mata.

Geny Cobra
Parque Laje,
03/01/08

CAPÍTULO III

“Os grupos da Estação Ferraz”

3.1 A Estação Antártica Comandante Ferraz – EACF

Finalmente chegamos à Estação Ferraz, assim chamada pelos pesquisadores. O pessoal da Marinha geralmente se refere a ela como EACF ou, simplesmente,

Ferraz (MARTINS, 1998; SECIRM, 1998). Desde o ano de 1975, quando o Brasil aderiu ao Tratado Antártico, a idéia de assentar uma estação de pesquisa na Antártida estava em fermentação. Embora pressionado pela comunidade internacional para estabelecê-la, o Brasil somente deu esse passo quando o governo encarregou, em 1982, a Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) da Marinha do Brasil, de elaborar e implementar o Programa Antártico (PROANTAR).

Outro sucesso que o Brasil obteve em 1984, foi ser aceito como membro pleno do Comitê Científico sobre Pesquisa Antártica, a sigla em inglês é SCAR, órgão internacional que promove e coordena a ciência antártica. Assim, o Brasil tornou-se integrante de um seletivo grupo de 27 países que decide sobre as atividades e futuro da Antártida (CNPq¹⁹).

Foi na Operação Antártica II que o Navio Oceanográfico - NApOc Barão de Teffé - partiu em direção à Antártica levando a infra-estrutura necessária para assentar a estação brasileira na baía do Almirantado, Ilha Rei George, Arquipélago Shetlands do Sul (MARTINS, 1998; CAPOZOLI, 1995). Conta Martins em seu livro, já por nós citado, a ‘saga’ da construção da Estação realizada em apenas nove meses. Após a superação de inúmeros obstáculos foi inaugurada, em 6 de fevereiro de 1984, a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF)²⁰. O primeiro chefe empossado foi o próprio Edson Martins, então Capitão-de-Corveta Fuzileiro Naval. Nesse período a Estação era constituída de apenas oito módulos e abrigou, por mais de um mês, doze brasileiros que realizaram as primeiras pesquisas científicas. Entretanto, a primeira invernação ocorreu dois anos depois, em 1986.

A ilha Rei George foi descoberta em 1820, sendo a principal do arquipélago das Shetlands do Sul. Forma um conjunto separado da Península Antártica pelo estreito de Bransfield. Com uma superfície de 1338 quilômetros quadrados, a ilha tem apenas 25 quilômetros quadrados livre do gelo (CAPOZOLI, 1995).

Suas montanhas atingem a altitude máxima de 575 metros acima do nível do mar. A ilha Rei George tem condições ambientais amenas, se comparada com maiores latitudes antárticas. No inverno, a temperatura fica em torno de -5°C e no verão sobe para $0,8^{\circ}\text{C}$. Ela possui duas estações, o verão e o inverno. O verão começa em dezembro e termina em março, tendo como característica dias longos; o

¹⁹ Consulta na Internet ao PROANTAR Atividade Científicas-CNPq. www.cnpq.br. Acessado em 19/04/2008.

²⁰ O nome da Estação Brasileira é uma homenagem ao Capitão-de-Fragata Luiz Antonio de Carvalho Ferraz, maranhense de nascimento, aperfeiçoado em Hidrografia, Bacharel e Mestre em Ciências, com especialização em Oceanografia no Naval Postgraduate School, Monterrey, USA (CIRM, 1998).

mais longo é em dezembro, com duração de 20 horas. O inverno começa em torno de abril e, entre 21 e 22 de junho, acontece a noite mais longa, que também dura perto de 20 horas. Embora apresente temperatura amena e um bom índice de umidade do ar, por influência do mar, é uma ilha de ventos fortes e constantes.

Hoje, a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) conta com 63 módulos, compreendendo laboratórios, oficinas, enfermaria, lavanderia, cozinha, sala de estar, sala de vídeo, biblioteca, sala de informática e comunicação, camarotes, uma sala de ginástica e um heliponto. A estação pode acomodar 55 pessoas: 34 pesquisadores, 12 ou mais funcionários de manutenção e responsáveis por sua operação, 10 militares da Marinha do Brasil, incluindo nesse grupo os dois alpinistas e pilotos. Possui facilidades disponíveis para pesquisa: laboratórios de Biologia, módulos de Aquários, módulos de Meteorologia, módulo de Ionosfera, módulo de Química, módulo de Triagem e microcomputadores com acesso à Internet. Os refúgios são quatro: um, na ilha Nelson Astrônomo Cruls; dois, na ilha Elefante Emilio Goeldi e Engenheiro Wiltgen e ainda um outro, na ilha Rei George

Padre Rambo. Os refúgios podem abrigar até 6 pesquisadores trabalhando por um período de até 40 dias no verão (CIRM, 2004-2005). Os refúgios são abrigos colocados em pontos estratégicos em áreas de interesse para pesquisa e podem ser usados por qualquer pessoa. Em geral, são contêineres montados com coisas de primeira necessidade: cama, fogareiro, aquecimento, alimentos não perecíveis; alguns possuem livros deixados por seus visitantes, e podem abrigar de quatro a seis pessoas, dependendo de seu tamanho interno.

A Estação Antártica Comandante Ferraz foi construída dentro dos padrões internacionais de proteção e preservação ambiental e sua manutenção é exemplar. A queima de lixo é realizada, semanalmente, em incinerador dotado de filtro antipolvente, com monitoramento constante da emissão de gases. O lixo orgânico e o inorgânico são embalados e transportados para o Brasil. A limpeza de resíduos nas imediações da Estação Ferraz, chamada de “Operação Pente Fino”, é regularmente realizada com a participação de pesquisadores, técnicos e militares (CIRM, idem).

3.2. Os grupos da Estação Ferraz

Hoje a Estação Antártica Comandante Ferraz, EACF com a ampliação desses últimos anos, possui 63 módulos, podendo acomodar um Grupo de Apoio (Grupo Base) de 10 militares pelo período de 12 meses, 34 pesquisadores no verão e sete pesquisadores no inverno (CIRM,1999-2000). No verão, geralmente vão dois grupos de 34 pesquisadores, sendo que cada grupo permanece na Estação Ferraz por um período de 45 ou 50 dias.

Todo e qualquer transporte é feito por mar ou por ar. Por mar, o transporte de longa distância, do Brasil até a Antártica, seja de pessoas ou de suprimentos, é realizado pelo NApOC Ary Rongel, que sai do Rio de Janeiro no mês de outubro e retorna em março, passando o período do verão na Antártica (CIRM, 2004-2005). Dois helicópteros leves, modelo Esquilo, da Marinha do Brasil, operam permanentemente a bordo do navio, provendo apoio logístico para a Estação Ferraz.

Por ar, o transporte de longa distância, do Brasil à Antártica, é feito nos aviões C-130 Hércules, da Força Aérea Brasileira, que saem da Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro e aterrissam na Base Aérea Chilena Presidente Eduardo Frei, na ilha Rei George (CIRM, 2004-2005). No verão os pesquisadores ao chegarem na Base Frei, embarcam no navio Ary Rongel que os leva para a Estação Ferraz. No inverno, eles vão da Base Frei para a Estação Ferraz em helicóptero chileno. Atualmente, existem sete vôos do Hércules, dois em dezembro, um em janeiro, um em fevereiro ou março, um em maio, um em julho e um em setembro (CIRM, idem). Esse novo calendário de vôos é uma melhora significativa no processo de abastecimento da estação, de comunicação e uma forma de amenizar o isolamento da mesma.

O transporte de terra na Antártica usados pelos pesquisadores e pelo grupo base são as motos de neve. As motos com reboque e os tratores são usados no transporte de material que descem do navio para a estação, no recolhimento dos barcos, na circulação entre os refúgios e a estação e para coletar material de pesquisa. Os veículos são: lancha de pesquisa Skua, carregadeira Bobcat, guindaste, empilhadeira manual elétrico-hidráulica, guindaste hidráulico, duas motos com reboque, quatro motos Honda e algumas motos de neve de diferentes modelos.

A Estação Ferraz abriga, ao longo do ano, dois grupos diferentes: o grupo de pesquisadores e o grupo base e o grupo do arsenal e os alpinistas. Nosso objeto de estudo é o grupo de pesquisadores, porém o grupo base, na medida em que é personagem de certa relevância nas dinâmicas e processos interacionais e relacionais com o grupo de pesquisadores, impõe-nos sua presença, o que nos levou a avaliar seu

papel, mesmo que virtual, na vida da Estação Ferraz. Como o viver em circunstâncias de isolamento e confinamento favorece o entrelaçamento e grande proximidade entre os dois grupos, decidimos considerar o grupo base como um *grupo virtual*. Virtual porque não entrevistamos nenhum integrante do mesmo e, assim, as informações referentes a ele foram-nos fornecidas pelo grupo de pesquisadores ou por pesquisa em fontes oficiais. O grupo do arsenal, raramente mencionado pelos pesquisadores, nos dá a impressão de serem tão invisíveis como a tripulação do NApOC Ary Rongel. Em seguida, vamos descrever os grupos separadamente.

3.3 O Grupo Base

A Marinha do Brasil sedia a Secretaria da Comissão Interministerial para Recursos do Mar (SECIRM), que gerencia o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), planeja as Operações Antárticas e financia o segmento logístico do Programa, mantendo a Estação Ferraz, os refúgios e os acampamentos, além da Estação de Apoio Antártico, na Fundação Universidade do Rio Grande (CIRM, 1999). A Marinha tornou-se elemento chave para toda e qualquer ação na Estação Ferraz. Por consequência, o grupo base desempenha papel fundamental nos programas de pesquisas e, particularmente, na dinâmica e atividades de coleta dos pesquisadores na Antártica.

Cada Programa de Operação, mobiliza o navio NApOc Ary Rongel, sendo sua tripulação considerada pelos pesquisadores como o grupo base do navio. O grupo base da estação é independente daquele do navio e é composto por 10 profissionais da Marinha com as seguintes funções: os oficiais são três: o Chefe, o Sub-chefe e o médico ou médica. E ainda 7 encarregados: o de eletricidade, o de motores e lancha, o de eletrônica, o de comunicações, o de viaturas e tratorista, o de embarcações e o cozinheiro (CIRM, 2004-2005). Há ainda dois alpinistas. Os sete encarregados são chamados pelos pesquisadores de ‘o pessoal do arsenal’. Na visão dos pesquisadores, o comportamento do grupo base da Estação é menos militar que o do navio.

Diferente do grupo base ou de apoio do navio, que fica na Antártica por um período de seis meses, o da Estação permanece lá o ano inteiro, sendo formado por indivíduos selecionados e com treinamento especial na própria Marinha. Todos recebem remuneração especial para trabalhar na Antártica.

O Chefe da Estação tem a função de líder formal e funcional para todos os indivíduos sediados na Estação Ferraz. Sua liderança vai desde tomar todas as

decisões sobre a administração e funcionamento da Estação, como também prover toda a logística necessária para a realização das pesquisas. Sua função é complexa, pois também é responsável pelo bem-estar físico e emocional de todos os indivíduos que permanecem na estação por período longo ou curto. Somente o chefe e o subchefe e podem pilotar as lanchas de pesquisa, a Skua, e as motos de neve (CIRM, *ibid*). Segundo a informação de um pesquisador, eles também podem pilotar as motos de neve.

3.4 O grupo “os pesquisadores da estação”

O grupo “os pesquisadores da estação”, em nosso estudo, é composto por 10 pesquisadores, sendo sete homens e três mulheres. Dele, oito moram e trabalham no Rio de Janeiro e dois moram e trabalham em São Paulo. A idade média dos integrantes desse grupo é de 34 anos. Fizemos entrevista individual e face a face com oito dos pesquisadores do grupo. Os dois pesquisadores de São Paulo foram entrevistados juntos, em dupla e face a face. Dois pesquisadores desse grupo fizeram parte do grupo ‘os pesquisadores da Estação Ferraz’ e também do grupo “os acampados”. É um grupo diferente dos outros, pois dois integrantes dele participaram de um grupo de pesquisa na Estação peruana de Machu Picchu, no verão de 2007.

A característica mais marcante desse grupo é que seus integrantes possuem longa experiência em pesquisas na Antártica. Os menos experientes foram lá, pelo menos, duas vezes. Os mais experientes vão lá desde 1984, época da inauguração da Estação Ferraz e têm uma trajetória científica construída na Antártica. Nessa época, esses pesquisadores ainda estavam em projetos de iniciação científica.

O grupo “os pesquisadores da estação” trabalha no campo da biologia marinha, glaciologia, poluição atmosférica, química e ecofisiologia marinha. A interação desses campos científicos na Estação proporciona aos cientistas a oportunidade de resolver, o que muitos cientistas vivem, o isolamento científico. Por isso, o ambiente da Estação Ferraz é sempre multidisciplinar, já que lá convivem e, muitas vezes, interagem vários campos da ciência. Esse tipo de ambiente consegue produzir e aplicar, na prática, a filosofia central do Comitê Científico Internacional sobre Pesquisa Antártica – SCAR (sigla em inglês), que é desenvolver uma Ciência multi e pluridisciplinar.

O SCAR é o órgão internacional que promove as diretrizes e coordena as pesquisas praticadas em todo continente da Antártida. Ele contempla as atividades

científicas em três grandes campos: Ciências da Atmosfera, Ciências da Vida e Ciências da Terra. O grupo “os pesquisadores da estação” é composto por estudiosos desses três campos. O campo Ciências da Vida é o que tem maior representação, pois são sete os pesquisadores que trabalham nas áreas de biologia marinha, química e ecofisiologia marinha. O campo Ciências da Atmosfera é representado por um pesquisador e o Ciências da Terra por dois.

No entanto, fazer pesquisa na Antártica requer de um cientista paciência, paixão, criatividade e conhecimento científico. A ida de qualquer pesquisador passa por um complexo processo e envolve vários setores de sua vida. São questões de ordem prática, como produzir um projeto que seja aprovado pelos órgãos responsáveis pela seleção de pesquisa na Antártica – isso se situa no âmbito do conhecimento e dos interesses. E há outras questões, como criar o espaço na própria vida para afastar-se por tempo determinado ou, muitas vezes, indeterminado, devido às variáveis próprias do ambiente antártico – são fatores de âmbito pessoal, familiar, de trabalho, para citar alguns. E, por último, o pesquisador deve tomar consciência de que ficará isolado e, muitas vezes, confinado com um grupo de pessoas, algumas conhecidas e outras desconhecidas – são questões de âmbito emocional. De certa forma, as três questões estão sempre presentes para qualquer pesquisador que vai à Antártica.

O subgrupo mais experiente de Antártica relata-nos como passou verão e inverno na Estação Ferraz:

“Obviamente, algumas coisas afloram lá que você não consegue perceber aqui. Essa questão, por exemplo, da distância da família... Então, na verdade, os três primeiros meses são muito difíceis. Aí, eu já entrei numa outra fase, foi a fase de me acostumar lá como se lá fosse... a minha casa. E, na verdade, quando eu tive que voltar eu vivi uma nova insegurança, o que a gente vai encontrar... A gente vai encontrar de novo aqueles problemas, não é? Vou encontrar, porque os meus filhos pararam de conversar comigo mais ou menos em setembro, porque eles eram pequenos. E eu lá, não entendi porque eles não queriam mais conversar comigo, eu imaginei que era a dificuldade porque era rádio. Sim, era rádio, não era como hoje. E na volta quando eu perguntei: ‘Por que vocês pararam?’ ‘Ah, pai, eu imaginei que o senhor não ia voltar mais’. Então, a minha filha é que falou isso, que é a mais velha. Eu tenho três, mas o caçula eu saí tinha seis meses, eu voltei ele

estava com um ano e meio. Mas quando eu voltei, ele não me conhecia. Quando eu voltei, ele estava com um ano e meio, já andava, falava, chamava meu irmão de pai”.

O relato acima mostra-nos quanta coisa está em jogo na vida de um pesquisador do grupo. Entretanto, o grupo “os pesquisadores da estação” vai à Antártica motivado pela paixão científica e pelo seu ambiente. Esses dois fatores já são, por si sós, suficientes para transcender todas as dificuldades encontradas. Com relação a fazer ciência Ilyia Prigogine (2001) se pergunta “À primeira vista, parece que estamos tratando com um paradoxo. A ciência, por definição, não se situa além da paixão, além mesmo das necessidades mais prementes da sociedade? A ciência é a expressão de uma cultura. De qualquer forma ela se refere a um diálogo com a natureza” (p. 89). Na verdade, Prigogine admite que a palavra ‘Ciência’ só ganhou seu significado atual no século XVII e que a natureza não é um dado, mas supõe uma construção da qual fazemos parte. Então, fazer ciência é também fazer um pouco de nós mesmos? Ou, uma pesquisa de vida? Prigogine (idem) ao citar Bohr, corrobora o que pensamos: “As reflexões de Bohr mostram bem claramente sua suposição de que as questões sobre a realidade da natureza e sobre a existência humana são inseparáveis. Como podemos ficar indiferentes a problemas que envolvem nossa existência? E como podemos evitar vê-los simultaneamente com o olho da razão e o olho da paixão? (p.90)”.

Sem dúvida que viver a experiência de grupo em isolamento é uma pesquisa de si mesmo e, portanto, de vida. Parece-nos que fazer pesquisa em um ambiente isolado, como o da Antártica, requer todos esses elementos. *É um grande desafio lidar com a natureza extrema*, mas também é um desafio viver uma outra realidade psíquica manifesta nos grupos (KÄES, 1997). O subgrupo fala sobre a convivência em grupo.

“Lá na Antártica, você tem que, principalmente, ter paciência porque você tem que esperar o momento certo de sair, de fazer as coisas. Você aprende a ter tolerância na convivência com o outro... porque tem pessoas que tem personalidade mais difícil, são mais sensíveis e você tem que aprender a lidar com isso e, aí precisa de tolerância. E o outro aspecto é a persistência. Você tem que ser persistente e tem que ser perseverante pra conseguir fazer o que você precisa fazer. É o ser humano na Antártica”.

O depoimento nos remete ao ‘outro’ no grupo e ao ‘outro natureza’ extrema. Ambos estão fora de nós, entretanto provocam, impõem limites e desafiam também o dentro de nós. Segundo Valadares, em conversa de orientação, “é como se a natureza impusesse, diretamente, sem mediações, símbolos, imaginários, uma lei à cultura”.

Tal depoimento também revela como a razão não está separada da paixão, se entendermos a última como fenômenos e processos emocionais e psíquicos deflagrados na convivência de seres humanos. É o que Nietzsche (1979) avalia como “humano demasiado humano”.

3.5 Organização do grupo

Vamos dividir a apresentação e a análise do grupo em dois momentos: o grupo no verão e o grupo no inverno. Quando fizemos o primeiro levantamento dos pontos comuns e que mais se destacaram no grupo como um todo, verificamos que havia considerável diferença de organização, estrutura e dinâmica do grupo nesses dois momentos.

Nem todos os pesquisadores do grupo entrevistado já passaram o inverno todo na Antártica, alguns ficaram lá o início ou o fim do inverno. Somente dois pesquisadores do grupo fizeram a invernção completa, ficando 10 meses na Estação Ferraz, isto é, chegaram em fevereiro-março e saíram no início de dezembro. Quatro integrantes do grupo ficaram o início e o final do inverno: de fevereiro a maio e de setembro a dezembro, respectivamente. E quatro foram somente no verão.

Semelhante ao que fizemos anteriormente, a apresentação dos acontecimentos e interações do grupo chamaremos de *linguagem do grupo*. Ela abrange tanto as expressões emocionais como as ações do grupo, ou seja, suas ações emocionais. Para a análise, faremos uma certa seleção das *linguagens do grupo* ou *grupos* contidas nos relatos, de forma que possamos compreender as formas de interação, as relações intersubjetivas no grupo (intragrupal) e sua dinâmica e cultura de grupo, bem como com outros grupos (intergrupal), principalmente com o grupo base da Estação Ferraz. Para que as impressões e expressões dos relatos do grupo tenham maior destaque, vamos apresentá-las em itálico e entre aspas.

A organização e a estrutura de um grupo que, muitas vezes são expressas em ações subgrupais, são sempre compreendidas como uma linguagem do grupo total

ou, segundo Foulkes (1965), *as a whole* (como um todo). As impressões pessoais serão avaliadas como impressões do grupo, bem como cada situação vivida será compreendida como uma situação grupal. É interessante lembrar novamente que estamos estudando *sujeitos em grupo* funcionando na sua dinâmica, em muitos momentos como os *porta-vozes*, os *porta-palavras* e, em alguns casos, como os *porta-sonhos* (KÄES, 1997) e os *bodes expiatórios* (HARE, 1996).

O *porta-palavras* é aquele que fala pelo grupo, que emite o discurso do grupo; o *porta-vozes* ocupa o lugar de transmissor do desejo, da proibição e das representações emocionais e inconscientes do grupo. O grupo, do ponto de vista de sua dinâmica psíquica, ele próprio é um sonho e tem como função abrigar e fazer acontecer os sonhos de seus integrantes, assim a função do *porta-sonhos* é ser o transmissor da continuidade do tema do sonho no grupo e pelo grupo, considerando-se que a hipótese psicanalítica compreende o processo da dinâmica intragrupal ou intergrupal como os momentos em que esses fenômenos são revelados.

3.5.1 Verão austral

Supõe-se que ocorram determinadas formas de organização e de interação entre vários indivíduos reunidos em ambiente isolado. Palinkas (2003), após longa experiência em pesquisas sobre pequenos grupos na Antártica, defende a idéia de que tal ambiente de isolamento e confinamento representa um laboratório natural para se estudar o comportamento humano. Geralmente é no verão austral que um maior número de pessoas se reúne em todas as estações antárticas para realizar seus trabalhos científicos. É o que também acontece na Estação Ferraz.

O grupo “os pesquisadores da estação” geralmente viaja para a Antártica no verão, época de degelo e período propício para realizar o trabalho de coleta de material para as pesquisas. Alguns pesquisadores descem no navio NApOC Ary Rongel, que parte do Rio de Janeiro no final de outubro, chegando na Estação Ferraz em meados de novembro. Outros, nos vôos de apoio do Hércules, cujo calendário no verão é de um vôo por mês, quando saem também do Rio de Janeiro e descem na Base Chilena Frei.

A princípio, a organização dos pequenos grupos de pesquisadores que chegam na Estação é formal, porque está relacionada às equipes de trabalho. Hare (1996), em sua análise de grupos formais e informais, destaca que esses dois tipos de grupo podem coexistir no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Não devemos nos ater a

esse delineamento didático porque, na realidade, são formas de comportamento, de limites ou contornos de um grupo que ocorrem em momentos de seu funcionamento. Visto que os pesquisadores chegam na Antártica como “um conjunto de indivíduos que interagem, partilhando determinadas normas na realização de uma tarefa” (BLEGER, 1991:59) o processo de interação, como veremos mais adiante, promove o surgimento de grupos espontâneos ou informais. Bleger (idem), chama esse processo de socialização dos grupos.

Entretanto a concepção de grupo, após ter vivenciado o isolamento do ambiente antártico, requer mais predicados do que somente interagir. É como define o subgrupo abaixo:

“Um grupo só é grupo ou equipe quando há uma interação... uma interação grande [requer] alguns aspectos de comportamento que eu acho que são importantes como o respeito, a questão de tolerância, a questão de saber ouvir e saber falar. Mesmo em um grupo você tem momentos de tensão, você [tem que] saber como lidar com as situações e poder manter a harmonia do grupo. Acho que a harmonia de um grupo é importante”.

O que provoca tensão e desarmonia no grupo? Geralmente as tensões podem-se originar de causas internas e externas. Em ambiente isolado e confinado a origem da tensão interna-externa também pode estar associada às relações humanas, ou seja, do sujeito consigo mesmo, do sujeito com o grupo e de um grupo com outro grupo. Não se pode descartar que a Antártica, ambiente extremo, contribui como causa externa para aumentar a tensão nos grupos humanos (PALINKAS E BROWNER, 1991; NELSON, 1973; TAYLOR, 1987; STEEL, 2001; CAPOZOLI, 1995). O ambiente antártico, por apresentar mudanças climáticas repentinas, é considerado fonte de tensão e um *estressor* com características sazonais, no sentido dado por Palinkas (2003). Uma das razões externas é a variabilidade climática que, no verão, interfere no comportamento do grupo e principalmente na realização de coleta para as pesquisas. Como são várias equipes trabalhando ao mesmo tempo, isso exige delas uma boa dose de negociação referente à divisão dos instrumentos utilizados por todos, para que se mantenha a ‘harmonia’ do grupo. Entretanto será que ela depende somente dos fatores externos?

3.5.2 Dinâmica do grupo

A dinâmica dos grupos na Estação Ferraz processa-se no âmbito das relações intra e intergrupais e depende dos objetivos das equipes, da tolerância com relação às diferenças de cada um e, principalmente, da capacidade de suportar o isolamento e o confinamento de dias e até meses no verão e no inverno (PALINKAS et al, 1997, 1998). O subgrupo nos explica como é a interação:

“Em termos de trabalho, de amizade... porque acabam todos se envolvendo. Por causa do isolamento lá”.

O ‘todos’ inclui o grupo base da Estação. E ainda ressalta o desenvolvimento do sentimento de solidariedade e cooperação:

“Porque, na verdade, você ajuda, acaba ajudando os outros sem interesse algum nisso. Acaba ajudando porque você está ali naquele grupo e eu acho que [por isso] acaba expondo o que as pessoas têm de melhor”.

Então perguntamos: E o de pior? O subgrupo responde:

“Eu acho que esse é meio mascarado, sabia? Por incrível que pareça. Eu acho assim, as pessoas vão para lá sozinhas, mesmo não tendo grupo, a gente acaba criando uma família. A gente costuma dizer que lá não existe dinheiro, só existe amizade”.

Esse subgrupo é porta-voz de um ideal de grupo ou do que McDougall (1920) assegura ser a ‘lealdade de grupo’. A lealdade de grupo, em McDougall, é um sentimento que se desenvolve a partir de uma idéia objetiva ou não, por exemplo, a preservação do grupo, presente na mente de cada integrante e que tem o poder de criar o processo de coesão (FREUD, 1987). Esse fenômeno somente pode ser estudado em situação de grupo. Propusemos, a princípio, considerar toda linguagem do grupo como um discurso e uma ação, manifestos, os quais exprimem e escondem o discurso latente. É na diferença existente entre o discurso manifesto e o discurso latente que conseguimos reconhecer a *ação do inconsciente*. Mas a lealdade manifesta, quando pensada como oposição à deslealdade latente, pode funcionar como um mecanismo de evitação ou negação de conflitos (BÉJARANO, 1978). O

grupo, como representação da família, nos faz perguntar: quem serão os pais? A psicanálise em Käs (1978), Bion (1975) e outros teóricos reconhecem nessa, a encenação de acasalamento, representação mais freqüente que o homem deposita no grupo. O vir ‘*sozinha*’ para a Estação Ferraz pressupõe um desejo de reencontro com o grupo familiar. O grupo fechado e isolado oferece condições psicológicas para que isso ocorra no imaginário dos grupos.

Podemos também avaliá-lo na teoria de Bion (1975), para quem o grupo, no sentido de reunião de pessoas, constitui o somatório do que a personalidade de cada indivíduo contribui (valência) para a sua existência e desenvolvimento. Mas esse processo não é linear e tampouco simples, consistindo, aliás, em uma dinâmica de posicionamentos. No relato acima o subgrupo, supondo-se que esteja pressionando o grupo em direção ao desenvolvimento, e isso lhe exige lidar com os conflitos; por outro lado, ele pode também estar se opondo aos novos avanços. Nesse caso o subgrupo necessita apelar para certa lealdade de seus integrantes e de um líder de dependência²¹. E a suposição básica subjacente pressiona o grupo para obter segurança, de um indivíduo ou de um grupo, de quem depende (BION, 1975). Pode-se pensar que tal indivíduo seja o chefe da estação ou outro líder do grupo de pesquisadores. No nível da ação, seu comportamento pode ser de manipulação, manifestando uma forma de apoio ao líder de dependência ou substitutos, para, assim, tornar a adesão ao grupo sem exigência de sacrifícios.

José Bleger (1979), também psicanalista, oferece uma outra forma de compreender a organização e dinâmica do grupo. Para o autor, a existência ou identidade de um grupo é determinada, na ordem cotidiana e manifesta, pela estrutura e pelo nível de integração atingida, organizando um *Eu grupal*. *Compreendido por ele como o grau de organização, de amplitude e de integração do conjunto das manifestações na verbalização, motricidade, ação, julgamento, raciocínio, pensamento e outros*. Bleger (1979) assume que o Eu grupal seja semelhante ao eu individual e que ambos se fundem a partir de determinada dinâmica: “Mas essa individuação, essa personificação ou essa identidade que um indivíduo, ou um grupo, possui ou alcança, se funda necessariamente sobre uma determinada imobilização dos estratos sincréticos ou não discriminados da personalidade ou do grupo” (p. 60). Para Bleger, existem dois Eu, um organizado por aspectos mais integrados da

²¹ As suposições básicas de dependência, luta-fuga e acasalamento foram discutidas aqui no trabalho nas páginas nas p.34 e 109.

personalidade do grupo e o outro, que ele chama de Eu sincrético, constitui-se por aspectos recalcados e inconscientes da personalidade do grupo. Bleger considera que as crises mais profundas que um grupo atravessa são devidas à ruptura dessa clivagem e à aparição consecutiva dos níveis sincréticos. Em resumo, a leitura de Bleger é essencialmente voltada para a terapêutica. Com base nisso, ele admite que a identidade grupal decorre de dois níveis: o primeiro é aquele dado por um trabalho que é estabelecido pela tendência à integração e à interação entre as pessoas. E ao segundo ele chama de identidade grupal sincrética, que se apóia sobre uma mera socialização. A interação, para Bleger (idem), é a figura de uma *Gestalt* sobre o fundo da sociabilidade sincrética.

Queremos tecer algumas considerações com relação ao ‘Eu grupal’. Preferimos pensar a unidade grupal como uma estrutura ‘fluida’. Por fluida, compreendemos a interdependência dinâmica entre os elementos ou fenômenos do grupo que organizam percepções próprias (singulares) de sua estrutura. Nesse sentido e na concepção de Mucchielli, citado em Garcia-Roza (1974), a estrutura aplicada a fenômenos psicológicos deixa de referir a sistemas de correlações para dizer respeito a significações. Então, a unidade do grupo é uma realidade operante, cuja ação dá sentido ao que o grupo estrutura – a lealdade de grupo. Assim, a estrutura de significação, em Mucchielli, supõe e implica uma relação essencial e existencial entre o sujeito e seu universo e é uma constante dinâmica dessa relação. O significado de unidade e estrutura de um grupo, na medida em que é significação, pode migrar e ser vivido em um outro ou outros grupos. No nosso entender, são os sujeitos que deslocam as significações, organizando novas *Gestalts*.

3.5.3 O trabalho

Em tese, o verão austral vai de dezembro a março, com períodos longos de sol, mesclados por inesperadas tempestades ou, até mesmo, nevascas. São fatores do ambiente antártico que podem gerar ansiedade nas equipes de trabalho. A cooperação do grupo base é fundamental para que se alcancem os objetivos estabelecidos para cada verão.

Nos relatos dos coordenadores das equipes que chegam à Estação Ferraz, a palavra chave nas interações intra e intergrupais é negociar. Mesmo com o chefe da estação é necessário negociar, já que ele e o subchefe são os encarregados de pilotar a

Skua ou os botes que levam os pesquisadores nas coletas. O subgrupo descreve como é a interação com o ambiente antártico.

“[A gente] vai pra campo dependendo do tempo meteorológico... nas janelas de tempo bom. E lá a natureza manda, né. Às vezes, você até quer sair, mas aí o gelo acumulou tanto na praia que você não consegue sair nem de bote. É um ambiente onde realmente a natureza manda... o vento pode ser muito forte [e impede a saída]”.

Quando o grupo de pesquisadores fala em paciência, perseverança, harmonia, está se referindo às relações humanas e à relação com o ambiente antártico porque ele define se o trabalho vai ser realizado ou não.

“Lá, o tempo é tudo. Se estiver ventando, você não faz nada. Então no verão, se você perde um dia de pesquisa você fica: ‘Aí, será que vai dar tempo?’ Porque tudo é nos dias certinhos... você tem 10 saídas e tem outros grupos. Já está tudo encaixadinho, perfeito, então se você perde um dia, já era... E no inverno não. ‘Tudo bem, semana que vem vai melhorar e você vai sair’. É porque no verão tem mais gente e é mais animado. Mas no inverno eu acho que você não fica estressada. O agito, que eu digo de pessoas, é muito menor, né!”

Quando há bom tempo o grupo trabalha freneticamente por períodos de quase 24 horas, chegando ao extremo de pessoas nem dormirem ou fazerem-no por poucas horas.

A dependência do fator climático, na Antártica, é um fato novo na dinâmica de trabalho dos grupos. Entretanto, existe um paradoxo nessa relação com o tempo. Os pesquisadores vivem várias realidades na percepção do tempo. O tempo físico (meteorológico), por exemplo, estabelece seu comando “*Lá a natureza manda*”, o que gera muita pressão para atingir os objetivos das pesquisas; o tempo emocional funciona pela superposição de sentimentos, na contradição entre o sentido e o vivido, entre a presença e a ausência, entre o controlável e o incontrolável, compondo assim uma sinfonia de incertezas. O que se vive no grupo presente, nesse intervalo de tempo antártico, cuja intensidade é condizente com a intensidade do

próprio ambiente, faz oposição aos sentimentos e emoções relacionados ao grupo ausente - os que ficam no Brasil, a família, os amigos, o trabalho, os amados e amantes e todos os acontecimentos perdidos. E nessa brecha do tempo dá-se o *confinamento simbólico* (LOSICER, 2002), quando, segundo Losicer, o indivíduo conscientemente ou não, descobre que sua experiência torna-se inenarrável e assim ele sente o tempo na sua ausência. Então, ele se dá conta de que o dentro e o fora são uma realidade crucial. Por sentir essas contradições o subgrupo definiu a vida na Antártica como um ‘parêntese’.

“Você abre um parêntese na sua vida. Você entra naquela coisa e fica fechada... E as pessoas, por mais que você ligue e fale o que está acontecendo, não é a mesma coisa, o ritmo é outro. O ritmo é mais... não sei se mais devagar ou mais rápido que aqui, mas é outro ritmo. Você fala com seu pai e sua mãe, mas... não é igual! Eles não conseguem ver as coisas exatamente como você está vivendo ali. E também não adianta ficar contando algum problema que aconteceu aqui, porque a gente não vai resolver lá”.

“Como eu já vi gente lá, por exemplo, que eu acho que a coisa mais difícil, tipo estar lá isolado e acontece alguma coisa com alguém da família aqui... Já aconteceu comigo”.

O tempo físico (meteorológico) e os objetivos na produção de coleta são pressões presentes no dia a dia do grupo “os pesquisadores da estação”. As saídas a campo, em tempo bom, são aproveitadas ao máximo, implicando muitas horas de trabalho. O subgrupo nos dá uma noção dessa rotina.

“E a gente saía, ficava o dia inteiro praticamente no mar e tinha dias que a gente saía 9 horas da manhã e voltava às 7 da noite. E levava comida pra dentro do barco, da lancha, e comia, lá, sanduíche, ficava trabalhando o dia inteiro. Lavava o material dessas coletas... A gente levava numa malha pra selecionar os animais, então, quando voltávamos, a gente ficava triando... lavando o material pra condicionar em álcool, formol, essas coisas. Às vezes,

a gente entrava até na madrugada toda, acordava de manhã, no dia seguinte e...”.

3.5.4 Saúde e ambiente

Entretanto, o que nos chama atenção no relato acima é o fator descanso. Observamos nos relatos dos subgrupos de glaciologia, de biologia marinha e nos de outros grupos, um nível alto de excitação nos comportamentos relacionados à atividade física *versus* descanso. A literatura consultada em psicologia e medicina antárticas (PALINKAS, 2003; STEEL, 2001; RIVOLIER et al, 2000; BLAIR, 1991; TAYLOR, 1987) indica que mudanças no comportamento e no organismo humano podem estar relacionadas à latitude e à altitude do ambiente e, principalmente, com a extensão da luz diurna, no verão e à escuridão, no inverno. Palinkas (2003) as chama de *características sazonais*. Consistem em variações sazonais ou cíclicas, que influenciam os comportamentos, o humor e o desempenho dos exploradores na Antártica e no Ártico. Essas características, de ambientes extremos, influenciam o organismo humano tanto quanto o ambiente físico e psicossocial.

Uma das características sazonais mais comuns são perturbação do sono, depressão, hiperexcitação, irritabilidade, comportamento agressivo, dificuldade de concentração e memória, esquecimento e ocorrência de leves estados de fuga, conhecidos como “*long eye*” ou “olhar vago”, os quais são chamados de *the winter-over syndrome* (a síndrome de passagem do inverno). Tais sintomas são atribuídos ao isolamento e confinamento prolongados e característicos do inverno austral, os quais fazem parte do ambiente social da Antártica.

Entretanto, o estudo também encontrou alterações no funcionamento dos hormônios da tireóide durante o inverno, os quais estão associadas a uma sintomatologia depressiva e à perturbação do funcionamento cognitivo. Para Palinkas (2000a) essas alterações, também conhecidas por Síndrome Polar T3, mostram características semelhantes ao hipotireoidismo subclínico (SHC), com elevação do *thyrotropin-stimulating hormone* (TSH) e realçando a resposta do TSH à estimulação do *thyrotropin-releasing hormone* (TRH). Os resultados obtidos são: 1) as mudanças sazonais no funcionamento do hormônio da tireóide associado com a Síndrome Polar T3 estão significativamente associadas com a mudança de humor; 2) mudanças no hormônio da tireóide geralmente precedem as mudanças de humor, mais do que o

contrário; 3) a suplementação de tiroxina consiste uma intervenção potencial para melhorar o humor e o bem-estar durante o período de residência na Antártica; 4) as duas síndromes subclínicas representam modelos potenciais de psiconeuroendocrinologia do comportamento e performance no ambiente polar e outros ambientes extremos. Esses estudos foram realizados principalmente em estações continentais, nas quais a altitude é bem elevada e a umidade do ar muito baixa. Entretanto, é interessante aplicar esse tipo de estudo nas estações antárticas da península, como a brasileira, argentina, polonesa e outras e comparar com os resultados de Palinkas.

Embora a Estação Ferraz esteja no nível do mar e a temperatura seja mais quente e mais úmida que no continente, ela tem um clima com maior variação e apresenta mais tempestades. Observamos nos relatos que certas características sazonais também ocorrem com alguns brasileiros. A maior incidência encontrada está relacionada com perturbações do sono. Mesmo os pesquisadores que passaram parte do inverno ou mesmo todo o inverno na Antártica, não mencionaram qualquer problema de saúde relacionado com o ambiente, a não ser resfriados. Quando perguntamos sobre a saúde, alguns pesquisadores responderam que se sentiam muito bem, outros identificaram a dificuldade de dormir causada pela longa duração da luminosidade dos dias de verão. Alguns relatos nos mostram a atitude do grupo com relação a esse tema.

“Resfriado. De vez em quando a gente pega um resfriado lá. [O clima] É seco mas a Estação mesmo tem central heating aquecimento central, por isso é importante estar sempre ventilando para evitar formação de fungo. Na Antártica tem muito fungo. E aí você tem que estar sempre ventilando, também cuidando... Dentro você está em 20 graus, fora você está em menos 7, menos 10, depende da época do ano. E, às vezes, as pessoas na ida pegam um resfriado. Ficam resfriadas um tempo mas depois recuperam ou então, às vezes, lá tem acidentes pequenos, uma torção de pé, mas nada grave”.

“Uma coisa que me incomodava no verão que não incomoda ninguém, mas a mim incomodava muito – ninguém não, tem outras pessoas que se incomodavam -, é o período de luz... Que era quase 24 horas. Isso me incomodava muito. Eu dormia muito pouco, muito pouco. Eu me sentia mais cansada. Ah, eu dormia assim umas 3, 4 horas por noite. Trabalhava o dia

inteiro. Acabava: 'Ah, dá mais tempo! Ainda dá tempo'. Até assim essa coisa de ficar muito claro, e até na hora do jantar, você olha aquela luz toda e não sente a fome... Não era uma insônia, não era aquela questão de eu deitar e não conseguir dormir, porque eu deitava e dormia igual uma pedra. Eu esquecia de ir deitar para dormir”.

“Uns dois meses e pouco eu dormi muito pouco, principalmente na primeira fase eu senti bastante..., o fato de não anoitecer. Eu ficava no laboratório, aí ia para a sala e conversava com alguém e tal. Daqui a pouco ia ver, eram duas horas da manhã. Só que tava sol ainda, ali fora ainda claro, e eu não tinha aquela vontade de dormir..., não conseguia ter”.

Perguntamos aos pesquisadores se sentiam cansaço, a maioria respondeu que não. Pesquisas relacionadas à saúde (PALINKAS, 2003; RIVOLIER et al, 2000) configuram como superexcitação as características acima relatadas pelo grupo brasileiro. Embora tenham consciência ou não, o fator luminosidade geralmente afeta o biorritmo dos recém-chegados à Estação Ferraz.

Para viver em tal ambiente, um organismo vivo necessita de um processo de adaptação. Compreendendo-se este processo como uma capacidade do organismo vivo de responder, através da adaptação de suas funções, aos estímulos do ambiente (demandas) com o objetivo de preservar seu equilíbrio e sobrevivência (Rivolier, 2000). A adaptação implica em mudança. Jean-Didier Vincent escreve “Agora, homeostase deve ser entendido como a soma de constantes mudanças psicológicas e biológicas” (*apud* Rivolier, 2000). E muitas vezes a mudança requer uma readaptação do organismo.

A readaptação do organismo a ambientes extremos demanda duas formas de reposta que organizam dois estágios: *coping*,²² quando é um processo curto; e *adaptação*, quando é um processo longo. Rivolier define *coping* como um processo ativo que corresponde a uma tentativa de aceitar e enfrentar as condições agressivas do ambiente da melhor forma possível. É quando o sistema nervoso central consegue avaliar a situação e ao encontrar resposta aos problemas é informado de que a solução é adequada. Alguns psicólogos compreendem este processo somente do

²² O conceito *coping* significa, segundo o Dicionário Webster, estar à altura, não se entregar, lutar, agüentar, enfrentar etc. Como não foi encontrada uma palavra em português que desse esse significado completo, decidiu-se mantê-lo em inglês.

ponto de vista do comportamento. Mas *coping* inclui também processos intrapsíquicos. Na verdade ele resulta de um processo fisiológico, comportamental e psicológico.

Segundo Rivolier (2000) a dificuldade de adaptação ao tipo de vida possível durante o longo inverno é expressa de várias formas, vai desde períodos curtos de simples abatimento, até crises significativas de depressão ou de excitação exagerada que geram conseqüências, muitas vezes dramáticas, tanto para os indivíduos como também para o grupo. Problemas de relacionamento na interação do grupo, quando não resolvidos, também podem trazer sérias conseqüências para todo o período do inverno. A dificuldade de adaptação afeta também a estabilidade emocional, o campo relacional e social (compatibilidade), os campos físicos, somáticos ou funcionais (saúde física), e, conseqüentemente, o campo ocupacional e o trabalho (habilidades). Os fatores patológicos são descritos como “a síndrome mental do inverno”, com os diferentes tipos de manifestação: reações leves e manifestações momentâneas; manifestações agudas, pseudomaniacas e ou esquizofrênica; manifestações crônicas, excitação ou retraimento; psicossomática ou manifestações funcionais.

São consideradas manifestações temporárias que devem voltar à normalidade no retorno à própria casa. A grande variedade e características dos fatores psicológicos e psicossomáticos encontrados dentro dos grupos que trabalham nas estações, levaram a SCAR a estudar uma nosografia específica destes problemas e comportamentos de adaptação, de forma a criar um protocolo específico à passagem do inverno (*winter-over*) para o uso dos trabalhadores da saúde. Foi, portanto, criado um Programa Biológico Internacional (1965-75) cujo programa mais recente é o desenvolvimento da Bioclimatologia e Ecologia Humana para estudar a adaptação humana a ambientes extremos. Os protocolos de seleção dos expedicionários para irem para a Antártica são baseados nos dois processos de reação ao ambiente extremo. Sendo que a maioria dos estudos está focada em temas relacionados ao protocolo específico a este tipo de ambiente. Como já foi acima mencionado Palinkas (2000b) realizou, durante dois anos, estudo na estação antártica americana de McMurdo relacionando comportamento correlacionado às funções hipotálamica-pituitária-tireóide ([http](http://)).

Levando-se em conta a necessidade prática de construir um instrumento de identificação clínica para ser usado pelos médicos na rotina de investigação na saúde

pública como a epidemiologia, Rivolier (2000) organizou quatro categorias principais:

- saúde física;
- compatibilidade (social);
- habilidade (ocupacional);
- estabilidade emocional (pessoal e psicológica).

A partir destas categorias o referido autor elaborou uma lista de sintomas clínicos ou manifestações potencialmente relacionadas com as dificuldades de adaptação na situação de passagem de inverno polar e na Antártica:

- Saúde Física:
 1. Perturbações do sono: insônia, hipersomnia, sem sono, reversão do ciclo dormir-acordar, diminuição da necessidade de sono, pesadelos.
 2. Perturbações digestivas: perda de apetite, aumento de apetite, perda de peso, dores de estômago ou dores abdominais.
 3. Distúrbios relacionados à ansiedade: dor no peito, palpitação, sensação de sufocamento, bolo na garganta, hiperventilação, asfixia noturna.
 4. Perturbações “funcionais”: dor de cabeça, fadiga, dores musculares, dores nas costas.
- Compatibilidade:
 1. Evitação do outro: ensimesmar-se, forte medo de não ser compreendido ou subestimado, desconfiança.
 2. Agressividade com o outro: criticismo, irritabilidade, rigidez, competição, agressão verbal e física, autocentrismo, reação exagerada, provocar tensão dentro do grupo, indiferença com as regras sociais básicas.
 3. Dependência excessiva.
- Habilidade:
 - Super ou sub investimento no trabalho,
 - Ritualização de ocupações,
 - Dificuldade na concentração,
 - Inabilidade para delegar e para trabalhar em grupo,
 - Alta incidência de acidentes,
 - Super avaliação da carga de trabalho,

- Pouco envolvimento e participação em expedições e atividades de grupo,
- Modificação clara no comportamento em expor-se ao risco.
- Estabilidade emocional:
 1. Comportamento depressivo: começando a ficar deprimido, sentimentos negativos ou pessimistas, tristeza e melancolia, tédio, matutar sobre coisas desagradáveis, preocupação excessiva, falta de autoconfiança ou auto-estima, mutismo, apatia, falta de motivação para realizar atividades normalmente estimulantes, recusa de responsabilidades, dificuldade de concentração e de tomar decisões, lentidão física e mental.
 2. Comportamento ansioso: sentindo-se ansioso, preocupação exagerada, sentimentos de culpa, tensão subjetiva, hipersensibilidade, falta de autoconfiança e na performance sexual.
 3. Falta de controle emocional: instabilidade emocional, hiperatividade, excitação, euforia injustificada, pensamentos delirantes.
- Álcool e Drogas: Abuso de álcool e abuso de droga.

Quase todos os instrumentos adaptados para avaliar os expedicionários em missão na Antártica, seja para seleção e seja para os estudos lá realizados especialmente relacionados à passagem do inverno, se baseiam nestas categorias elaboradas por Rivolier.

Como estudos relacionados à saúde dos brasileiros na Antártica, quando se refere à inexistência de publicações sobre esse assunto, avaliamos ser a questão dos fungos, acima mencionado, bastante interessante para verificar seus efeitos sobre a saúde dos habitantes da Estação Antártica Comandante Ferraz e que doenças respiratórias podem provocar.

3.6 Cultura do grupo

3.6.1 No verão

Como já falamos anteriormente, Malinowski (1960) mostra-nos que os instrumentos de trabalho, os hábitos do cotidiano, a alimentação, as regras de conduta e regras de comportamento social, compõem também o que ele chama de contexto geral do comportamento humano na cultura. Observamos, então, que, muitas vezes, hábitos do cotidiano do grupo de pesquisa impostos pelo grupo base

podem constituir fonte de pressão e conflito como, por exemplo, as escalas de limpeza e as obrigações com relação à rotina da Estação. O chefe da Estação estabelece uma escala de pesquisadores para o trabalho na cozinha, uma para a manutenção da Estação e outra para a faxina semanal. Esse envolvimento dos pesquisadores com a dinâmica da estação é um assunto bastante polêmico, porque uns não se importam e outros já não gostam. Vamos ver a rotina da estação:

“A gente levantava às 6:00 h, se você não tinha escala na cozinha..., porque lá todo o trabalho é compartilhado e existe um sorteio; cada grupo base trabalha de um jeito um pouquinho diferente para definir os grupos; mas a gente divide as tarefas de casa, né, porque lá é como uma casa - você tem que limpar banheiro, tem que limpar a sala, tem o dia da faxina. Tem o domingo que o cozinheiro tinha folga, e quem fica na equipe de domingo tem que cozinhar pra estação inteira, tem que cozinhar pra todo mundo...”

As questões referentes aos trabalhos da estação muitas vezes se sobrepõem aos trabalhos de coleta, especialmente quando o tempo está bom para sair ao mar. As equipes com seus coordenadores tentam resolver e negociar com o chefe da estação formas mais condizentes com suas necessidades e possibilidades. Foi criada, então, uma reunião diária de todos os coordenadores de equipe para combinar o trabalho do dia seguinte - cultura de interação intragrupal.

“Porque é assim, uma coisa é você coordenar o teu grupo, outra coisa é você coordenar o teu grupo junto com outros coordenadores de grupo. Interagir na Antártica, na verdade, quando a gente foi a primeira vez, houve uma interação grande entre alguns grupos e em outros a interação não era tão grande. Descobrimos a importância de a gente fazer uma pré-reunião, antes da reunião de decisão com os membros do grupo base, sobre o que cada um ia fazer no dia seguinte. Nós pesquisadores nos reunimos antes, separados do grupo base, para a gente discutir o que cada um necessitava, para evitar conflito desnecessário junto com o pessoal... [Marinha]”.

A comunicação, na medida em que é um processo de mediação entre a interação intra e intergrupala, promoveu o posicionamento do grupo de pesquisadores no sentido de definir lideranças entre as equipes e um diálogo de líder para líder (coordenadores e chefe da estação). Deu-se um movimento interessante onde a

liderança formal e a informal se expressaram simultaneamente. Poderia ser reconhecido, nesse momento do grupo, a atuação do que Bion (1975) considera a suposição básica de luta e fuga, ou a luta para manter o grupo de pesquisadores com seus direitos referentes aos seus objetivos e a fuga de conflitos do próprio grupo e entre ele e o grupo base. A cooperação entre os integrantes do grupo de pesquisa, criando um cronograma de trabalho ou explicitando suas necessidades, demonstra um desejo de sua manutenção. Bion chama esse tipo de ação de valência, que é “uma função espontânea inconsciente da qualidade gregária na personalidade do homem”. (p. 124).

Ao mesmo tempo, esse movimento de pré-reunião, permitiu aos pesquisadores maior interação e aproximação entre as equipes, criando uma identidade de grupo. Os subgrupos foram se coordenando e interagindo entre si, produzindo uma experiência crescente de força e integração do grupo, inclusive no trabalho. Então perguntamos se foram descobrindo elos comuns.

“Comuns, não só do ponto de vista científico, mas eu acho que na questão mesmo de... trabalho mesmo. Foi ficando cada vez mais tranquilo trabalharmos juntos..., sem tanto conflito”.

A descoberta de pontos comuns, elos, diminui o medo de dissolução do grupo provocada pela invasão de emoções intensas e primárias como a raiva (conflitos) e de angústias relacionadas ao trabalho.

3.6.2 No inverno

Após fevereiro, o grupo “os pesquisadores da estação” fica reduzido, no máximo, a seis ou dez pessoas. Geralmente na segunda quinzena de fevereiro o burburinho de mais de 60 pessoas da Estação Ferraz cessa. Há a troca do grupo base. Aquele que ficou um ano vai embora no NApOC Ary Rongel juntamente com os pesquisadores que passaram o verão. Ficam aqueles que chegaram para também passar um ano na Estação e os pesquisadores que vão permanecer o início do inverno ou passá-lo lá. Então, a configuração de grupos na Estação muda e um novo chefe toma posse.

No inverno, o grupo de pesquisadores é em número menor que o grupo base. Entretanto, alguns preferem o período inicial do inverno porque se sentem mais confortáveis com relação ao ambiente, pois é a fase em que o dia se divide em doze

horas de luminosidade e doze horas de escuridão, o que o torna mais parecido com a divisão do dia e da noite nos trópicos. Eles também preferem a Estação com menos gente porque:

“As pessoas interagem mais na hora do almoço, por exemplo, era hora marcada que todo mundo ia comer junto, a gente juntou as mesas... Ficaram no máximo 20 pouquinhos pessoas ali. Aí, todo mundo juntava as mesas, comia junto. Eu via todas as pessoas da estação, porque, como no verão tem 60 e poucas pessoas, não vejo todo mundo todo dia. Tem pessoas lá, sei lá, que eu passo três dias sem ver, quatro dias, passo um tempão, olho para um cara do Arsenal... Penso, pô um tempão que eu não vejo esse cara! É outra coisa..., muito melhor... Queria que conservasse assim, aquela, aquela sensação assim de casa... Casa aconchegante.”

Perguntamos se o pesquisador percebia alguma diferença entre o grupo base da Estação e o grupo de apoio do navio. Ele respondeu que, embora ambos fossem militares da Marinha, seus comportamentos eram diferentes.

“Só que a estação não é uma organização militar. É... tanto que na estação ninguém é sargento, ninguém é comandante, ninguém é tenente. Mesmo entre eles. É chefe, subchefe e [se dirigem] pelo nome. Entendeu? É assim, não tem essa. Agora já no navio não, já no navio tem toda uma separação de oficiais e não oficiais. É uma organização militar mesmo no navio”.

Quanto à estrutura Freud (1987) considera o grupo militar e a Igreja como altamente organizados. São grupos artificiais no sentido de que certas forças externas são empregadas para que não se desagreguem e para manter sob controle qualquer alteração de sua estrutura. Acima, o grupo claramente diferencia o grupo base do navio e o grupo base da Estação. Entretanto, se ambos são militares, e o grupo base da Estação não funciona como uma organização militar, será ele passível de desagregação? Provavelmente as diferenças não devem chegar ao extremo de uma desagregação, mas essa mudança de comportamento, segundo o subgrupo abaixo, gera uma certa confusão nesses militares. O subgrupo relata sua percepção do grupo militar.

“Lá, eu sei que uma situação complicada, porque eles têm uma hierarquia, eles vivem aquela hierarquia, não é só teórica, é vivida, e ao mesmo tempo, tem que diluir - lá naquele ambiente. Então os limites ficam meio enevoados, talvez. Mas uma coisa interessante, como eles são lapidados para esse tipo de hierarquia na carreira militar, às vezes, eles ficam confusos. Às vezes, eles ficam confusos porque a coisa lá é que se tem muita liberdade, tem a liberdade de divergir. Se der algum problema lá, numa caldeira, ele vai, e por iniciativa própria, vai lá e resolve. Resolve, não precisa da ordem do chefe.... Eles ficam, às vezes, confusos porque eles são militares, lidando com civis”.

No entanto, quando o grupo base da Estação Ferraz entra no navio, a hierarquia domina e aquele tenente que comia à mesa com o chefe da estação, vai comer separado com seus pares. Na carreira militar, a disciplina, a ideologia central e operante e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida. Isso significa que o relaxamento da hierarquia entre os militares que vão à Antártica deve ser parcial. Essa nossa tese é refutada nos relatos dos pesquisadores. Entretanto, o relaxamento dela pode, provavelmente, provocar a confusão, falada pelo subgrupo. A dialética nas identificações intergrupais, os pesquisadores com alguns comportamentos dos militares e estes com alguns dos civis, se processa na interação de preservação do grupo e pela sobrevivência.

O trabalho dos pesquisadores no início do inverno também muda. Ele se restringe às horas de luminosidade que vai progressivamente diminuindo até que, no alto inverno, fica somente escuridão e é quando o sol permanece no horizonte. Nessa fase do ano, o trabalho dos pesquisadores restringe-se aos laboratórios dentro da Estação.

3.6.3 Liderança

No verão a liderança formal se centra no chefe da Estação e, como falamos anteriormente, também nos coordenadores das equipes. Um líder militar aprende em sua cultura que se deve mobilizar um grupo para atacar alguém ou, alternativamente, para liderá-lo na fuga (BION, 1975). Muitos de nós civis somente reconhecemos esse tipo de liderança.

Durante o verão, mais que no inverno, existem dois tipos de liderança – os liderados e os liderados que lideram – o chefe da estação como líder dos militares e dos pesquisadores e estes que são liderados pelo chefe da Estação e que lideram suas equipes. Supomos que ocorre o que a psicanálise considera como fenômeno de clivagem na figura do líder (BÉJARANO, 1978). O fenômeno de clivagem é usado por Freud para designar a coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas; uma que leva em conta a realidade, e outra que a nega e coloca em seu lugar a produção do desejo. Elas persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente (LAPLANCHE & PONTALIS, 1997).

Béjarano (idem) sugere certas funções depositadas no líder como portador da resistência e das forças repressoras, que provocam linguagens defensivas no grupo, como separação, isolamento, falta de comunicação, etc. e, ao contrário, o líder como o bom objeto e os outros, ou o resto do grupo como o mau objeto, tal líder é abandonado pelo grupo. O grupo se separa dele, do líder formal ou do chefe da Estação, dando espaço para o surgimento de um líder simbólico, através do processo de identificação com um líder que exerça alguma autoridade, por exemplo, o sub-chefe da estação ou um coordenador de equipe. No caso da Estação, o chefe funciona ora como o repressor (o líder autocrático de Hare), ora como protetor (o líder democrático). Neste último caso, os pesquisadores asseguram que, o fato de ser um ou outro, depende da personalidade do indivíduo. Alguns relatos podem nos dar a noção do papel do chefe da Estação como líder.

É... o chefe da Estação tem a função muito delicada, ele tem que atender à pesquisa, e tem que liderar o grupo base. Então ele tem..., muito embora a questão do militarismo... da hierarquia... da hierarquia militar, na Estação, seja muito diluída, disfarçada, muito branda, às vezes, permite a necessidade de se impor essa liderança militar. Então, um dos jargões que a gente usa é que, quando a situação está muito complicada, ‘baixou marinha’... e ‘baixou marinha’, agora é o militarismo que vai falar. Então, quando a gente diz, baixou marinha, são momentos isolados...

“Quer dizer, quando os problemas surgem e ele é amplificado, numa sociedade confinada o comandante precisa ser habilidoso... no lidar com os problemas. Então, ele tem que transformar aqui, digamos, numa coisa mais

leve... E ele tem que esquecer que ele é militar, porque ele não pode simplesmente dar uma ordem: 'Parem!' Entendeu?... Nesse sentido é diferente. Agora é claro, como eu lhe disse, uns mais, outros menos, dependendo da personalidade são mais abertos, mais fechados”.

“O primeiro grupo base, as pessoas eram mais lights. No outro grupo base a gente foi em fila igual militar assim até os pesquisadores fazendo... [continência]. Aí se não bater continência fica na oficina... caramba! Estamos há quatro meses aqui assim, né, sem poder relaxar nem um minuto”.

Os chefes de Estação com atitudes autocráticas são mais tensos e com comportamentos mais militares; apresentam maior dificuldade em aceitar as diferenças, são mais rígidos nos horários de refeição, dão mais importância à hierarquia discriminando os pesquisadores doutores dos não doutores, são menos agregadores e mais distantes do grupo de pesquisadores. Os mais democráticos agem exatamente ao contrário, pois suprem melhor as necessidades dos pesquisadores quanto ao trabalho e à flexibilização dos horários de refeição e relacionam-se com maior proximidade. Essa flexibilização é extremamente importante, porque são os chefes e os subchefes que pilotam os barcos para o trabalho de coleta e, muitas vezes, é necessário burlar uma refeição para que se possa terminar a coleta. Quando isso não ocorre há motivo de frustração e muitas vezes perde-se a chance de cumprir os objetivos da pesquisa. E no inverno, o comportamento do chefe da Estação como líder democrático não difere muito, mas o autocrático talvez se torne mais fechado, distante e exigente.

3.6.4 Acontecimentos da Estação

O gelo conserva e perpetua cenas de abrigos abandonados, que parecem intocáveis ou como se nada tivesse acontecido ao longo dos anos – como se o tempo não passasse nesse ambiente. Conta-nos Capozoli (1995) que as ossadas de grandes baleias caçadas pelos ingleses até 1931, permanecem intactas na praia, cerca da Estação Ferraz. A estação baleeira, que foi depois transformada numa base de pesquisa e abandonada há décadas, mantinha os vestígios de seus habitantes ainda intactos. As botas, as latas de alimentos com biscoitos, gordura e conservas, os livros continuam na estante e parecem não terem sofrido a ação dos anos. Esta estação foi desmontada há já alguns anos.

No verão de 1972, o explorador francês Jacques Cousteau, quando trabalhou na Antártica, visitou a ilha Rei George e esteve na velha base inglesa. Ele montou a ossada de uma baleia-azul, cuja disposição dos ossos tem quase 30 metros (CAPOZOLI, 1995). Nas palavras de Capozoli: “Foi um ato de amor à Natureza o trabalho de Cousteau. A carcaça óssea da baleia é um símbolo da brutalidade humana, da louca corrida do lucro, da alienação do homem em achar que não é parte...” (p. 34).

Para Wilhelm Reich (1979), desde que o homem deixou de reconhecer-se parte da natureza e ignorar suas emoções, ele alienou-se de si mesmo. Essa alienação produziu conseqüências graves para a humanidade que hoje lida, mais e mais, com a maldade humana, as neuroses, as misérias dos infantes e a agonia dos adolescentes, o irracionalismo dos políticos e, por conseqüência, com políticas irracionais distantes do bem-estar dos cidadãos.

O grupo de pesquisadores sentiu certo constrangimento em revelar seu ‘ritual de iniciação’. La Porta (1979) explica que, na psique do homem civilizado, existe uma série de níveis, desde o intelectual e lógico até o pensamento mais arcaico. Nesse caso o ‘ritual do batismo antártico’ indica-nos várias linguagens e acontecimentos de sua organização, cultura e identidade de grupo. Como a comunidade antártica no Brasil é muito pequena, os vínculos estabelecidos na Estação Ferraz, no acampamento ou no navio continuam na volta da Antártica. A interação entre os pesquisadores, às vezes, o grupo base é incluído, produziu rituais e mitos que indicam formas de criar pactos e alianças.

O ritual é uma celebração e são variados em cada sociedade. Um ritual é um conjunto de gestos, palavras e formalidades, várias vezes atribuído de um valor simbólico, cuja performance é usualmente prescrita por uma religião ou pelas tradições da comunidade. O ritual seria então o referendo e a celebração, a legitimação do poder de um grupo, da sociedade dominante (LA PORTA, 1979).

O ritual do batismo na Igreja Católica, implica o banhar a cabeça do bebê pelo padre para purificá-lo do pecado original. O ritual de ‘batismo’ dos novatos que chegam à Estação Ferraz, tem madrinhas e padrinhos antárticos. Os subgrupos contam-nos seus rituais:

“Eu brinco.. brinco não, na verdade eu digo que ela é minha madrinha Antártica. Porque ela me batizou com neve. Tem... tem vários tipos de batismo, né! Tem gente que pra batizar tem que entrar na água ... aquela

coisa de entrar na água e sair. A gente foi pra um lugar que a gente gosta muito e aí ela me batizou”.

“[Outro tipo] Eu mesma batizei uma outra pessoa que até hoje tenho uma relação forte com essa pessoa e... às vezes, a gente vai em grupo. Mas é o grupo das pessoas afins. Com água. Eu entrei na água... entrei na água e aí... eu pedi para ele tirar o capuz e tal e eu peguei um pouco de água e pus na cabeça dele... fiz uma prece... uma coisa mínima...”.

O mergulho na água foi praticado por Martins (1998) e pelo médico da Estação, na época, ou seja, em 1984. Martins conta-nos que, antes da inauguração da EACF, ele e o médico foram à praia de sunga para tirar uma foto dos dois bebendo cerveja junto aos blocos de gelo, depois deram um mergulho no mar. Saíram correndo para um banho quente e o aconchego quente do macacão e, como ele bem disse: coisas da demência austral.

Os pesquisadores talvez dêem a esse ritual um valor simbólico de inclusão. Inclusão particularmente ao grupo “*das pessoas afins*” e inclusão, mais geral, à comunidade Antártica. Uma outra interpretação do gesto de molhar a cabeça ou do mergulho na água é a de sentirem-se imersos no ambiente antártico, sendo o banho a limpeza e a purificação. Contam alguns pesquisadores que o Presidente, em sua visita à EACF, quando desceu do helicóptero foi direto até à praia e molhou as mãos e o rosto em águas antárticas.

Como geralmente é necessário o uso de roupa impermeável e protetora ao frio fora da Estação, assim, o contato corporal dos pesquisadores com o ambiente antártico é feito através da roupa ou, mais diretamente, pelo rosto com o ar, com o sol e com o vento ou com a chuva e, provavelmente, através das mãos quando sem luvas. Consiste, enfim, na imersão no ambiente simbólico da Antártica.

Um outro fato que acreditamos ser mais um mito do que uma queixa, bastante freqüente nos relatos, especialmente por um subgrupo: o mito do assédio. Fernando Pessoa (1971) em seu poema *Os Castellos*,²³ Primeiro/ Ulysses, fala no primeiro verso “O Mytho é o nada que é tudo” (p. 46).

Pessoa explica que o entendimento dos mitos, rituais e símbolos exigem que o intérprete possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para eles mortos, e ele um morto para eles. A primeira qualidade, a simpatia: o intérprete

²³ Fernando Pessoa ele mesmo em *Seleção Poética*, Rio de Janeiro: Biblioteca Manancial; 1971.

tem que ter simpatia pelo símbolo que propõe interpretar. A segunda, a intuição: é aquela espécie de entendimento com o qual se sente o que está além do símbolo, sem que se veja. A terceira, a inteligência: para analisar, decompor e reconstruir o símbolo em outro nível. A quarta, a compreensão: o conhecimento de outras matérias que permitam iluminar o símbolo por várias luzes. E a quinta, a graça: originada de várias fontes.

Esse é um tema polêmico e da ordem do subjetivo, pois o assédio pode ser entendido por uns como sedução e atenção, e por outros como invasão e desrespeito. O assédio mais falado nos relatos é com relação às mulheres. Perguntamos ao subgrupo se a Estação estava diferente desde a primeira vez que lá foi, então respondeu:

“Sim, tem mais mulher. No verão a quantidade é a mesma, antigamente não tinha mulheres no inverno, agora tem”.

Perguntamos se isso modificava alguma coisa, ele disse:

“Modifica, claro. Para melhor. Ah fica um ambiente mais estável! Entende? Tem competições. Dos homens entre si pelas mulheres. Mas, em geral, eu acho que é melhor, as pessoas se toleram bem”.

Para um grupo de pesquisadores que vai à Antártica desde a graduação e que já conviveu com os mais variados aspectos de um chefe de Estação e de um grupo base, a chegada da mulher na Estação e, especialmente, no inverno funciona como uma mediação entre esse grupo e o chefe e o grupo base. Mesmo porque ela é civil e pesquisadora, portanto um de seus pares.

Transpondo a questão da mulher no relato acima para a visão freudiana da estruturação da sociedade no despontar da humanidade primitiva, temos que o homem vivia em bando. Freud (1975) supôs que os primitivos viviam sob a chefia de um macho mais velho, que deveria ser o pai dos mais novos. O chefe seria considerado o senhor e dono de todo o bando: senhor tirano que pretendia possuir suas fêmeas ou apoderar-se de seus pertences. Seguindo nosso raciocínio, o poder do chefe provocava ciúmes nos mais jovens. O ciúme é uma característica do homem e um problema mais intenso para ele, já que sua luta não tem como objetivo único a posse do sexo oposto no momento da excitação sexual, mas também a conservação

do objeto pessoal. A posse do objeto e a conservação do mesmo, com exclusividade, mesmo com a ausência do desejo imediato, não são suficientes, porque ele ainda ambiciona os objetos pertencentes a outros.

Entretanto, uma mulher do subgrupo, que havia sido alertada para os assédios e estava indo pela primeira vez à Antártica, relata que foi muito bem tratada e respeitada e que não aconteceu, nem na Estação e tampouco no navio, nenhum assédio inadequado. Disse que manteve uma postura profissional, sem ser sisuda ou fechada. Interagia com todos de forma educada, mas sem romper os limites e assim se sentiu bem.

Do ponto de vista feminino, a mulher latina acha a sedução uma coisa natural. Realmente, quando um homem olha e se interessa por uma mulher e demonstra de alguma forma que está interessado, se a mulher não dá liberdade, não demonstra uma intenção mútua, aquilo é interrompido naquele momento. Isso pode acontecer em qualquer lugar: no trabalho, na universidade. De certa forma a permissão, no assédio, parte da mulher? Deixamos esta pergunta no ar. Sua resposta exige uma pesquisa futura.

3.7 A magia do lugar

A cultura tem um papel importante na interação intergrupar e na forma como se processa sua coesão. Certos aspectos de nossa personalidade, que se formaram a partir de dados culturais, vão-se reproduzindo nos grupos e ao longo da vida. Especialmente na interação grupal, esses aspectos muitas vezes sobressaem-se e tornam-se pontos de atração e de afinidades. Entretanto, as relações não são construtos estáticos, pois mudam ao longo do tempo (STEEL, 2000). Geralmente, as mais duradouras são construídas dentro de certos padrões de segurança, intimidade e compromisso, o que contribui para formar fortes laços de amizade e companheirismo.

A interação intra e intergrupar em ambiente isolado e confinado indica-nos que, ultrapassados os conflitos, a tendência do grupo é sempre aprofundar a intimidade afetiva e, por conseqüência, os laços de amizade. Lembramo-nos de um relato de um pesquisador de como o compromisso com o outro transpõe certas barreiras dos conflitos. Ele disse ter saído sozinho numa moto de neve para fazer coleta e teve um acidente. Caiu dentro de um lago congelado. A moto, batendo na superfície, quebrou o gelo e virou; ele caiu e se molhou todo. Estava bem longe da Estação e a moto molhada não ligava. Tentou ligar o rádio, mas não funcionou.

Então, caminhou até o refúgio 2, onde há uma casinha e ligou o radio numa antena, conseguindo fazê-lo funcionar, e pediu ajuda. Esperou, tranqüilamente, aproveitando o cenário para tirar fotos. Depois de algum tempo a ajuda chegou. E quem veio buscá-lo de moto foi o subchefe da Estação, justamente a pessoa com quem tinha tido conflitos um dia antes do acidente. Esse fato indica que o espírito da Antártica é esse, se alguém precisa de ajuda sempre sabe que a terá. Disse-nos o pesquisador que ao pedir ajuda pelo radio falou em português e inglês e sua mensagem foi captada pela base polonesa, por um barco com brasileiros e pela Estação Ferraz. Disse-nos que se sentiu protegido e confiante de que receberia ajuda.

Gary Steel (2000) defende a hipótese de que a relação com o ambiente, compreendido como um *locus* vivencial e associado com relações intensas, perdura ao longo do tempo e promove a ligação afetiva entre os indivíduos e com o local. A Estação Ferraz é sempre lembrada pelos pesquisadores com muito afeto porque seu ambiente isolado favorece a interação intra e intergrupar e a intimidade afetiva e cognitiva. Achamos muito interessante a descrição do subgrupo referente à interação e ao processo de atração na amizade.

“Você olha e sente que pode ser amigo daquela pessoa. E isso se desenvolveu lá, com essa ‘galera’. Eu fiquei numa intimidade muito grande não só de falar besteira, sabe? Intimidade no sentido de conhecer mesmo, saber como... Aquelas máscaras caem, tipo a tua pose ela some, muito rápido. A pessoa já está mais propensa a ficar amigo do que a ficar inimigo e isso facilita. Eu acho que isso facilita em qualquer lugar. Aí, o pessoal briga, mas logo depois já está normal, sabe? Eu acho que – sei lá! – fica tudo parecido com briga de namorado. Até o pessoal que você implica você consegue tirar alguma coisa de bom deles. Aqui não, aqui se eu preciso estar todo dia com alguém e eu já não vou muito com a cara dessa pessoa, não vou nem dar oi. Mas lá você dá um pouco mais valor, sabe? É aquilo que eu falei que é clima de briga de namorados, você releva muita coisa, porque é sua namorada, não adianta, ela pode gostar de uma coisa que você não gosta, mas vamos tentar relevar, e lá eu acho que é meio assim”.

Interessante como a liberdade, adquirida numa interação mais íntima, abre espaço para o perdão e a aceitação das diferenças. Então perguntamos aos pesquisadores o que acontece quando voltam:

“Então são épocas que marcaram a sua vida. E se elas não marcaram a sua vida de uma maneira negativa, elas acabam sendo positivas, porque a lembrança no fim acaba polarizando os sentimentos, a pessoa não lembra muito bem das coisas mais ou menos. Eu só lembro das coisas ou boas ou ruins. E aí, no fim, você acaba lembrando só das coisas boas, porque no fim das contas a experiência da Antártica muda a sua vida toda. Eu mudei completamente várias características da minha personalidade, muita coisa”.

O subgrupo tem razão porque os fatos afetivos prazerosos são os que permanecem na memória por mais tempo. Então lhe perguntamos se esses sentimentos perduram na volta e se a transformação continua, no cotidiano urbano. Eis a resposta:

“Eu acho que isso continua até um certo ponto, mas, é claro, eu acho que a maldição do homem é você se esquecer e se acostumar. Você começa a voltar aos ritmos e aos lugares que você desenvolveu a sua primeira personalidade, vamos dizer assim, e você começa a se esquecer daqueles valores. Quando você volta, cara, é um negócio impressionante, você volta realmente muito diferente”.

Comentamos, referindo-nos à sua transformação, que o silêncio é como o vento. Ele vai aparando as arestas da personalidade. Então o subgrupo, em profunda reflexão, respondeu:

“É. Vai aparando as arestas, é verdade. Eu acho que pelo período que você fica sem televisão, também não tem música, muita coisa que você faz trabalhando lá é trabalhando sozinho, ficam vindo umas lembranças dentro da tua cabeça que você já se esqueceu muito tempo. E vinha muito, na Antártica vinha muito, aquelas lembranças. O pessoal falava que ouvia – lá como é muito silêncio você escuta coisas de uma distância absurda. E isso é uma coisa que aconteceu, mas eu acho assim, fica uma parte, quando você volta, uma parte desse aprendizado pessoal fica, sem dúvida nenhuma. Mas muita coisa é varrida, muita coisa some”.

Nesse momento o subgrupo, vivendo a experiência do estar só e com o silêncio do gelo, passa a confundir o dentro e o fora. Ora ele ouve sua voz interna, nas lembranças e ora sons externos, talvez trazidos pelo vento, ou não. São mistérios de lugares e circunstâncias que nos ensinam de nós mesmos.

3.8 O Clube do Gelo

Nelson (1973) acredita que, em grupos vivendo isolados e confinados, a relativa ausência de conflito, um alto grau de espírito de grupo e uma forte noção de equipe de trabalho e divisão de responsabilidades são indicadores da coesão de um grupo. Acrescentaríamos que os laços afetivos de amizade e compartilhamento de experiências intensas também contribuem para a coesão e para a identidade de grupo.

Muitos países com base na Antártica se preocupam com a volta daqueles que passam um ano por lá e o processo de re-adaptação à vida familiar e social. Inclusive, foram criados programas de readaptação à vida urbana para esses grupos. Não temos informação se a Marinha desenvolve algum programa semelhante para seus grupos base. O grupo de pesquisadores que permanece mais tempo, ou até passa o inverno na base antártica, descreve certo estranhamento na volta. São sensações psicofísicas de aflição quando se está no meio de muita gente, de angústia, de insegurança, sensação de ‘estar perdida’, tonteira, desorientação, inadequação social, estranhamento. Já outros subgrupos consideram que o retorno se faz gradativamente e se deve olhar essa vivência como uma passagem. Talvez uma passagem para outro estilo de vida.

Os pesquisadores não têm qualquer ajuda nesse sentido. Mas criativamente fundaram o ‘Clube do Gelo’ que funciona de forma descontraída e bem à brasileira: uma *happy hour* em um bar onde todos se encontram, compartilham as experiências vividas e por viver relacionadas à Antártica e comemoram a amizade e os afetos. Os participantes, inclusive o pessoal da Marinha, instituíram esses encontros, pelo menos uma vez a cada mês. A nosso ver, o ‘Clube do Gelo’ constitui um marco da identidade dos grupos da Antártica, aqui no Rio de Janeiro.

3.9 O Treinamento Pré-Antártico

Só podemos descrever o Treinamento Pré-Antártico, o referido TPA, por informações obtidas do grupo de pesquisadores. Todos os integrantes de projetos de

pesquisa selecionados, bem como os recrutas selecionados para o grupo base, obrigatoriamente devem fazer o TPA. É um treinamento selecionado e aplicado por profissionais da Marinha e realizado em uma base da Marinha, no Estado do Rio de Janeiro.

Existem dois tipos de TPA: um, destinado para aqueles que irão passar o verão e outro para aqueles que irão passar o inverno na Antártica. O pessoal da Marinha também faz o TPA junto com os pesquisadores. Esse treinamento tem validade de dois anos. Se um pesquisador for à Antártica após dois anos, terá que fazer o TPA novamente.

Hoje, o TPA para aqueles que vão no verão tem a duração de mais ou menos sete dias, sendo que é um pouco maior para aqueles que vão no inverno. No início das atividades do projeto brasileiro na Antártica, o TPA era mais espelhado no contexto militar; é isso que nos conta o subgrupo que pesquisa lá, desde então:

“E mesmo essa questão do relacionamento. Porque, por exemplo, quando eu fiz o primeiro treinamento pré-Antártico, eles me levaram para Itatiaia para passar frio, porque eu acho que imaginavam que eu tinha que me preparar para passar frio na Antártica. Nunca passei tanto frio na vida quanto em Itatiaia, nem na Antártica eu passei tanto frio; para ter uma idéia tinha gente dormindo com cueca na cabeça. Lá é zero grau à noite, em Itatiaia, lá nas Agulhas Negras é isso. Então.... Eles nos levavam lá para Angra para fazer um treinamento no mar, sobrevivência. E nos jogavam com aquelas balsas de salvamento, de abandono de navio e nós ficamos a noite toda, então nós dormimos uma noite em Itatiaia e a outra noite ficamos no mar, molhados, porque você pulava de roupa. Então esse era o treinamento, hoje esse treinamento é diferente. Da cultura deles, não é? Depois com o convívio, com o tempo, as coisas foram evoluindo pra que essa troca fosse mais de igual para igual”.

Houve, entretanto, uma considerável evolução na forma de idealizar e aplicar o TPA. Continua o subgrupo:

“E hoje é muito mais homogêneo, como eu estava falando, é muito mais homogêneo do que era antes. E eles trabalham mais em forma de palestras, e o treinamento é realmente embarcar num helicóptero, descer de um

helicóptero, o que você pode mexer, aonde realmente você pode pisar, a questão do relacionamento humano. Hoje eles trabalham mais isso daí. E esse treinamento é feito durante uma semana e tem o acompanhamento, inclusive, do pessoal da psicologia da Marinha, do Serviço de Seleção de Pessoal que, na verdade, observa como as pessoas estão se comportando, o que é importante que a gente tenha, digamos assim, esse crivo de profissionais, porque é um risco grande. É óbvio que pode acontecer, de o indivíduo, às vezes, ser um artista e ele simula muito bem algumas situações e acaba indo para a Antártica e a personalidade verdadeira só aflora lá, mas hoje a Marinha tem, digamos assim, uma seleção muito boa”.

A equipe de treinamento da Marinha utiliza especialmente dinâmicas de grupo, para avaliar as ‘forças’ (LEWIN, 1965) que operam em um grupo que tem a intenção de estar junto por um período determinado e imbuído de propósitos específicos (TAYLOR, 1987). O objetivo da dinâmica é trabalhar as relações emocionais e a estrutura organizacional. Taylor (idem), psicólogo que trabalha com treinamento das equipes da Nova Zelândia que vão à Antártica, explica que o trabalho da dinâmica pretende atingir objetivos específicos com o grupo, como relações emocionais compatíveis aos sentimentos relacionados à coesão e à moral do grupo, os quais constituem facilitadores para a inclusão de membros no grupo. E a estrutura organizacional refere-se à distribuição de responsabilidades e ao cumprimento de tarefas de forma satisfatória.

O grupo de pesquisadores quando passa pelo TPA tem a percepção que

(...) é uma tentativa de harmonizar todo mundo. Porque as pessoas vão ficar dois meses todos têm que se conhecer e se dar bem. É por isso que no Treinamento Pré-Antártico a gente passa por, até, psicologia. A gente faz várias coisas para ficar um ambiente harmonioso, porque na Antártica ficaria – creio eu – ficaria muito difícil a convivência se você tivesse um desafeto”.

Para o TPA, a Marinha reúne mais de 100 pessoas e as trabalha em pequenos grupos. Como são indivíduos que vão para a Antártica, é uma chance de conhecer pessoas de todos os setores: os que vão para a Estação Ferraz, os que vão trabalhar no navio e os que vão acampar. Para aqueles que vão em março, como o grupo base,

o treinamento é em setembro. Também participam desse treinamento os pesquisadores que vão ficar na Estação no período de outubro a março. Segundo informação de um subgrupo:

“Tem o TPA que são para as pessoas que vão pela primeira vez. Então, as pessoas que vão lá com frequência o TPA tem validade de cinco anos, então se eu, por exemplo, só fiz um TPA, até hoje, porque, porque, eu vou lá com determinada frequência. Mas se em dentro de três anos você não voltar lá, aí você tem que fazer TPA de novo”.

Todos os pesquisadores entrevistados acham que o TPA é extremamente importante, não só porque aprendem sobre segurança, mas também pela questão ambiental. Porque, no treinamento, aprendem também como lidar com o ambiente antártico, onde pisar, como pisar no solo, sobre as áreas proibidas de circulação humana e, ainda, sobre os riscos das valas ou gretas nas áreas congeladas. Como coloca Gary Steel (2000), citando o conceito de *topophilia* de Tuan, a afetividade desenvolve o sentimento de conexão primária com o lugar. Ou, na psicanálise de Winnicott (1974), como o depositário de dois lugares na organização psíquica do indivíduo, o lugar dentro e o lugar fora.

Considerações Finais

Como já falamos anteriormente, passaram-se dez anos desde nossa viagem à Antártica. Foi nessa viagem, chamada de “Cruzeiro à Antártida Argentina”, que visualizamos uma estação argentina na *Bahia Esperanza*. Estávamos estacionados nessa baía, fotografando a estação a uns 50 metros de distância, quando emergiu nosso desejo de compreender o efeito daquele isolamento nos seres humanos. Essa viagem foi feita no navio italiano *Costa Crociere*, em 1995, onde passamos 20 dias confinados, de um total de 25, nos quais estão incluídas descidas em terra e subidas a bordo. Os acontecimentos que ocorreram a nossa volta, o confinamento no navio, deram-nos uma idéia geral desse processo em agrupamentos humanos. E a partir daí pesquisamos artigos, estudos e investigações relacionados à Antártica.

Por ser um estudo pioneiro aqui no Brasil, a ‘bolsa sanduíche’, na Nova Zelândia, junto ao Professor Gary D. Steel, na Universidade de Lincoln, foi extremamente importante para este trabalho. Procuramos entre a psicanálise de grupo

e as investigações já realizadas no campo da psicologia social de grupo os pontos de contato, para compreender o ser humano em isolamento e confinamento.

O paradigma da transdisciplinaridade proporcionou-nos a liberdade de circular por teorias, nas quais percebemos haver vários pontos de contato, o que, sem dúvida, enriqueceu significativamente este trabalho. De certa forma, comprovamos o que Piaget (PIAGET *apud* RAMADIER, 2004) afirmou no I Seminário Internacional, realizado em Nice, em 1970, que os vários setores do conhecimento podem ser complementares sem que as disciplinas envolvidas no processo sejam elas mesmas modificadas ou enriquecidas.

Não se pode dizer que tenhamos aprofundado em uma teoria ou outra, muito pelo contrário, talvez tenhamos deixado de mencionar alguns pontos da teoria de grupo ou mesmo alguns autores importantes, no entanto, conseguimos atravessar por elas retirando o essencial para pensar os grupos em situação de isolamento e confinamento, na Antártica. Foi para nós uma travessia bastante exaustiva, pois tivemos que consultar diferentes campos do saber em muito pouco tempo. Até porque os relatos e as vivências dos pesquisadores nesse ambiente exigiram muito de nossa capacidade intelectual e emocional. Pode-se dizer que essa passagem foi semelhante a uma travessia por aqueles mares do sul, com intempéries, calmarias e chegadas em portos estrangeiros sem, contudo, deixarmos de apreciar as belas paisagens. A inspiradora paisagem despertou em nós a alma poética.

A metodologia foi o mapa do nosso trabalho. Mapa esse ainda desconhecido, mas que nos orientou em pontos fundamentais, tais como pensar o grupo como uma totalidade. Possivelmente sem o mapa seria difícil compreender um grupo sem conotação terapêutica, imaginado a partir dos relatos dos pesquisadores e analisado a partir de seus relatos. Como terapeuta, temos o costume de observar as pessoas e o grupo em suas expressões faciais, corporais e em suas linguagens outras; este trabalho foi, portanto, um grande exercício de cientificidade.

A psicanálise da escola inglesa representada por Bion (1975), Foulkes e Anthony (1965) foi nosso ponto de apoio teórico, pois encontramos neles a visão de grupo como uma totalidade. O grupo de trabalho, em Bion, nos permitiu compreender a dinâmica ou a passagem do que é consciente no grupo para o que é inconsciente. Melhor dizendo, passar do que é aparente para o que está latente. Esse conceito, embora possa conter o significado de grupo de trabalho das dinâmicas inconscientes, também pode ser empregado como uma formação de equipe de trabalho, com a questão da cooperação subjacente. Através dessa teoria conseguimos

encontrar uma ponte mediando a teoria de grupo entre a psicologia social e a psicanálise.

A leitura de Freud (1987), especialmente a referente aos grupos, foi fundamental para compreendermos suas formações e suas características. Na verdade, a leitura de Freud, ainda em Christchurch, nos fez entender os pontos de contato entre a psicanálise e a psicologia social de grupos.

A escola francesa com Käs (1997; 1978; 1977), Béjarano (1978), Pontalis (1978), Missenard (1978) e Anzieu (1978) proporcionou-nos subsídios para avaliar as formações grupais, as relações intersubjetivas intra e intergrupais, os papéis estabelecidos na dinâmica do grupo, tais como, o *porta-voz* o *porta-palavras*, o *porta-sonhos*, o *bode expiatório* e, ainda, o aparato psíquico grupal, em Käs. Esses elementos foram trabalhados, dentro do possível, nos pequenos grupos antárticos. Em última análise, por estarmos trabalhando com um grupo não-terapêutico, fomos bastante módicos em usar a rica conceituação psicanalítica. Até porque tivemos que nos ater a esta nossa proposta.

A psicologia social está representada por Steel (2001; 2000), Hare (1983; 1996) e, principalmente, por Nelson (1973) e Palinkas (2000a). Steel, nosso co-orientador na Nova Zelândia, contribuiu através de seus artigos e com nossas discussões teóricas, quando nos apresentou a teoria da psicologia social voltada para estudos na Antártica. Nelson, que faz uma psicologia mais focada para pesquisa Antártica, inspirou-nos com o conceito de *observação indireta*, central para nossa metodologia e para a compreensão da estruturação dos pequenos grupos. Através desse conceito chegamos perto de realizar, neste trabalho, uma *etnografia* de grupo. Hare, em seus estudos de grupo, proporcionou-nos a visão da dinâmica de grupos *formais* e *informais* e, principalmente, uma teoria das necessidades do grupo. Palinkas contribuiu com estudos sobre psicologia de pequenos grupos na Antártica e com seus estudos sobre a questão da saúde dos indivíduos vivendo temporariamente naquela região. Recorremos, também, a outros autores de diferentes campos de estudo, de forma a enriquecer nossa análise.

Na seção onde discutimos as teorias, questionamos a utilização das teorias de grupo, seja a psicanálise, seja a psicologia social, na leitura dos fenômenos de grupo vivendo em isolamento. Cremos ter conseguido as respostas no *corpus* teórico de nosso trabalho. Além de conseguirmos atingir essa meta, também conseguimos criar uma linguagem dinâmica e complementar entre essas teorias, respeitando suas diferenças, sem modificá-las. Entretanto, a interlocução entre Psicanálise e

Psicologia social de grupo requer maior aprofundamento em trabalhos posteriores, porque nesse priorizamos o diálogo entre esses dois campos teóricos com o objetivo de encontrar uma coerência para os grupos em isolamento e confinamento. Por outras palavras conseguimos, com o auxílio dessas teorias, construir nosso objeto de estudo.

Embora o material pesquisado tenha sido muito rico e muito farto, tivemos que recortá-lo dentro das necessidades metodológicas estabelecidas neste trabalho. Ficou muito claro para nós que uma visão exploratória apresenta certos limites na interpretação dos dados obtidos. A profundidade de uma análise dentro dessa perspectiva é discutível, bem como sua cientificidade. Exatamente por termos receio de incorrer nesse resvalo, optamos por uma análise mais horizontal, segundo a aceção de Foulks e Anthony (1965) embora as teorias de grupo na psicanálise induzam-nos a fazer uma análise vertical, dita mais profunda. Conseguimos, assim, nos ater a uma perspectiva não-terapêutica com maior abrangência.

O tratamento dado aos relatos dos grupos, sua forma e dinâmica, foi realizado conforme a definição do grupo e seus elementos organizacionais, estruturais e dinâmicos. Seguindo essa lógica, fomos identificando os relatos relacionados com tais elementos, podendo assim, criar uma interação entre a análise e os relatos. Dessa forma, construímos um diálogo imaginário com os grupos.

Cada grupo apresentou-nos dificuldades diferentes. O grupo “os acampados” foi o mais claro na sua dinâmica por duas razões: primeiro, por ser um grupo sem muitas interferências de pessoas e de grupos externos, constituindo, entre os três, aquele que conviveu mais tempo junto, em condições de isolamento e, muitas vezes, de confinamento. Isso nos permitiu a identificação das dinâmicas e dos papéis desempenhados nas encenações imaginárias do grupo. Segundo, o grupo também apresentou um relato *naïve*, por ser a primeira vez que a maioria de seus integrantes foi à Antártica. Isso nos permitiu visualizar mais claramente a interação processada em seu interior, o delineamento da liderança formal e informal, por exemplo.

“Os embarcados” foi o que nos apresentou maior dificuldade para ser compreendido como um grupo. O ambiente do navio, por si só, consistiu, a nosso ver, uma ‘amarra’ que impediu o encontro e a interação entre os pesquisadores. Já fizemos alguns comentários na seção de sua análise, no entanto, um dos pontos cruciais foi a percepção de falta de contato entre seus integrantes. Não ficou claro se eles estavam embarcados na mesma época e na mesma viagem. Também não conseguimos falar novamente com seus integrantes para esclarecermos isso.

Entretanto, conseguimos identificar as interações intergrupais e reconhecer a liderança central no comandante embarcado.

O grupo “os pesquisadores da estação” constituiu um material riquíssimo, pois a maioria dos integrantes desse grupo já tinha larga experiência em pesquisa na Antártica e na convivência de grupo. A interação intra e intergrupais pôde ser avaliada de forma muito clara. Permitiu-nos constatar as diferenças existentes entre o grupo que fica no verão e o que fica no inverno. As relações intergrupais com o grupo base da estação, considerado por nós como um grupo virtual, promoveram transferências laterais de um grupo para o outro, produzindo, assim, uma troca constante entre as culturas civil e militar. Isso proporcionou uma dialética nas identificações intergrupais, ou seja, os pesquisadores assimilaram alguns comportamentos dos militares e estes dos civis, com o intuito de preservação do grupo e de sobrevivência em ambiente isolado e confinado. A liderança do chefe da estação, já não era tão absoluta como a do comandante embarcado do navio. Na Estação Ferraz há um equilíbrio maior de forças, no sentido dado por Lewin (1965), de forma a organizar um campo psicológico propício para as lideranças paralelas do grupo dos pesquisadores (equipes, clube de amigos e outros). Pôde-se comprovar que, de forma unânime, os integrantes do grupo “os pesquisadores da estação” consideraram que alcançar os objetivos de seus trabalhos de pesquisa depende da personalidade do chefe da Estação.

O grupo na Antártica, sem dúvida, é uma forma de convivência compulsória, nas palavras de um subgrupo: “*não tem outro jeito, você tem que conviver em grupo*”. O que nos leva a avaliar a importância deste nosso trabalho e sua contribuição para a compreensão de grupos vivendo em isolamento e confinamento na Antártica, no Ártico, em reservas isoladas, ou em outras circunstâncias de isolamento físico ou psíquico. Certamente é uma contribuição para a sociedade brasileira compreender o papel do Brasil na pesquisa Antártica e, ainda, tornar patente a realidade de que a população da Antártica, um grupo vivendo em ambiente isolado e confinado, representa um laboratório natural para o estudo do comportamento humano (PALINKAS, 2003).

Também pudemos verificar a relação de amor e de respeito dos pesquisadores brasileiros com a Antártida, em geral, e com a Estação Ferraz em particular. E quão importante o grupo considera a passagem na Antártica, a convivência de grupo isolado, como fonte de transformação e de crescimento pessoal, criando rituais

próprios daquele ambiente, como forma de estabelecer uma linguagem cultural e uma identidade de grupo.

Este trabalho possibilitou-nos avaliar como existem várias possibilidades de investigação no campo da saúde, como a relação saúde e ambiente, a influência do ambiente extremo no funcionamento psicossomático dos habitantes temporários da EACF e dos acampados.

Pretendemos finalizar, considerando respondida nossa pergunta inicial: Como avaliar um grupo dentro de uma visão exploratória, cuja proposta qualitativa se centra em uma leitura dos fenômenos grupais, a partir do relato dos cientistas. Conseguimos, portanto atingir nosso objetivo inicial.

Referências:

- ANZIEU D. O Monitor e a sua Função Interpretante. In: O trabalho psicanalítico nos grupos. Lisboa: Moraes, 1978.
- BACHELARD G. Intimate Immensity. In: The Poetics of Space. Nova York: Orion Press; 1994.
- BÉJARANO A. Resistência e Transferência nos Grupos. In: O trabalho psicanalítico nos grupos. Lisboa: Moraes, 1978.
- BÉRGSON H. Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- BERGER PL, LUCKMANN T. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes; 1995.
- BION WR. Experiências com Grupos. Rio de Janeiro: Imago; 1975.
- BLAIR SM. The Antarctic Experience. In: From Antarctica to Outer Space: Life in Isolation and Confinement. Nova York: Springer-Verlag; 1991.
- BLEGER J. Temas de Psicología (Entrevistas y grupos). Buenos Aires: Nueva Visión; 1979.
- _____. O Grupo como Instituição e o Grupo nas Instituições. In: A Instituição e as Instituições. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1991.
- BOADELLA D. Lifestreams: An Introduction to Biosynthesis. Londres: Routledge & Kegan Paul; 1987.
- CÂMARA MC de A. Para Além do Clausto Bipessoal: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1999.

- CAPOZOLI U. Antártida a última terra. São Paulo: Edusp; 1995.
- CIRM. Brazil in Antarctica, Exchange Information (1999/2000). Brasília: Ct. Comunicação; 1999.
- CIRM. Brazil in Antarctic, Exchange Information. Brasília: CIRM; 2004-2005.
- COELHO A P. Nos confins dos três mares... a Antártida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora; 1983.
- CRIST PA. Nature, Character and Personality: Part I. In: The Journal of Orgonomy. Princeton: Orgonomic Publications; 27(1): 48-60; 1993.
- DA MATTA R. O Trabalho de Campo como um Rito de Passagem. In: Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes; 1981.
- DAVIES FM. Intergroups Relations. In: Small Groups. An Introduction. Westport: PRAEGER; 1996.
- FOULKS SH, ANTHONY EJ. Group Psychotherapy. Londres: Penguin Books; 1965.
- FREUD S. Civilization, Society and Religion: Group Psychology, Civilization and its Discontents and other works. Londres: Penguin Books. 1987.
- _____. Jokes and their Relation to the Unconscious. Londres: Pelican Books. 1978
- _____. Totem Tabu. Londres: Routledge & Kagan; 1975.
- GARCIA-ROZA LA. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1988.
- _____. Psicologia Estrutural em Kurt Lewin. Petrópolis: Vozes; 1974.

- GENTIL HS. PAUL RICOEUR: A presença do outro. In: Mente, Cérebro & Filosofia, Fundamentos para a Compreensão Contemporânea da Psique. São Paulo: Duetto; 2008
- HARE AP. Roles and Relationships. In: Small Group: An Introduction. Connecticut: Praeger. 1996.
- _____. A Functional Interpretation of Interaction. In: Small Groups and Social Interaction. Nova York: John Wiley & Sons. 1983.
- HEIDEGGER M. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes; 1988.
- IÑIGUEZ L. Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais. Petrópolis: Vozes; 2004.
- JUNG C. Man and his Symbols. Londres: Aldus Books. 1964.
- KAËS R. El Aparato Psíquico Grupal: construcciones de grupo. Barcelona: Granica; 1977.
- _____. Seminários ‘Analíticos’ de Formação: Situação Social-Limite da Instituição. In: O trabalho psicanalítico nos grupos. Lisboa: Moraes; 1978.
- _____. O Grupo e o Sujeito do Grupo. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo São Paulo: Casa do Psicólogo; 1997.
- LAMBERT WW, LAMBERT WE. Psicologia Social. Rio de Janeiro: Zahar; 1966.
- LA PORTA EM. Estudos Psicanalítico dos Rituais Afro-Brasileiros. São Paulo: Atheneu; 1979.
- LAPLANCHE E PONTALIS J. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- LEFÈVRE F, LEFÈVRE AMC. O discurso do Sujeito Coletivo: Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: Educ; 2005.

LEWIN K. Resolving Social Conflicts. USA: Souvenir Press; 1948.

_____. Teoria de Campo em Ciência Social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora; 1965.

LOSICER E. Confinados! Comunicação oral. III Encontro Latino-americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 2002.

LONG S. A structural analysis of small groups. Londres: Routledge; 1992.

LUGG DJ. The adaptation of small group to life on an isolated Antarctic station. Polar Human Biology. Londres: Heinemann; 401-409; 1973.

_____. Researchers Become their Own Harsh Experiment. In: AMA GAZZETE; 266: 18-20; 1981.

_____. Human Interaction with the Environment: Current Australian Research and its Applications to Space. In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e Medicinal. Itália: Atti; 61-62; 2000.

MACHADO MCS, BRITO T. Antártica. Coleção Explorando o Ensino, Volume 9. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; 2006.

MALINOWSKI B. A Scientific Theory of Culture and Other Essays. Nova York: Oxford University Press; 1960.

_____. Argonautas do Pacífico Ocidental. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultura; 1978.

MARGULIS SR. Privacy as a Social Issue and Behavioral Concept. In: Journal of Social Issues. Washington D.C. : Blackwell; 59: 243-261; 2003.

_____. On the Status and Contribution of Westin's and Altman's Theories of Privacy. In: Journal of Social Issues. Washington D.C. : Blackwell; 59: 411-429; 2003.

- MARTINS NE. Retorno a Ferraz: Histórias de um Pioneiro. Brasília: UnB; 1998.
- MAVROMATAKI M. Mitología Griega. Atenas: Hattalis. 1997.
- MCDOUGALL W. The Group Mind. Cambridge: University Press; 1920.
- MILANO D. Poesias e prosa. Rio de Janeiro: Sabiá; 1971.
- MINAYO MC de O. O Desafio do Conhecimento. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco; 1993.
- MISSENARD A. Identificação e processo grupal. In: O trabalho psicanalítico nos grupos. Lisboa: Moraes; 1978.
- NELSON PD The Indirect Observation of Groups Under Confinement and Isolation. in: Man in Isolation and Confinement. USA: Aldine; 167-193; 1973.
- NIETZSCHE F. Ecce Homo: how one becomes what one is. Inglaterra: Penguin Books; 1979.
- PALINKAS LA. The Psychology of Isolated and Confined Environments. In: The American Psychological Association 58 (5): 353-363; May 2003.
- PALINKAS LA, HOUSEAL M. Stages of Change in Mood and Behavior During a Winter in Antarctica. Environment & Behavior. Califórnia: Sage 32(1): 128-141; Janeiro 2000a.
- PALINKAS LA. Behavioral Correlations of Hypothalamic-Pituitary- Thyroid (HTP) Functions in Antarctica. In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e MedicinaI. Itália: Atti, 107-116; 2000b.
- PALINKAS LA, JOHNSON JC, BOSTER JS, HOUSEAL M. Longitudinal Studies of Behavior and Performance During a Winter at the South Pole. Vancouver: Aviation, Space, and Environmental Medicine 69(1): 73-77; Janeiro 1998.

- PALINKAS LA, LESTER RH, NHAN DO. Association between the Polar T3 Syndrome and the Winter-Over Syndrome in Antarctica. *Antarctic Journal – Review*; 1997.
- PALINKAS LA, BROWNER D. Stress, coping and depression in U.S. Antarctic Program personnel. In: *Antarctic Journal of the United States* 26, 240-241; 1991.
- PESSOA F. Seleção Poética. Rio de Janeiro: Biblioteca Manancial; 1971.
- PIAGET J. Epistemologia Genética. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril; 1978.
- PONTALIS JB. Sonhos, num grupo. In: *O trabalho psicanalítico nos grupos*. Lisboa: Moraes; 1978.
- PRIGOGINE I. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora Unesp; 1996.
- _____. *Ciência, razão e paixão*. Belém: EDUEPA; 2001.
- RAMADIER T. Transdisciplinary and its challenges: the case of urban studies. *Futures, Strasbourg: Elsevier* 36: 423-439; 2004.
- RATTNER J. *Terapia de Grupo: A Psicologia do Futuro*. Petrópolis: Vozes; 1977.
- REICH W. *Ether, God and Devil: Cosmic Superimposition*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux; 1979.
- _____. *Character Analysis*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux; 1994.
- RIVOLIER J. Multiplicity and Complexity of Human Adaptation to Extreme Environments. In: *Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e MedicinaI*. Itália: Atti, 8-1; 2000.

- RIVOLIER J, GAUD R, CAZES G, BACHELARD C. Preliminary Study of the Maladjustment Manifestations During the Polar Winter-Over. In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e Medicinal. Itália: Atti; 63-66; 2000.
- RODRIGUES AL, GASPARINI ACLF. Uma perspectiva psicossocial em Psicossomática: via estresse e trabalho. In: Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
- SANTOS B de S. Um discurso sobre as Ciências. São Paulo: Cortez; 1987.
- SECIRM, Programa Antártico Brasileiro: Estação Antártica Comandante Ferraz. Brasília: Editora UNB; 1998.
- SCHILD P. Tratado de Psicoterapia. Buenos Aires: Paidós; 1965.
- _____. Imagen y Apariencia Del Cuerpo Humano. Buenos Aires: Paidós; 1977.
- SILVA Deonísio da. A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Arx; 2002.
- STEEL GD. Polar Moods: Third-Quarter Phenomena in the Antarctic. *Environment & Behavior*. Sage 33(1): 126-133; Janeiro 2001.
- _____. Polar Bonds, Environmental Relationships in the Polar Regions. *Environment & Behavior* 32(1): 796-816; Novembro 2000.
- SUEDFELD P, WEISS K. ANTARCTICA- Natural Laboratory and Space Analogue for Psychological Research. *Environment & Behavior*. Sage 32(1): 7-17; janeiro 2000.
- TAYLOR AJW. Antarctic Psychology. Wellington: SIPC. 1987.

URSIN H et col. Psychobiological Studies of Individuals in Small Isolated Groups in the Antarctic and in Space Analogues. *Environment & Behavior*. Sage 23(6): 766-781; 1991.

VALADARES JC. Espaço Ambiente e Situação do Sujeito. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Pública da Fundação Oswaldo Cruz; 1994.

WINNICOTT DW. The Place where we Live. In: *Playing and Reality*. Londres: Penguin Books; 1974.

_____. The Capacity to be Alone. In: *The Maturational Process and the Facilitating Environment*. Londres: The Hogarth Press; 1972.

WOLLHEIM R. As idéias de Freud. São Paulo: Cultrix; 1971.

Consultas à INTERNET:

CADENAS L. Acessado em 10/04/2008. Internet: www.algosobre.com.br/direito-administrativo/princípio-da-hierarquia.html

RAMADIER T. Transdisciplinarity and its challenges: the case of urban studies. Acessado em 2/01/2008. Internet: <http://www.sciencedirect.com/science?>

MALTEZ JA. Acessado em 10/04/2008. Internet: <http://maltez.info>

SLAVUTZKY, A. A piada e sua relação com o inconsciente ou a psicanálise é muito séria. Acessado em 14/04/2008.

Internet: <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Slavutzky.htm>

SANTOS A. O que é Transdisciplinaridade? Rural Semanal. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Pt 1); 2005. Internet: http://www.ufrj.br/leptrans/link/O_QUE_E_TRANSDISCIPLINARIDADE.doc
Acessado 02/01/2008.

Leitura Complementar:

AUGRAS M. História oral e subjetividade. In: Os Desafios Contemporâneos da História Oral (Mesa Redonda). Campinas: Centro de Memória-Unicamp; 27-37; 1997.

BARLACH L. O que é Resiliência Humana? Uma Contribuição para a Construção do Conceito. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2005.

BIRMAN Joel. Psicanálise, Ciência e Cultura. Pensamento Freudiano III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1946.

BHARGAVA R, MUKERJI S, SACHDEVA U. Psychological Impact of the Antarctic Winter on Indian Expeditioners. Environment & Behavior Janeiro; 32(1): 111-127; 2000.

BURNS R, SULLIVAN P. Perceptions of Danger, Risk Taking, and Outcomes in a Remote Community. Environment & Behavior Janeiro; 32(1): 32-71; 2000.

CAPRA F. The Web of Life. Nova York: Anchor Books; 1996.

CENNI P. Psychophysiological Changes in a Sample of Antarctic Expedition Members. In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e MedicinaI. Itália: Atti; 73-75; 2000.

CONTANDRIOPOULOS AP et al. Saber Preparar uma Pesquisa. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec Abrasco; 1994.

FERNANDES MIA. Mestiçagem e Ideologia: Algumas reflexões sobre a negatividade na construção dos laços sociais. (Título de Livre-Docente em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo; 2003.

FIGUEIREDO MG. O Trabalho de Mergulho Profundo em Instalações Petrolíferas “offshore” na Bacia de Campos: Confiabilidade e Segurança em Meio à Guerra de “Hihglander” contra Leviatã. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Coordenação de Pós-Graduação de Engenharia da UFRJ; Junho 2001.

FISCHER GN. Psicologia Social do Ambiente. Lisboa: Instituto Piaget; 1990.

FREUD S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: SIGMUND FREUD. Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago 1969.

_____. On Metapsychology; The Theory of Psychoanalysis. Londres: Pelican Books; 1987.

GODWIN JR. A Preliminary Investigation into Stress in Australian Antarctic Expeditioners. SPRI Polar Symposia 1:9-22; 1991.

_____. Preliminary Investigation into Stress in Australian Antarctic Expeditioners. SPRI Polar Symposia. Inglaterra; 1: 9-22; 1991.

GUATTARI F. As Três Ecologias. Campinas: Papirus; 2004.

GUILLAUME P. Psicologia da Forma. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1960.

JAPIASSU H. Introdução à Epistemologia da Psicologia. Rio de Janeiro: Imago; 1982.

KRAFT NO, INOUE N, MIZUNO K, OHSHIMA H. Psychological Changes and Group Dynamics During Confinement in an Isolated Environment. Aviation Space Environment Medicine. Aerospace Medical Association (ASME); 73 (2): 85-90; 2002.

LAW P. Personality Problems in Antarctica. The Medical Journal of Australia. Sydney: Australian Medical Publishing Company; 273-282; 1960.

- MORIN EO. Enigma do Homem. Para uma nova Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar; 1975.
- PALMAI G. Psychological Aspects of Transient Populations in Antarctica. Medicine and Public Health in the Arctic and Antarctic. Geneva: WHO; 1962.
- PERI A, SCARLATA C, BARBARITO M. Preliminary Studies on the Psychological Adjustment in The Italian Antarctic Summer Campaigns. Environment & Behavior. Sage Publications Janeiro 2000; 32(1): 72-83.
- PERI A, RUFFINI MC. Study of the Behavioral Traits Representative of the Psychosocial Adjustment in an Italian Antarctic Expedition In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e Medicinal. Itália: Atti; 79-87; 2000.
- PERI A, BARATTONI M, SCARLATA C. Dynamics and Inter/Intrapersonal Relations within an Isolated Group in Extreme Environment. In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e Medicinal. Itália: Atti ; 88-91; 2000.
- POTTER JJ, YAN XW, KRUG NS, KUIVINEN KC, ENGLAND ME. Polar Field Tent Shelters and Well-Being of Users. Environment & Behavior. Sage 30(3): 398-420; May 1998.
- QUARTAROLO A. The Psychological Selection, Preparation, Support, and Research Activity in the Uruguayan Station. In: Programma Nazionale di Ricerche in Antartide. Area Tematica Umana e Medicinal. Itália: Atti; 103-106; 2000.
- RODAHL K. Man in Antarctica. The Life Sciences in Antarctica. National Academy of Sciences – National Research Council. Washington, D.C. (839 Pt I); 1961.
- ROSNET E, LE SCANFF C, SAGAL MS. How Self-Image and Personality Influence Performance in an Isolated Environment. Environment & Behavior. Sage; 32(1): 18-31; Janeiro 2000.

- SEVALHO G. A Epidemiologia e o Tempo (Uma discussão sobre a percepção do tempo pela ciência epidemiológica). (Tese de Doutorado) Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 1999.
- PENA-VEGA A. O Despertar Ecológico: Edgar Morin e a Ecologia Complexa. Rio de Janeiro: Garamond; 2003.
- PENA-VEGA A, NASCIMENTO EP (orgs.). O Pensar Complexo. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond; 1999.
- RICHARDSON RJ e colaboradores. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas; 1942.
- ROMESÍN HM. Da Biologia à Psicologia. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
- STRANGE RE; YOUNGMAN SA. Emotional aspects of wintering over. In: Antarctic Journal. Estados Unidos: University of Wisconsin-Madison. 255-257. Novembro-dezembro, 1971.
- WEISS K, SUEDELD P, STEEL GD, TANAKA M. Psychological Adjustment During Three Japanese Antarctic Research Expeditions. Environment & Behavior. Sage 32(1): 142-156; Janeiro 2000.
- WICKEN, Jeffrey S. The Natural Ecology of Human Ecology. In: Advances in Human Ecology. Connecticut: JAI Press Inc. 1: 101-118; 1992.
- WOOD J, HYSOONG SJ, LUGG DJ, HARM DL. Psychological Changes in Hundred-Day Remote Antarctic Field Groups. Environment & Behavior. Sage 31(3): 299-337; Maio 1999.
- WOOD J, HYSOONG SJ, LUGG DJ, HARM DL. Is It So Bad? A Comparison of Positive and Negative Experiences in Antarctic Winter Stations. Environment & Behavior. Sage 32(1): 84-110; Janeiro 2000.